Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Kalyandra Vaz

Comunicação e sociabilidade comunitária:

no ritmo dos fotologs

Rio de Janeiro
2005

Kalyandra Vaz

Comunicação e sociabilidade comunitária:
no ritmo dos fotologs

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Novas Tecnologias da Comunicação e Cultura

Orientador: Prof º. Dr º. João Luis de Araújo Maia

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V393 Vaz, Kalyandra.

Comunicação e sociabilidade comunitária: no ritmo dos fotologs / Kalyandra Vaz - 2005.
133 f.

Orientador: João Luis de Araújo Maia.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Realidade virtual – Teses. 2. Comunicação de massa e tecnologia – Teses. 3. Sociabilidade – Teses. 4. Interação social – Teses. I. Maia, João Luis de Araújo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

CDU 007

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

_____ _____

Assinatura Data

Kalyandra Vaz

Comunicação e sociabilidade comunitária:

no ritmo dos fotologs

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Novas Tecnologias da Comunicação e Cultura

Aprovada em: 09 de setembro de 2005.

Banca examinadora:

_____

Prof º. Drº. João Luís de Araújo Maia (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

_____

Prof º. Drº. Ricardo Ferreira Freitas
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

_____

Prof º. Drº. André Luiz Martins Lemos
Faculdade de Comunicação da UFBA

Rio de Janeiro

2005

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado aos meus pais e
à memória de José Santos de Pontes, meu tio

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre acreditou no meu potencial. Obrigada por todo o apoio material e psicológico, imprescindíveis para a feitura deste trabalho. Obrigada pelo amor e pela confiança incondicional...

A João Maia, meu orientador e amigo. Obrigada pela paciência, pelo incentivo e pelos ensinamentos.

À Maíra Nunes, minha irmã, que dividiu comigo as angústias e dificuldades de um novo projeto de vida.

À meus amigos de hoje e sempre, Marcelo Teixeira, Julliana Veloso, Ricardo Farias, Kaylle e Kalyne Vieira, Joelma Guedes, Agda Pontes de Aquino, Renato Carneiro, Felipe Silveira, Felipe Rondon, Carlota Pires de Alencar, Emília e Flávio Corrêa de Mello. Obrigada pelo apoio e compreensão. Existe um pouco de cada um de vocês neste trabalho.

A Danton Dantas. Obrigada pela paciência, pela compreensão nos momentos de cansaço e pelo desejo de “pertencer” à minha vida e de crescer comigo.

À todos que contribuíram de alguma forma para o que aqui está escrito.

“De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas
a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira,
e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?”

Michel Foucault

RESUMO

VAZ, Kalyandra Pontes. *Comunicação e sociabilidade comunitária*: no ritmo dos fotologs. 2005. 133f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Esta dissertação tem como principal objetivo compreender de que modo se apresenta a "sociabilidade" contemporânea e quais são as influências das novas tecnologias da comunicação nos espaços de convivência social engendrados pela Internet, em especial os fotologs. Partimos da hipótese de que a sociabilidade contemporânea, estruturada em redes, é marcada pela tensão entre o tempo veloz das tecnologias e o tempo lento da banalidade, do cotidiano. A volta do ideal comunitário, o desejo de uma conexão permanente com o mundo e com o outro, a identificação com "estilos de vida", a partilha de emoções e intimidades e a valorização da "história miúda" são as principais características desta sociabilidade comunitária que ganha força em um mundo onde a comunicação é cada vez mais mediada por computadores.

Palavras-chave: Comunidade. Sociabilidade. Fotologs.

ABSTRACT

This dissertation has as main goal the comprehension of contemporary “sociability”, how it presents itself and which are the influences of the communication technologies in the social environments through the Internet, especially in photologs. Starting from the concept of contemporary sociability, strutctured in networks, it is hightlighted by the tension between the high-speed pace of the technologies and the slow-motion futilities of the everyday life. The return of the communal ideal, the desire for a permanent link with the world and other individuals, the identification with different “life styles”, along with a sharing of emotions and intimacies and the valuing of “individual personal stories”, are the main characteristics of this communal sociability, which gains strength in a world where communication is increasingly mediated by computers.

Keywords: Community. Sociability. Photologs.

SUMÁRIO

I. **INTRODUÇÃO** 09

II. **O TEMPO NA HISTÓRIA** 19

II.1. **As novas tecnologias e o tempo** 20

II.2. **Fragmentos de uma história do tempo** 23

II.3. **Velocidade e lentidão. O tempo em tensão** 34

III. **COMUNIDADE SEMPRE** 40

III.1. **O conceito clássico de comunidade** 41

III.2. **A comunidade nos tempos da Internet** 46

III.2.1 Novas imagens de comunidade 51

IV. **CULTURA DO SENTIMENTO** 56

IV.1. **Estilo de vida e a busca do estar-junto** 64

IV.2. **O cotidiano fantástico** 79

V. **A COMUNIDADE DOS "FLOGGERS"** 84

V.1. **"Dona Arlinda" e "Garoto Saco": gente da Rede** 94

VI. **CONCLUSÃO** 113

VII. **BIBLIOGRAFIA** 117

VIII. **ANEXOS** 122

Anexo A – O corpo em evidência 123

Anexo B – Tudo é arte 125

Anexo C – A alma das cidades e dos eventos 127

Anexo D – Curiosidades: a morte e o "universo dos fotologs" 129

Anexo E – "Cibercelebridades" – "Fama" na Internet chega às ruas 133

I - Introdução

> ...só preciso que duas pessoas leiam isso... duas amigas queridas que eu amo demais e que não estão muito bem ultimamente... Gaby e Mari... Nossa, meninas, tipo... a gente nem se conhece pessoalmente né? Bizarro isso... mas eu amo vcs duas, vcs são minhas irmãzinhas e não gosto de vê-las sofrendo... vocês não merecem isso. (...) Vocês já sabem de tudo pelo que passei, já contei tudo para vocês... olha pra mim hoje... as coisas mudam não eh mesmo? =) (...) vocês são duas meninas raras de se encontrar hoje em dia... não é a toa que são minhas amigas, sei selecionar minhas amizades... (...) Amo muito vocês e quero ver vocês sempre felizes... (...) tudo passa e vocês vão ser felizes demais ao lado de pessoas que realmente mereçam ter vocês ao lado. (...) Bjos lindonas !!!!!!!!!!!!!!!!! Fiquem bem, irmãzinhas lindas =)[1]

Até pouco tempo atrás textos como o acima causavam um certo estranhamento por deixarem transparecer características incomuns nos relacionamentos, como a amizade construída à distância, tela a tela, sem que os amigos se conheçam pessoalmente. Atualmente, estes exemplos suscitam reflexões acerca de novos valores que (re)nascem no corpo social, como o ideal comunitário, marcado pela busca do "estar-junto" e embasado pelos sentimentos de afetividade, intimidade e "estilo de vida".

Antes da década de 90 os relacionamentos caracterizados pela ausência de contato físico, quer sejam de amizade, ou, mais difícil ainda, de envolvimento amoroso, eram raros. Desde o momento em que os sistemas de correio ganharam mais credibilidade e eficiência, por volta do século XIX, os laços sociais também puderam se formar e serem mantidos através de correspondências, sem a necessidade de os correspondentes dividirem o mesmo espaço físico, a mesma rua, a mesma cidade, ou o mesmo país.

Porém, algo muito diferente do que presenciamos hoje, com a revolução microeletrônica e o desenvolvimento de novos meios de comunicação, sobretudo a Internet[2].

---

[1] www.fotolog.net/sabrina

[2] Não pretendemos aqui discorrer sobre a criação da Internet. Para conhecer mais sobre a história da Internet Ver Castells (1999).

Este trabalho surge de uma ambição, qual seja, a de compreender de que maneira a noção de “sociabilidade” se apresenta em um mundo cada vez mais permeado pelo ritmo das tecnologias de informação e comunicação, ou, mais especificamente, de que forma, no mundo contemporâneo, dão-se os relacionamentos sociais mediados pela rede mundial de computadores, a Internet.

Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que a “sociabilidade” contemporânea é estruturada em redes e que essas agregações sem estruturas formais ou institucionalizadas serão observadas no “ciberespaço” e focadas especificamente nos fotologs. A identificação com “estilos de vida” de outros usuários, ampliando as redes de amizade, a partilha de intimidades e a valorização do cotidiano são, no nosso entendimento, as principais características dessa “sociabilidade” comunitária mediada por computador.

No primeiro capítulo concentramos nossos esforços no sentido de compreender, a partir de autores como Elias, Sevcenko, Whitrow e Maffesoli, o que vem a ser a categoria tempo no campo da Sociologia, deixando de nos aprofundar, portanto, no conceito de tempo para a Filosofia e para a Física. Desta forma, nossa pretensão é construir um olhar sobre o tempo não-filosófico, mas o tempo construído socialmente, compartilhado pelos homens em seu cotidiano; o tempo visto a partir de sua função sociológica de coordenador das atividades humanas e integrador interno e externo das sociedades.

O que nos interessa, pois, é compreender como a percepção do tempo, em seu caráter estritamente social, varia conforme as novas realizações técnicas e as mudanças nos mecanismos de interação social. Além de lançarmos um olhar sobre como nossa forma de percepção do tempo foi alterada ao longo da História, buscamos, neste capítulo que trata do tempo, compreender como se configura, na contemporaneidade, uma tensão cada vez maior entre o tempo veloz dos microcomputadores, da produção, e o tempo lento da resistência, do cotidiano, do banal.

A tensão entre estes dois tempos e a inserção crescente das novas tecnologias no cotidiano dos indivíduos provocam novas discussões acerca de um conceito caro à Sociologia: o conceito de comunidade. Compreender o conceito sociológico clássico de comunidade, pensado nos séculos XIX e XX por Ferdinand Tönnies, Georg Simmel, Max Weber e Louis Wirth, e refletir sobre um necessário “alargamento” deste conceito

com vistas a abarcar as novas formas de “sociabilidade” que surgem da relação cada vez mais complexa entre o homem e a máquina é nossa intenção no segundo capítulo deste trabalho.

Na tentativa de compreender as novas formas de “estar-junto”, marcadas pela coexistência da hipervelocidade e da lentidão, pela revalorização do sentimento, pelo desejo de “pertença”, e ainda, por uma estetização da vida cotidiana, tomamos por base, no nosso quarto capítulo, “Cultura do Sentimento”, os ensinamentos de Maffesoli e Sennett.

Defendendo diferentes pontos de vista, os autores concordam em que a intimidade adquire um novo *status* na contemporaneidade, com mudanças significativas para a “sociabilidade”. Também discutimos neste capítulo, a partir de Zygmunt Bauman e André Lemos, os mecanismos que favorecem, na atualidade, o “estar-junto” e que revalorizam o tempo banal do cotidiano.

O fotolog – objeto empírico deste nosso trabalho –, surge como mais um “espaço” para a “sociabilidade” na Internet, propiciando a formação de novas tribos, novas comunidades no “ciberespaço” marcadas pela identificação com “estilos de vida”, pelo desejo permanente de conexão com o outro e pela ação dos “agentes comunicacionais” que servem como mediadores entre o tempo da velocidade e o tempo lento na tecitura de novas “redes de sociabilidade”. Apoiados nas idéias de Maffesoli, Bauman e Maia, procuramos compreender no capítulo “A comunidade dos floggers” de que forma a “gente da Rede”, ou seja, os floggers (proprietários de fotologs), faz, e vive, comunidade.

Para desenvolver nossa pesquisa de campo, analisamos os fotologs sob categorias previamente definidas. De acordo com a temática e a finalidade com a qual o objeto fotolog é usado, pudemos estabelecer algumas categorias, como: corpo, arte, eventos e cidades, curiosidades (a morte) e “cibercelebridades”.

De forma a delimitar nossa pesquisa, observamos as características de quatro fotologs de cada categoria pré-definida durante o período de agosto de 2004 a agosto de 2005.

Mudanças significativas ocorreram nas últimas décadas, alterando sobremaneira a cultura, a percepção do tempo e do espaço, e provocando importantes alterações nas

formas de sociabilidade do indivíduo pós-moderno, ou do indivíduo da “Modernidade Tardia” ou da “Alta Modernidade”, como quer Anthony Giddens.

De acordo com Giddens (1991), que atribui a Jean-François Lyotard a popularização da noção de pós-modernidade, vivemos sim um período de mudanças, de crise ou instabilidade, mas não há razões para entendermos o cenário contemporâneo como um novo período histórico.

Para o autor, ainda não vivemos a pós-modernidade, embora já seja possível encontrar na contemporaneidade a emergência de modos de vida e formas de “sociabilidade” que divergem daqueles que surgiram junto com a Modernidade. Giddens acredita que o que está em curso é uma radicalização da Modernidade e não seu ocaso (Giddens, 2001, p. 58).

Seguimos o pensamento do autor quando ele reconhece que o mundo contemporâneo se mostra com aspectos diferenciados daqueles a que nos acostumamos a elaborar como característicos da Modernidade, especialmente no campo social. Giddens explica que o que está acontecendo atualmente é apenas uma radicalização e universalização das conseqüências da Modernidade. Estaríamos, conforme ele, presenciando a emergência de uma ordem diferente, que está sendo chamada de pós-moderna, mas que, entretanto, seria algo diverso do que é denominado por muitos de pós-modernidade. O autor prefere se referir à contemporaneidade como “Modernidade Tardia” ou “Alta Modernidade”.

Acreditamos que vivemos atualmente sob a égide de uma nova ordem, o que não implica, porém, afirmarmos que saímos da Modernidade para inaugurarmos uma nova fase histórica, a Pós-modernidade. Optamos, portanto, neste trabalho por usar o termo “contemporaneidade” para nos referirmos à fase atual da sociedade.

Um dos indícios que nos levam a crer que uma nova ordem social se desvela é representado através dos “modos de vida” que instauram novas sociabilidades, como os fotologs (ou flogs) – o objeto deste nosso trabalho.

Segundo Luís Carlos Fridman (2000), tais mutações no ambiente cultural estariam se dando em proporções semelhantes às que ocorreram quando das profundas transformações industriais, tecnológicas e trabalhistas da segunda metade do século XIX na Europa, ou seja, assemelham-se em importância às profundas transformações industriais, tecnológicas e trabalhistas que culminaram em amplas repercussões nas

relações sociais. Daí a possibilidade, no seu ponto de vista, assim como no de muitos outros teóricos, como Stuart Hall (2001), de consideramos a atual fase de desenvolvimento social uma fase nova, que solaparia a Modernidade e que, portanto, poderia ser chamada de pós-modernidade.

O ator social contemporâneo seria, para Fridman, o sujeito pós-moderno, que se forma a partir das características de uma sociedade – a pós-moderna – marcada pela globalização, pela comunicação instantânea, pela volatilidade do capital, pela ação a distância, por novos *apartheids* sociais, pela fragmentação do sujeito e pela predominância da mídia na constituição do universo simbólico das grandes massas.

O tempo acelerado e o "eu em pedaços"

As mudanças são cada vez mais rápidas e constantes. Nada mais é permanente e a Internet pode ser considerada uma das peças mais importantes desta "engrenagem" que a cada momento trabalha em ritmo mais acelerado. É o tempo da "hipervelocidade", a velocidade dos microprocessadores. Esse ritmo serve de marcação para as novas redes de interconexões entre os indivíduos que se formam na Internet, muitas delas a partir dos fotologs.

Essa mudança na percepção do tempo acarreta transformações em todas as áreas da existência e, como não poderia deixar de ser, também nas formas de sociabilidade que surgem com as novas tecnologias de comunicação, sobretudo com a popularização dos computadores e da Internet. "Nessa sociedade altamente mecanizada, são os homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas, e não o contrário" (Sevcenko, 2001, p. 62).

Portanto, quando se procura compreender as características das novas formas de agregação, é essencial examinar de que forma o homem contemporâneo experimenta o ritmo de que fala Sevcenko, que, sem dúvida, serve de marcação para as relações que se estabelecem entre os indivíduos.

Para muitos autores, como Stuart Hall, vivemos um momento em que há uma fragmentação do sujeito moderno, que era visto como unitário e dotado de uma identidade estável e permanente. O sujeito pós-moderno – como Hall (2001) se refere ao homem contemporâneo – não tem identidade fixa, assume diferentes identidades em

diferentes momentos (identidade flutuante) e não tem estas identidades unificadas em torno de um “eu” coerente.

Esta mesma idéia é defendida por Anthony Giddens. Em seu livro “Modernidade e Identidade” (2002), ele trata das implicações da “Modernidade Tardia” e das tendências globalizantes na vida individual e coletiva.

Giddens explica que a “Modernidade” – que, segundo ele, ainda não teria acabado, e sim se acirrado – impõe a todos o processo de “encontrar-se a si mesmo”; o eu se torna um processo reflexivo, que envolve a constante revisão e transformação da auto-identidade à luz de novas experiências, conhecimentos ou informações. Seria um processo infinito que trabalha tão rápido quanto for a velocidade da circulação das informações; trabalha num ritmo cada vez mais acelerado.

Segundo Giddens, na Alta Modernidade “o eu alterado tem que ser explorado e construído como parte de um processo reflexivo de conectar mudança pessoal e social” (2002, p. 37).

Os indivíduos contemporâneos, sua identidade e formas de vida, estão em constante processo de transformação. Além dos elementos do ambiente social, também as idiossincrasias se constroem e se dissolvem incessante e permanentemente, acompanhando a aceleração das mudanças no âmbito global.

Fridman (2000) também defende a teoria do sujeito fragmentado, que se faz e refaz a cada dia e afirma que os “certificados de existência”, antes engessados pelas idéias iluministas, diluem-se. Cabe agora aos indivíduos, de acordo com o autor, inventarem a si próprios incessantemente, criar, através do pastiche, identidades transitórias que nunca se completam.

Nesta pesquisa, apoiados principalmente na obra do sociólogo Michel Maffesoli, partimos da hipótese de que os laços sociais formados a partir da Internet são marcados pela vontade de “estar-junto”, de viver em comunidade, em agregações sem estruturas formais ou institucionalizadas. Entendemos que existem normas que são seguidas nessas relações que surgem na Rede, mas elas são elaboradas no interior dos próprios grupos.

Acreditamos que é a partir da busca de alguém que, semelhante a nós, é dotado de uma identidade fragmentada – fragmentos que, unidos, definem um “estilo de vida” –, que construímos a intimidade, elemento que pensamos ser responsável pelo

surgimento dos grupamentos comunitários dentro e fora da Internet; intimidade com a identidade fragmentada dessas pessoas soltas na Rede, formando comunidade.

Para entender de que maneira se dá a formação de comunidades na Internet a partir dos "estilos de vida", e tendo com base de sustentação o desejo de "estar-junto", nos deteremos na observação de um dos "ambientes" da Internet que funcionam como espaços de convivialidade, de formação de grupos: os fotologs. Este será nosso objeto de estudo.

Defendemos a idéia de que no mundo contemporâneo o "estilo de vida" seria o responsável pelos grupos que se formam na Internet devido, principalmente, à vontade de agregação baseada na afetividade.

Os "estilos de vida" são rotinas incorporadas por vários aspectos do indivíduo, como os hábitos alimentares, o modo de se vestir, o modo de agir, os lugares que freqüenta e o modo de ser (Giddens, 2002). Os estilos de vida são mutáveis e podem ser revistos, refeitos ou mantidos conforme o "eu", que se acha eternamente em processo de transformação (projeto de construção reflexiva do "eu"), julgue conveniente.

Os estilos de vida seriam responsáveis pela formação de novas comunidades, mesmo aquelas em que a convivência social se dá sem a necessidade do contato físico entre os indivíduos que compartilham formas de ser e agir semelhantes, como as "comunidades de floggers". O que importa nestas relações são os valores simbólicos compartilhados.

O estilo de vida dos "floggers"

Surgido em 2002, após o sucesso dos blogs ("diários virtuais") e na esteira do aparecimento das máquinas digitais domésticas, o fotolog rapidamente se popularizou entre internautas (usuários da Internet) de todo o mundo por oferecer "hospedagem" gratuita, e sem limite de armazenamento, para imagens no formato digital em páginas pessoais de atualização rápida e fácil.

Os brasileiros são maioria no mais popular sistema de criação e manutenção de fotologs, o fotolog.net. Dos mais de 1.625.453 fotologs cadastrados[3] no mundo todo,

[3] Informação referente ao dia 13 de agosto de 2005, às 11:43, no sítio do Fotolog.net (www.fotolog.net). Não é possível saber com exatidão o número de brasileiros cadastrados no Fotolog. net porque a referência ao país a que pertence o fotolog pode ser trocada a qualquer momento pelo usuário.

cerca de 460.800 pertencem a usuários brasileiros. O sistema possui mais de 54 milhões de fotos armazenadas e o número de atualizações, isto é, de fotos "postadas" (publicadas), chega a ultrapassar 70 mil por dia.

Os "fotologgers" ou "floggers" – nome que se dá aos donos de fotologs – possuem hábitos, modos de ação e rotinas próprios, que constituem "estilos de vida". São formas de agir, de se comunicar e de se relacionar compartilhadas entre os participantes do "universo flogger", e fortemente marcadas pelos símbolos que formam esses novos espaços de convivência.

Quem mantém um fotolog dedica uma parcela de seu tempo à atualização das fotos ali exibidas e, por conseguinte, à criação e manutenção da rede de amizades que se estabelece principalmente a partir dos comentários, ou seja, recados deixados por outros internautas. Os "visitantes" de um fotolog deixam, juntamente com seus comentários, o endereço de seu fotolog, que pode ser visitado mais tarde pelo dono do fotolog onde ele deixou seu recado. Da mesma forma, cada fotolog possui uma lista de fotologs favoritos que também podem ser acessados pelos visitantes, ampliando a rede de relacionamentos.

"Floggers" brasileiros como o "Garoto saco"[4], que "posta", ou seja, "publica no fotolog", fotos em que sempre aparece com a cabeça coberta por um saco de papel, quer em casa ou em eventos públicos; ou como "Sinistra"[5], que usa seu flog como suporte para uma espécie de "fotonovela" de terror, chamada "Mansão Maliciosa", criada e encenada por ela mesma, com textos em português e inglês, servem como exemplos da dedicação dos "floggers" na manutenção de seus fotologs e, conseqüentemente, da rede de amizades que sustenta a sociabilidade comunitária. As fotos postadas por "Sinistra", nas quais ela aparece com figurino criado especialmente para seu personagem, são trabalhadas em programas de computador, onde recebem efeitos e são montadas. Um trabalho que confere características de uma superprodução à sua "fotonovela", e que rende muitas visitas de "floggers" que acompanham as peripécias da empregada doméstica "Sinistra" e de um gato falante numa velha mansão.

O "Garoto saco" e "Sinistra" atuam, mesmo de forma não deliberada, como "agentes comunicacionais" (Maia, 2004), na medida em que fazem circular idéias e reflexões, gerando novos fluxos de comunicação na Internet. Através deles, pontes se

[4] www.fotolog.net/garoto_saco
[5] www.fotolog.net/sinistra

estabelecem entre os indivíduos, redes sociais se formam. Os flogs mantidos por eles funcionam como novos espaços de sociabilidade, mantidos graças à contínua "postagem" de novas fotos, que atraem "floggers" visitantes. Uma rede de amizades pode então se desenvolver a partir das visitas e da troca de comentários entre "fotologgers".

O próprio "*layout*", ou seja, o visual, a forma como o fotolog é visto no monitor do usuário da Internet, já favorece a formação de comunidades por permitir ao "visitante" trafegar por outros fotologs, que são listados como "favoritos". Quem visita um determinado fotolog pode, desta forma, visitar uma verdadeira rede de "fotologs amigos" daquele fotolog, e, a partir destes outros fotologs, visitar outros tantos, numa cadeia infinita. Este trânsito entre fotologs conhecidos e "fotologs amigos" daquele fotolog visitado inicialmente é o que resulta, em última instância, na fundação de "laços" com características de uma sociabilidade comunitária. Um fotologger do Rio de Janeiro, por exemplo, pode ter uma rede de amizades que reúne pessoas (representadas na sua seção de "fotologs favoritos") de qualquer lugar do mundo.

Acreditamos que a partilha de "estilos de vida" semelhantes é uma das bases desta nova forma de sociabilidade comunitária que surge com os fotologs. Os "floggers" que compartilham estas afinidades desenvolvem através da comunicação tela a tela relações marcadas pela afetividade, pela participação recíproca em assuntos ou acontecimentos da vida íntima, pelo interesse no cotidiano e no bem-estar do "flogger" amigo.

A mensagem no sítio (página) do Fotolog.net faz referência a esta rede de amizades que se forma, e se expande em progressão geométrica, na Internet: "Crie seu próprio Fotolog gratuito e junte-se à maior comunidade de fotos compartilhadas da Internet"[6].

A possibilidade ilimitada de formação e expansão de novas redes de sociabilidade através dos fotologs chama a atenção para as novas formas de estar-junto mediadas pelo computador.

Em um primeiro momento, o surgimento da Internet e dos programas que permitem o diálogo entre os indivíduos conectados à rede mundial de computadores dividiu os estudiosos das ciências humanas entre os que afirmavam que a possibilidade

[6] Texto original: "*Create Your Own Free Fotolog and join the greatest worldwide online photo sharing community!*" (Tradução nossa)

de estabelecer relacionamentos através das telas dos computadores afastaria mais as pessoas e contribuiria para a solidão e os que defendiam que estas novas formas de relacionamento contribuiriam para uma expansão das “redes de sociabilidade”.

O que podemos observar é o uso da Internet e dos espaços nela surgidos, como as salas de bate-papo (*chats*) e os fotologs, para a formação de novos relacionamentos, e mesmo comunidades, ou para a manutenção de relacionamentos iniciados fora da Rede.

Estes “lugares de encontro” na Internet não substituem a convivência em clubes, bares ou casas noturnas, por exemplo. Ao contrário, somam-se a estes, ampliam os espaços de convivência, de sociabilidade comunitária, de troca de afeto e “calor”.

II – O Tempo na História

O tempo, como o percebemos e como o "medimos" hoje, não foi dado pela natureza, como um *a priori*, mas, assim como outros elementos da cultura, é uma criação humana, um conjunto de símbolos e relações socialmente padronizados, criado e aperfeiçoado, ao longo de milênios, principalmente com a função de orientar as ações dos homens na sociedade.

A nossa percepção do tempo é trespassada por toda a gama de elementos que povoa e determina a forma de organização da sociedade em determinado período social. Por ser fortemente determinada pelas transformações tecnológicas, a maneira como o tempo é entendido e "medido" varia conforme o percurso social e o estágio de desenvolvimento de cada sociedade.

No livro "O tempo na história: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias", Whitrow discute o que é tempo, as formas de "medi-lo" através da história, os diversos padrões adotados para estabelecer sua "passagem" e os imperativos econômicos que basearam a busca de precisão na "mensuração" do tempo. O autor nos lembra que entre tempo e história o que existe é uma via de mão dupla, uma relação de reciprocidade propiciada por meio da cultura.

> Embora nosso sentido do tempo se baseie em fatores psicológicos e processos fisiológicos que estão abaixo do nível da consciência, vimos que ele depende também de influências sociais e culturais.(...) Pois, assim como nossa idéia de história é baseada na de tempo, assim também o tempo, tal como o concebemos, é uma conseqüência de nossa história. (1993, p. 207)

Da observação da repetição de certos acontecimentos naturais cíclicos, como o nascer e o pôr-do-sol, as fases e os eclipses da Lua, os homens passaram a desenvolver instrumentos capazes de orientar suas ações, harmonizar os processos sociais e situar cronologicamente os acontecimentos, a exemplo dos relógios.

Assim, o tempo instrumentalizado serviu, ao mesmo tempo, como reflexo e instrumento do desenvolvimento técnico e social da humanidade.

II.1 – As novas tecnologias e o tempo

Do tempo lento do período em que o ritmo do cotidiano seguia o dos fenômenos da natureza até o tempo dos microprocessadores da contemporaneidade muito foi alterado na nossa percepção temporal. Esta nova temporalidade, marcada pela hipervelocidade, faz-se notar em todos os elementos que compõem o atual quadro cultural, seja nas manifestações artísticas, no trabalho, no lazer, na linguagem, no deambular pelas ruas, e, em uma das principais características do homem enquanto animal gregário: sua sociabilidade.

No Livro "A corrida para o século XXI – No loop da montanha-russa" Nicolau Sevcenko relaciona o processo de aceleração tecnológica deflagrado principalmente no século XX a um passeio em uma montanha-russa, com seus altos e baixos, seus picos de aceleração e a desorientação provocada pelas quedas bruscas e pelo *loop* (giro de ponta-cabeça).

Para o autor, "as forças naturais e históricas agenciadas pelas tecnologias modernas" (Sevcenko, 2001, p. 13) são a própria montanha-russa e os principais responsáveis pelo vai-e-vem de emoções que aflige o homem contemporâneo.

Sevcenko compara a fase da primeira subida do carrinho da montanha-russa, quando ainda não se conheceu a perda dos referenciais de tempo e espaço provocada pela queda brusca, com o período que vai do século XVI até meados do século XIX. Este intervalo de tempo é marcado pela fase de desenvolvimento tecnológico que assegurou o domínio de forças naturais, fontes de energia, meios de transporte e comunicação, armamentos e conhecimentos especializados. No século XIX, a convicção otimista das novas potências européias que hegemonizavam o novo mundo recém-repartido era expressa pelo lema "ordem e progresso", que prometia abundância, racionalidade e harmonia aos povos que sucumbissem à ambição e cultura européias.

A queda brusca do carrinho da montanha-russa, a sensação de perda dos referenciais de espaço e tempo, o que seria a segunda fase do processo de aceleração tecnológica, inicia-se, para Sevcenko, por volta de 1870, com a Revolução Científico-tecnológica. Foi neste momento que surgiram novas teorias científicas que permitiram a exploração de novos potenciais energéticos, como as usinas hidro e termelétricas, os

derivados do petróleo, as indústrias químicas, novos meios de transporte (carro, caminhões, trens, transatlânticos e aviões) e comunicação (telégrafo, rádio, gramofone, fotografia e o cinema), as grandes feiras de curiosidades que agitavam as maiores cidades européias e mesmo os parques de diversões com suas montanhas-russas e emoções vendidas a preços módicos.

As duas guerras mundiais, oportunidades nas quais foram testados estes novos recursos tecnológicos, responsáveis por uma maior quantidade e velocidade na produção de mortos, também compõem a imagem da queda do carrinho desta montanha-russa a que Sevcenko compara a odisséia humana.

O ponto alto da montanha-russa é o *loop*, quando o carrinho, em alta velocidade, desenha uma curva no céu, de ponta-cabeça. É este momento que vivemos na contemporaneidade. O tempo, o espaço, como os percebemos, desaparecem. Para o autor, seria exatamente este o momento em que a humanidade se encontra em seu atual estágio de desenvolvimento. O clímax. E o que se costumou chamar de Revolução da Microeletrônica, ocorrida em meados da década de 70, quando os circuitos integrados alcançaram o pico de 12 mil componentes, seria a grande responsável pelo ponto alto das emoções nesta montanha-russa. Um momento de intensidade extrema, de entrega à nova velocidade histórica alcançada com o avanço tecnológico que repercutiu em todos os elementos da cultura e que transformou o futuro da humanidade em uma "caixinha de surpresas".

A velocidade gera velocidade. Com o aumento da velocidade de processamento dos microprocessadores também cresce, em nossa percepção, a "velocidade de rotação" de toda a humanidade.

> A aceleração das inovações tecnológicas se dá agora numa escala multiplicativa, uma autêntica reação em cadeia, de modo que em curtos intervalos de tempo o conjunto do aparato tecnológico vigente passa por saltos qualitativos em que a ampliação, a condensação e a miniaturização de seus potenciais reconfiguram completamente o universo de possibilidades e expectativas, tornando-o cada vez mais imprevisível, irresistível e incompreensível. (Sevcenko, 2001, p. 16 e 17)

O autor alerta, porém, para o perigo de se aceitar pacífica e irrefletidamente – o que vem ocorrendo há tempos – os solavancos provocados pelas bruscas mudanças

implementadas pela corrida tecnológica, com conseqüências sérias para a saúde da natureza e da própria espécie humana. Para Sevcenko, trata-se da “síndrome do *loop*”.

> O surto vertiginoso das transformações tecnológicas não apenas abole a percepção do tempo: ele também obscurece as referências do espaço. Foi esse o efeito que levou os técnicos a formular o conceito de globalização, implicando que, pela densa conectividade de toda a rede de comunicações e informações envolvendo o conjunto do planeta, tudo se tornou uma coisa só. (2001, p. 20 e 21)

Sevcenko destaca o século XX como divisor de águas da história devido à velocidade com a qual se desenvolveram e se difundiram, neste período, as mudanças tecnológicas em todos os âmbitos da vida no planeta. O período das grandes transformações teria começado ainda na época da primeira grande guerra; entretanto, foi a Segunda Guerra Mundial e seus efeitos, como a Guerra Fria entre as duas grandes potências dos blocos capitalista (Estados Unidos) e socialista (ex-União Soviética), que dividiu em dois momentos o século XX e a própria história da humanidade.

No momento anterior ao conflito houve o desdobramento das novidades advindas da Revolução Científico-tecnológica do final do século XIX, mas, só após a Segunda Guerra, no que se convencionou chamar de perí odo “pós-industrial”, intensificaram-se os grandes avanços tecnológicos com mudanças bruscas sobretudo nos setores de serviços, comunicações e informações.

Segundo Sevcenko, a taxa de crescimento dos conhecimentos técnicos desde o início do século XX é de 13% ao ano, sendo dobrada a cada cinco anos e meio. A tendência é que ela chegue, ainda no início deste século XXI, a 40% ao ano, com capacidade de dobrar a cada ano. O que se observa, portanto, é que a intensa e crescente aceleração do desenvolvimento tecnológico a partir da segunda metade do século XX resultou na contínua diminuição dos intervalos de tempo entre diferentes paradigmas tecnológicos e conferiu ao potencial transformador das sociedades uma velocidade em muito superior àquela que antes existia, interferindo, esta velocidade, também nas estruturas econômica, política e social, mudando também “a condição de vida das pessoas e as rotinas de seu cotidiano” (p. 60 e 61). Uma lógica que condiciona, por conseguinte, as relações sociais, os sentimentos e emoções.

> Esse controle tecnológico pleno do ambiente em que vivem as pessoas acaba, por conseqüência, alterando seus comportamentos. Nessa sociedade altamente mecanizada, são os homens e mulheres que devem se adaptar ao ritmo e à aceleração das máquinas e não o contrário. (p. 62)

Sevcenko discorre também sobre ganhos adaptativos que seriam resultantes do processo contínuo e crescente de aceleração do desenvolvimento tecnológico.

Para ele, a aceleração do ritmo do cotidiano provocada pelo aumento da velocidade das máquinas e dos processos sociais ampliaria o papel da visão "como fonte de orientação e interpretação rápida dos fluxos e das criaturas, humanas e mecânicas", provocando "uma profunda mudança na sensibilidade e nas formas de percepção sensorial das populações metropolitanas" (p. 64).

Daí a valorização do olhar, da imagem, refletida na Internet pela popularidade que alcançaram ferramentas que permitem a divulgação, de forma simples e rápida, de imagens, como os fotologs.

II.2 – Fragmentos de uma história do tempo

A tecnologia, ou os conhecimentos científicos, bem como a aplicação social do tempo, são criações do homem para ordenar e harmonizar suas ações, e, portanto, pertencem à gama de elementos que formam a cultura. Os componentes culturais não são estanques, mas se relacionam, entrechocam-se e se modificam. Assim também as tecnologias, assim também o tempo.

Norbert Elias nos traz em seu livro "Sobre o Tempo" (1998) uma espécie de genealogia das formas de determinação do tempo, embora não seja de seu interesse precisar os momentos exatos nos quais tais formas surgiram. Ele apresenta reflexões sobre de que modo os símbolos padronizados que utilizamos atualmente para "medir" o tempo se incorporaram pouco a pouco ao nosso universo cultural, regulando nossa vida em sociedade.

De acordo com o autor, ao sentir as mais rudimentares necessidades de orientação temporal, quer sejam relativa às diversas fases da produção de víveres por

grupos sedentários e a rituais festivos e sagrados, os homens se valeram do que tinham à disposição àquela época, ou seja, os fenômenos naturais.

> Essas seqüências recorrentes, como o ritmo das marés, os batimentos do pulso ou o nascer e o pôr-do-sol ou da lua, foram utilizadas para harmonizar as atividades dos homens e para adaptá-las a processos que lhes eram externos, da mesma maneira que foram adaptadas, em estágios posteriores, aos símbolos que se repetem no mostrador de nossos relógios. (1998, p. 8)

Foi a partir da observação destes mais elementares processos físicos que as sociedades anteriores engendraram seus primeiros meios de orientação. Àquela época – como agora mais do que nunca nos servem os relógios – estes meios bastavam para harmonizar os comportamentos dos membros de um grupo, situar suas atividades no fluxo do devir, adaptá-los aos fenômenos naturais, avaliar a duração de determinadas ações e ainda comparar processos ou segmentos de processos que não poderiam ser diretamente relacionados devido a sua sucessividade.

Estas primeiras unidades de referência passaram a ter a função, desta forma, de unidades de tempo. Medidas que não existem por si só, como elementos da natureza, mas que existem a partir dos indivíduos, para orientar suas ações no fluxo do devir e para ordenar a sucessão de acontecimentos importantes. Desta forma, “num mundo privado de homens ou de seres vivos de tipo semelhante, não haveria tempo e não encontraríamos relógios nem calendários” (1998, p. 15).

> Assim como os relógios e os barcos, o tempo é algo que se desenvolveu em relação a determinadas intenções e a tarefas específicas dos homens. (...) Ora, o tempo não se reduz a uma “idéia” que surja do nada, por assim dizer, na cabeça dos indivíduos. Ele é também uma instituição cujo caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades. (1998, p. 15)

As primeiras tentativas de determinação do tempo foram marcadas, conforme Elias, pela crença de que os astros celestes enviavam, através de mudanças em sua posição, aparência e trajetória, mensagens aos grupos humanos. Tais sinais “indicariam” os momentos propícios às mais diversas atividades do grupo, quer sejam atividades religiosas ou de pura sobrevivência, como as semeaduras e colheitas.

Outras características importantes desta fase seriam o caráter pontual, descontínuo e situacional da determinação do tempo, devido à falta de regularidade dos

fenômenos naturais e à falta de segurança, por parte dos homens desta época, com relação à própria continuidade da existência dos astros que os norteavam.

Em um estágio posterior do desenvolvimento das sociedades, quando começaram a se formar as primeiras cidades, a determinação do tempo passou a ser feita mediante o emprego de símbolos socialmente padronizados que, por terem seu uso cada vez mais naturalizado, passaram a ser aceitos sem mais discussões, como se seu conjunto e as relações entre tais símbolos fizessem parte da natureza humana.

À medida que as relações entre os homens se tornaram mais complexas, no ambiente das cidades, já não era possível que a sociedade continuasse a orientar suas atividades a partir de elementos naturais nem um pouco confiáveis. O aumento da cadeia de interdependências entre as ações dos homens, o desenvolvimento do comércio e a formação e crescimento dos primeiros grandes agrupamentos urbanos exigiu que as unidades de determinação do tempo fossem se aprimorando e sendo substituídas por outras unidades de medida mais confiáveis e capazes de oferecer mais estabilidade. As irregularidades inerentes aos fenômenos naturais já não eram aceitáveis em uma sociedade que ansiava sempre por mais precisão e regularidade.

De acordo com Whitrow (1993) e Elias (1998), ao longo da história diferentes recursos foram sendo desenvolvidos para auxiliar na determinação do tempo, principalmente na "contagem" de períodos mais curtos de tempo e na determinação ainda imprecisa das horas. Assim surgiram o relógio solar[7], cerca de 700 anos a. C., a clepsidra[8], a ampulheta[9], as velas cronométricas (marcadas com traços coloridos que indicavam a passagem do tempo), relógios de azeite (candeeiro com azeite calibrado com divisões do tempo), relógios impulsionados pelo ar e tantos outros instrumentos. Até mesmo a pulsação do sangue nas veias, que serviu às experiências de Galileu Galilei (1564-1642), foi utilizada como padrão de "medida" para o tempo antes da criação do relógio mecânico na Europa, no século XVI.

---

[7] Uma superfície plana com uma haste vertical, cuja sombra projetada indicava o passar das horas. De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional (Vol. 18), da Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1986, p. 9768, "Acaz, rei da Judéia, possuiu o primeiro relógio solar de que há notícia, em 740 a.C."

[8] A clepsidra possui funcionamento semelhante ao da ampulheta, porém, ao invés de areia, a "passagem" do tempo é mensurada através do escoamento da água entre dois reservatórios.

[9] Instrumento portátil de "medição" do tempo é formado por dois cones ocos de vidro, unidos pelo gargalo, de modo a deixar passar a areia de um para outro num determinado intervalo de tempo, através de um orifício.

A adaptação a um “tempo único” foi mais difícil quando se tratou da contagem de longas escalas temporais, como as eras. Introduzida, sobretudo, por motivações políticas, a determinação do tempo em escalas mais longas possibilita até hoje a referência a acontecimentos que tiveram lugar em passados distantes e contribuiu de forma decisiva para a experiência do tempo enquanto fluxo contínuo e irreversível. Atualmente, em grande parte do mundo, os anos são contados em função de sua posição anterior ou posterior ao nascimento de Jesus Cristo.

Paralelamente, há milhares de anos, em culturas diferentes e separadas geograficamente, foram surgindo os primeiros calendários, como os desenvolvidos pelos sumerianos, acádios, egípcios, babilônios, assírios, persas e astecas. Com estas primeiras experiências de determinação de longos períodos de tempo os homens estabeleceram uma correspondência simbólica entre seqüências de acontecimentos físicos que lhe serviram de modelo e os processos sociais.

Os primeiros calendários baseavam-se, assim como o Calendário Gregoriano que é atualmente adotado praticamente em todo o mundo, nas revoluções lunares e foram desenvolvidos a partir de conhecimentos de Astronomia. O calendário foi sendo formado com diferentes características nas diversas civilizações, e, conforme as necessidades de cada uma delas, foi sofrendo as transformações necessárias para mantê-lo em uma conformidade mínima com o movimento dos astros.

De acordo com o sítio do Observatório Astronômico Frei Rosário da UFMG[10], há 5.000 anos os Sumérios tinham um calendário parecido com o calendário Gregoriano, com um ano dividido em 12 meses de 30 dias, sendo o dia dividido em 12 períodos formados por 30 partes. Há 4.000 anos, o Calendário Babilônico possuía um ano de 12 meses lunares que se alternavam em 29 e 30 dias, num total de 354 dias.

Ainda segundo o sítio do Observatório Astronômico da UFMG, os egípcios inicialmente criaram um calendário baseado nos ciclos lunares, mas notaram posteriormente que quando o Sol se aproximava da “Estrela do Cão” (Sírius), estava próximo o período de cheia do Rio Nilo. Ao notarem que isto acontecia em ciclos de 365 dias, os egípcios criaram um calendário com um ano de 365 dias, possivelmente inaugurado em 4.236 a.C..

[10] http://www.observatorio.ufmg.br/pas39.htm

Todavia, a falta de regularidade nos fenômenos naturais fazia com que os calendários, em períodos relativamente curtos, incorressem em erros de correspondência entre os símbolos padronizados socialmente, como o início dos meses e dos anos, e o que se desenhava na natureza. Tais incorreções, somadas muitas vezes a interesses políticos, provocavam periódicas atualizações destes instrumentos, acrescentando ou subtraindo dias em alguns anos.

As tentativas de sanar as deficiências dos calendários resultaram em uma crescente desvinculação entre seus símbolos e os astros que eles simbolizavam primordialmente, como o Sol, a Lua e as estrelas.

Nos primeiros calendários, a fim de servir claramente como orientação das atividades sociais da época, os períodos nos quais os anos eram divididos levavam nomes que sugeriam situações da vida prática dos homens de cada sociedade, como “Período das queimadas”, “Período das semeaduras”, “Período das colheitas”, “Período do cozimento dos tijolos”, “Período dos cultos religiosos”, “Período de conduzir o gado às pastagens”. Uma relação mais do que clara entre o calendário e seu propósito social.

O Calendário Gregoriano, que é mundialmente adotado hoje, embora ainda existam outros calendários em vigor em diversas regiões do globo, é resultante da reforma do Calendário Juliano realizada pelo Papa Gregório XIII (1502-1585), que introduziu a cada quatro anos um ano bissexto, com exceção dos anos seculares, em que o número formado pelos algarismos das centenas e dos milhares não é divisível por quatro.

Segundo Elias (1998), “o tempo tornou-se, portanto, a representação simbólica de uma vasta rede de relações que reúne diversas seqüências de caráter individual, social ou puramente físico” (p. 17).

Esta “formatação” do tempo em calendários, com anos, meses e dias, surge, então, como forma de possibilitar o assinalamento de “marcos” para acontecimentos sociais e pessoais que não se repetem.

> A sucessão irreversível dos anos representa, à maneira simbólica, a seqüência irreversível dos acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, e serve de meio de orientação dentro da grande continuidade móvel, natural e social. Numerados, os meses e dias do calendário passam a então a representar estruturas recorrentes, no interior de um devir que não se repete. (1998, p.10)

A quantidade de saber necessário para que os homens realizassem a – pelo menos aparentemente imprescindível – travessia do período em que lhe bastavam os meios de orientação “oferecidos” pela natureza para o atual nível de síntese apontado pela consciência atual do tempo não poderia ter sido alcançada no passar de poucas gerações, mas, em milhares de anos. Foram necessárias uma vasta experiência adquirida com o exercício constante da observação e a transmissão de um conjunto de pequenas aquisições cognitivas que a humanidade acumulou historicamente.

O conceito atual de tempo, por incluir representações simbólicas em um alto nível de abstração, implica, pois, em que a humanidade tenha, necessariamente, percorrido um longo caminho no mundo das sínteses e das operações metafóricas a fim de transpor para símbolos convencionados toda uma relação do homem com o fluxo do devir. Relação abstrata, embora primariamente ligada a fatos concretos da natureza. Relação que, mais e mais, se afastou, por esquecimento, de sua intrínseca ligação com a Astronomia e os fenômenos naturais mais facilmente observáveis, como as lunações e o trajeto do Sol através das estações.

> Em seu atual estágio de desenvolvimento, a noção de tempo representa uma síntese de nível altíssimo, uma vez que relaciona posições que se situam, respectivamente, na sucessão dos eventos físicos, no movimento da sociedade e no curso de uma vida individual. (Elias, 1998, p. 17)

Devido ao fato de estas primeiras experiências com o tempo terem “abandonado” a memória do homem contemporâneo é quase norma que se pense o tempo como algo dado pela natureza, algo que sempre esteve ali, mas que precisava apenas ser descoberto pelo homem.

Não nos remete, a memória, àquele período no qual os calendários existiam precariamente e eram reformulados de tempos em tempos, nem, sobretudo, ao esforço contínuo de gerações que, paulatinamente se acostumaram ao “tempo” pronto, “enlatado” em calendários entregues à sociedade pelos sacerdotes ou soberanos de outrora. “Esquecemos” que durante milhares de anos eram os astros, as cheias e as secas que governavam as ações humanas em lugar das antigas tábulas e da atual “folhinha” que nos dita finais-de-semana e feriados.

Mas, “o conceito de tempo não remete nem ao ‘decalque’ conceitual de um fluxo objetivamente existente nem a uma forma de experiência comum à totalidade dos

homens, e anterior a qualquer contato com o mundo" (Elias, 1998, p. 11). Da mesma maneira que os outros elementos culturais que marcam as sociedades contemporâneas vão sendo assimilados pelos homens desde seu nascimento, também o conceito de tempo o é.

O tempo mensurável é representado, para nós, por meio de símbolos temporais com os quais temos que nos familiarizar desde a infância, sob pena de não nos adequarmos/integrarmos às complexas rotinas da sociedade contemporânea. Um tempo que coage e que, através desta coerção, exige-nos obediência a horários e pontualidade.

Para Elias, ao passo em que a coerção é social, como no caso da exigência de pontualidade, ela é também natural, como se pode observar através dos processos de envelhecimento e deterioração de pessoas, objetos e dos próprios elementos da natureza. São estas transformações que afetam a vida de cada homem, a sociedade e a natureza que nos dão a sensação de que o tempo "escoa" – embora saibamos, mesmo querendo esquecer, que ele não existe em si mesmo, como um *a priori*.

O tempo nada mais é que um símbolo humano, uma figuração simbólica do fluxo incessante dos acontecimentos sociais e naturais que, por fazer parte do universo das convenções sociais, é aceito e absorvido como "segunda natureza" do homem.

> A expressão "tempo" remete a esse relacionamento de posições ou segmentos pertencentes a duas ou mais seqüências de acontecimentos em evolução contínua. Se as conseqüências em si são imperceptíveis, relacioná-las representa a elaboração dessas percepções pelo saber humano. Isso encontra expressão num símbolo social comunicável – a idéia de "tempo", a qual, no interior de uma sociedade, permite transmitir de um ser humano para outros imagens mnêmicas que dão lugar a uma experiência, mas que não podem ser percebidas pelos sentidos não perceptivos. (1998, p. 13)

A consciência deste "tempo coator" é interiorizada pelos homens ainda na infância, durante os primeiros atos da aprendizagem social, no processo civilizador de que nos fala Elias[11].

Esta autodisciplina atua na Modernidade em um grau relativamente alto principalmente nos Estados tecnologicamente mais avançados e, conseqüentemente, mais dependentes da precisão e da sincronização oferecidos pelo tempo dos relógios, pelo tempo da produção.

[11] Sugerimos ver Elias (1993 e 1994).

> Em numerosas sociedades da era moderna, surgiu no indivíduo, ligado ao impulso coletivo para uma diferenciação e uma integração crescentes, um fenômeno complexo de autoregulação e de sensibilização em relação ao tempo. Nessas sociedades, o tempo exerce de fora para dentro sob a forma de relógios, calendários e outras tabelas de horários uma coerção que se presta eminentemente para suscitar o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos. Ela exerce uma pressão relativamente discreta, comedida, uniforme e desprovida de violência, mas que nem por isso se faz menos onipresente, e à qual é impossível escapar. (Elias, 1998, p. 22)

O homem da Modernidade supostamente domina o tempo, um tempo que, mais do que um "instrumento" de orientação, serviu aos propósitos da produção capitalista e, antes mesmo, entre os séculos XVI e XVII, foi fundamental para a navegação marítima, pois as viagens a longas distâncias exigia medidas de tempo mais precisas para que a posição do navio fosse determinada com menor margem de erro.

Whitrow (1993) destaca esta peculiaridade lembrando que o nosso conceito de tempo não é uma condição *a priori*, mas, tão somente, a conseqüência da experiência acumulada e transmitida de geração em geração, o resultado de um longo processo de desenvolvimento de habilidades mentais e técnicas de nossos ancestrais.

> ...enquanto os animais herdam padrões específicos de consciência sensorial, conhecidos como "disparadores" porque desencadeiam automaticamente certos tipos de ação, os seres humanos têm de aprender a construir seus próprios padrões de consciência a partir de sua própria experiência. (p. 206 e 207)

A principal diferença, neste caso específico, seria a capacidade que o homem possui de ver em perspectiva, o poder de síntese que o permite ordenar de forma linear acontecimentos que tomaram lugar em um passado remoto, em um passado mais recente, acontecimentos que ainda estejam em curso, ou acontecendo simultaneamente a um outro evento. É o homem que cria sua história, que inventa trajetos e meios de mensurar suas realizações e sua passagem pela vida.

Este poder de síntese "acionado e estruturado pela experiência" (Elias, 1998, p. 33) seria um dos responsáveis pelo progressivo aperfeiçoamento dos meios de orientação, incluindo aí o surgimento das unidades de tempo que são utilizadas até hoje por nossas sociedades, como as horas, os dias, os meses e os anos, dando-nos a sensação de uniformidade no "escoar" do tempo.

> ...a experiência do tempo como um fluxo uniforme e contínuo só se tornou possível através do desenvolvimento social da medição do tempo, pelo estabelecimento progressivo de uma grade relativamente bem integrada de reguladores temporais, como os relógios de movimento contínuo, a sucessão contínua dos calendários anuais e as eras que encadeiam os séculos (...) Quando faltam esses instrumentos, essa experiência do tempo também fica ausente. (p. 36)

A atenção voltada ao desenvolvimento destes instrumentos de orientação se fez premente com o avanço tecnológico cada vez mais sequioso de padrões de medida que pudessem oferecer mais precisão, regularidade, confiança e integração entre povos geograficamente dispersos. Tínhamos aí o tempo Moderno, da produção, sendo construído.

A necessidade de exatidão e do aproveitamento racionalizado do tempo com fins econômicos foram os principais fatores responsáveis por provocar a criação de padrões de "temporização" mais regulares que culminaram com o invento dos primeiros relógios12, estruturados a partir de engrenagens que produziam mecanicamente intervalos simétricos, um *continuum* evolutivo.

Os relógios, assim como outros mecanismos construídos pelo homem para determinar o tempo, apenas fornecem respostas, seqüências simuladas e facilmente observáveis de acontecimentos que estão associados a símbolos socialmente padronizados e largamente aceitos.

> Por intermédio do relógio, é uma espécie de mensagem que um grupo humano dirige a cada um de seus membros individuais. O mecanismo do relógio é organizado para que ele transmita mensagens e, com isso, permita regular os comportamentos do grupo. (1998, p.16)

Elias conta que apenas com Galileu, no século XVI, os relógios passaram a ser usados com o objetivo de medir puros processos físicos. Acredita-se que, tentando determinar as leis que regem a queda dos corpos, o cientista foi quem usou pela primeira vez cronômetros fabricados pelo homem, entre eles a clepsidra, para "temporizar" seus experimentos.

---

[12] De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional (Vol. 18), da Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações, 1986, p. 9768,, o primeiro aparelho surgiu em 1542, em Nuremberg, e tinha forma ovóide, sendo chamado "Ovo de Nuremberg". No início ele marcava apenas as horas — o ponteiro de minutos surgiu 100 anos depois.

Por oferecerem maior precisão, além de praticidade, atualmente, “nas sociedades avançadas, os relógios ocupam um lugar eletivo dentre os dispositivos destinados a representar o tempo, mas não são o tempo” (Elias, 1998, p. 15). Os relógios contemporâneos servem como meios de orientação em todos os níveis de integração humana, tanto física, quanto biológica, social e individual. É um meio essencialmente numérico de orientação.

Entretanto, a padronização, a unificação da “contagem” do tempo não aconteceu de uma hora para outra, ainda que dentro de um mesmo território. Por um longo período, continuaram a existir variações locais na forma como era determinado e vivenciado o tempo antes de passarmos a aceitar, quase como nossa segunda natureza, essa “trama temporal contínua, de malhas cada vez mais finas, que encerram e condicionam em sua universalidade toda a extensão das atividades humanas” (1998, p. 77), regendo inclusive o comportamento, a sensibilidade e a estrutura social de personalidade dos indivíduos.

Há, portanto, uma relação claramente observável entre a experiência coletiva do tempo, o estágio de desenvolvimento das sociedades e o modelo de autodisciplina que integra o processo civilizador destas.

O tempo padronizado dos relógios foi peça fundamental no desenvolvimento das cidades e na regulação da vida urbana, e, com o advento do capitalismo, que se deu principalmente no século XV, tornou-se ainda mais indispensável à regulação do trabalho e da produção. Em lugar do horário de trabalho regulado pela natureza e pelo cansaço, os trabalhadores passaram a ter seus turnos de trabalho regulados por relógios de ponto e regras que procuravam tomar a atividade tão regular quanto um relógio.

A participação e a importância cada vez maior do tempo cronometrado no cotidiano dos indivíduos nos revela “o caráter de uma instituição social, de uma instância reguladora dos acontecimentos sociais, de uma modalidade da experiência humana – e os relógios são parte integrante de uma ordem social que não poderia funcionar sem eles” (Elias, 1998, p. 93).

No texto “A metrópole e a vida mental”, publicado pela primeira vez em 1902, Georg Simmel já destacava a inexorável força coercitiva do tempo social, que seria a principal responsável pelo “bom funcionamento” da sociedade.

> Os relacionamentos e afazeres do metropolitano típico são habitualmente tão variados e complexos que, sem a mais estrita pontualidade nos compromissos e serviços, toda a estrutura se romperia e cairia num caos inextrincável. (...) assim, a técnica da vida metropolitana é inimaginável sem a mais pontual integração de todas as atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal. (...) Pontualidade, calculabilidade, exatidão, são introduzidas à força na vida pela complexidade e extensão da existência metropolitana. (Simmel, 1902, apud Velho, 1987, p. 14 e 15)

Da mesma forma que as línguas, que só existem como "línguas vivas" enquanto forem adotadas por um grupo humano, também os relógios só podem exercer sua função enquanto adotados pela totalidade de um grupo. E, pertencendo a um grupo que organiza suas atividades em função do tempo cronometrado, ao indivíduo não resta mais do que obedecer à lei dos ponteiros, como destacou Norbert Elias.

> Eles perderiam seu papel de instrumentos de medida do tempo se cada indivíduo confeccionasse para si seu próprio "tempo". É essa uma das fontes do poder coercitivo que o "tempo" exerce sobre o indivíduo. Este é sempre obrigado a pautar seu próprio comportamento no "tempo" instituído pelo grupo a que pertence e, quanto mais se alongam e se diferenciam as cadeias de interdependência funcional que ligam os homens entre si, mais severa torna-se a ditadura dos relógios. (1998, p. 93)

A pontualidade dos trens britânicos, com trajetos praticamente cronometrados em minutos e segundos, bem como a "contagem" dos milionésimos de segundos que separam dois corredores numa prova de 100 metros, ou dos nanossegundos (bilionésimos de segundos) nos experimentos de tecnologia de ponta, nos dão a exata dimensão da tendência a uma diminuição cada vez maior das medidas de determinação do tempo nos nossos dias.

As invenções mais recentes no campo da "mensuração" do tempo, como os relógios atômicos, criados há meio século, são aclamadas pela comunidade científica por oferecerem maior precisão e confiabilidade. Porém, como bem nos lembra Hélio Jaguaribe (2003), "é inútil para a vida corrente aumentar ainda mais a precisão dos relógios, indicando frações de segundos".

A velocidade das operações matemáticas realizadas pelos microprocessadores também nos fala dessa capacidade humana, sempre mais estimulada, de abstrair até

frações de segundo. Como resultado, o tempo veloz configura todos os aspectos da vida cotidiana, sobretudo "pós-Internet".

Pensadores como Hélio Jaguaribe (2003) levantam a reflexão sobre a aceleração do processo histórico em decorrência do progresso científico-tecnológico apressado após a Revolução Industrial do século XVIII.

Esta aceleração da História levaria, conforme o autor, a uma "progressiva tecnologização da vida. A relação homem-natureza se converte predominantemente numa relação homem-tecnologia (*Ibid*, p. 163)."

Cada vez mais a tecnologia se incorpora à vida e mesmo ao corpo dos indivíduos[13], através de chips que contém informações sobre a saúde ou que prometem corrigir problemas auditivos e visuais, implantes, próteses, marcapassos. A imbricação crescente entre os mundos orgânico e inorgânico modifica a percepção do tempo e do espaço, a mobilidade dos indivíduos e as formas de sociabilidade.

II.3 – Velocidade e lentidão. O tempo em tensão.

O tempo cronometrado que marca o ritmo da produção não é hegemônico. Vemos, na contemporaneidade, uma mistura entre o tempo veloz das novas tecnologias, de que nos fala Elias, e o tempo lento que resiste no presenteísmo, no "aqui e agora", na banalidade, como nos explica Maffesoli. A tensão provocada pela existência simultânea destes dois tempos é uma das principais características da sociabilidade contemporânea.

A exaltação do instante, do momento presente, parece-nos ser uma das principais marcas das atuais formas de sociabilidade, como bem indicou Maffesoli, que aponta, em toda a sua obra, o presenteísmo, juntamente com o vitalismo, o tribalismo, o hedonismo, a ética da estética e o formismo, como principais características do que ele denomina "socialidade".

A "socialidade", assim como a define Maffesoli, seria um conjunto de práticas pertencentes ao cotidiano que escapam ao controle social rígido, insistindo numa perspectiva hedonista, tribal, enraizada no presente (presenteísmo). É o espaço do banal,

[13] Para um maior aprofundamento sobre a relação "homem-tecnologia", ver: Sibilia (2002) e Mazlish (1993).

do tempo lento que escapa à rigidez da produção e do cronômetro, e que se apresenta negociável, maleável.

Ainda segundo o autor, todo o cotidiano do homem contemporâneo é marcado pela grande importância dada ao momento presente, pela ênfase no agora em detrimento de perspectivas futuristas. A "socialidade" de Maffesoli seria efêmera, imediata, empática, e estaria, de acordo com o autor, presente nas relações banais do dia-a-dia, no que há além do institucionalizado – o que marcaria sua distinção da sociabilidade, caracterizada por relações institucionalizadas e formais.

Para Maffesoli (1997), a "socialidade" que experienciamos na atualidade tem como uma de suas especificidades um presenteísmo que basta a si mesmo e não se projeta no futuro. Segundo o autor, as "personas" estariam propensas a se integrar num todo orgânico, num "nós" fusional, sem objetivos preestabelecidos, sem preocupação com o futuro ou com projetos políticos, mas preocupadas tão somente em viver o presente, o "aqui e agora", compartilhando experiências e sentimentos.

Esta "socialidade" marcaria os agrupamentos urbanos contemporâneos, dando ênfase à "tragédia do presente", ao instante vivido. "...a energia juvenil deixou de ter como objeto a reivindicação, o projeto , a história. Ela se manifesta e se esgota no instante – festas, solidariedade na urgência – e não precisa de uma tradução política abstrata." (Maffesoli, 2004, p. 19)

Maffesoli explica que a energia social está voltada, na contemporaneidade, para a exaltação e o aproveitamento intenso do instante, o que ele exemplifica citando o "êxtase dionisíaco" das *raves* e dos psicotrópicos que as acompanham. "À imagem da música *techno*, que nada tem de melódica, que não repousa num *continuum* garantido, construindo-se a partir do *sample*, de fragmentos organicamente ligados, é o instante que passa a prevalecer." (2004, p. 161)

A valorização do tempo presente, do agora que nunca tem termo, está por toda a parte, seja na busca pela vida eterna, através do afastamento da morte e da clonagem humana (Baudrillard, 2001), seja na sublimação da juventude ou na instantaneidade oferecida pelas comunicações via satélite e fibra ótica, pela Internet e pelos sítios de jornalismo *on-line*.

Com um entendimento mais pessimista disto que se nos apresenta como uma tendência crescente à valorização do presente, Sevcenko (2001) afirma que "somos

dragados cada vez mais rápido e cada vez mais fundo para um mundo cada vez mais retraído num Pequeno Aqui e num Curto Agora" (p. 92).

O entendimento de Sevcenko é o mesmo de outros pensadores que estudam as mudanças na temporalidade atual, como Whitrow, que explica que há um "drástico estreitamento da perspectiva temporal em nosso cotidiano, que faz o presente parecer sumamente importante" (p. 203 e 204) e que, "para muitas pessoas, o tempo se tornou tão fragmentado que apenas o presente parece ter significado; o passado é visto como 'obsoleto', e portanto inútil" (1993, p. 203).

Esta fragmentação do tempo de que fala Maffesoli (2004) e Whitrow (1993) também interessa a Castells (1999), que, ao dissertar sobre a "sociedade em rede", elege a fragmentação do tempo como uma de suas características mais marcantes. Para Castells, o tempo vem sendo comprimido em todos os domínios da existência humana. Esta tendência, segundo o autor, levaria, no limite, ao desaparecimento da seqüência temporal e, finalmente, do tempo (p. 526).

Castells introduz o conceito de "tempo intemporal" para se reportar à temporalidade dominante na sociedade contemporânea. O que o autor chama de "tempo intemporal" ocorreria "quando as características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede, causam confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto" (1999, p. 556).

Esta "confusão temporal" estaria afetando ritmos sociais e mesmo biológicos individuais e seria perceptível, por exemplo, nas novas possibilidades ofertadas pela tecnologia genética, que atualmente torna possível adiar a maternidade até o limite dos sessenta anos.

> Uma manipulação [do tempo] preocupada com a referência binária à instantaneidade e eternidade: eu e o universo, o Ser e a Rede. Essa conciliação, na verdade fundindo o indivíduo biológico no todo cosmológico, só pode ser alcançada com a fusão de todos os tempos, de nossa criação ao fim do universo. A intemporalidade é o tema recorrente das expressões culturais de nossa era, seja em flashes repentinos de videoclipes, seja nas ressonâncias eternas do espiritualismo eletrônico. (1999, p. 555)

Um novo ritmo para o tempo. Um novo ritmo para a vida. Um novo espaço social.

Com a onipresença da alta velocidade, da instantaneidade, em todas as searas da vida, mudam os comportamentos, aí incluídos o estilo de vida, a forma de comunicação através da linguagem escrita (com a abreviação, concatenação e supressão de palavras), falada e gestual, e a sociabilidade.

Também as formas de se referir ao presente, passado e futuro se alteram com esta "comemoração do efêmero" que vivenciamos.

Para não incorrermos em erros, devemos permanecer em alerta. O "antigamente" agora se refere ao ano passado, ou mesmo à semana passada, e o "eterno presente", que favorece os agrupamentos hedonistas, nos quais o prazer individual e imediato, é o único bem possível, é atualmente o tempo verbal mais conjugado.

Tudo está aí, facilmente constatável. "Agora" é a palavra de ordem, quer se esteja em um escritório de uma metrópole, acessando um sítio a partir do seu computador pessoal, numa *rave* ou nos campos de *plantation* de soja espalhados pelo interior do país. Basta olharmos a pressa com a qual todos, já há algum tempo, temos sido "obrigados" a conviver, basta lembrarmos em quantos momentos usamos a expressão "Estou atrasado". O tempo é agora. Não há um ontem, nem um amanhã.

.

"Relógios da resistência" ou "O tempo lento da banalidade"

A robustez do relógio da produção, da era das "tecnologias da velocidade", dos microprocessadores, com seus ponteiros rápidos e indefectíveis, não impera em toda a parte.

Ao lado da vertigem da velocidade, da aceleração contínua das engrenagens que movem o mundo das grandes empresas, dos microprocessadores e da rede mundial de computadores (Internet), perdura um tempo preguiçoso, lento, um tempo da banalidade, das pequenas coisas, da "história miúda", um tempo que se constrói lentamente sem qualquer regulação.

É no espaço do tempo lento que sobrevive, ainda hoje, em 2005, a Colônia de Pescadores do Posto 6 de Copacabana, com suas práticas ainda artesanais de buscar o pescado ao mar. Também vive este tempo vagaroso o vendedor de caranguejos que, com a vara sobre os ombros anuncia seu produto aos gritos pelas ruas do bairro a quem quiser "investir tempo" em matar, tratar e cozinhar o crustáceo.

É a persistência de um espaço que resiste às investidas da hipervelocidade, do efêmero, da instantaneidade da vida conectada às redes informacionais que se ampliam a cada dia.

> Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a "sua" civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos. (...) A força é dos "lentos" e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virilio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. (Santos, 2002, p. 325)

Tomemos por empréstimo as palavras de Milton Santos, que nos apresenta o que ele chama de "recortes superpostos e complementares do espaço geográfico atual". Em duas de suas obras (2002 e 2001) o autor sugere dois recortes para entendermos as segmentações e partições presentes no espaço contemporâneo: as verticalidades e as horizontalidades.

O autor denomina de verticalidades os lugares marcados pelo funcionamento em redes, pela fluidez, pelo tempo veloz e por uma solidariedade do tipo organizacional determinada de "fora para dentro" pelo poder hegemônico, que tende a unificar e homogeneizar comportamentos. "As frações de território que constituem esse espaço de fluxos constituem o reino do tempo real, subordinando-se a um relógio universal, aferido pela temporalidade globalizada das empresas hegemônicas presentes" (Santos, 2001, p. 107).

A horizontalidade seria o espaço do "banal" em oposição ao espaço da economia hegemônica. O "banal" sendo, para Santos, "o espaço de todos: empresas, instituições, pessoas; o espaço das vivências" (2001, p. 108). Nas zonas de horizontalidade tempos mais rápidos e mais lentos acham-se imbricados e a solidariedade é do tipo orgânica, já que é o meio geográfico local quem a determina e a ação do Estado é limitada.

Ao contrário das verticalidades, governadas por um relógio único, globalizado, implacável, nos espaços da horizontalidade atuam, ao mesmo tempo, diversas temporalidades, aí também incluído o tempo rápido. É também o lugar do cotidiano, da "fofoca", do tempo que "escoa" lentamente nas esquinas e mesmo nas janelas do MSN Messenger. O espaço do flogger que "investe tempo" na preparação do próximo "post",

na visita aos fotologs favoritos e na retribuição dos comentários feitos aos seus “posts”. O espaço de quem não adota como norte o célebre provérbio de inspiração capitalista “Tempo é dinheiro” (“*Time is money*”).

> As verticalidades são os vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. (2002, p. 286)

Verticalidades e horizontalidades não são espaços isolados; espaços de verticalidade e horizontalidade estão lado a lado, superpostos, interpenetrados. Segundo Santos, “uma vontade permanente de desorganização, ao serviço dos atores hegemônicos” (2001, p. 111), ou seja, uma força “verticalizante”, atua sobre os espaços da horizontalidade, que, por isso, são permanentemente reconstituídos.

O autor afirma que, atualmente, podemos considerar que há uma “tendência verticalizante”, “mas os lugares também se podem refortalecer horizontalmente, reconstruindo, a partir das ações localmente constituídas, uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (2002, p. 288).

Por mais poder que pareçam ter os macroagentes que regulam os espaços da verticalidade, parece-nos que o destino da horizontalidade é persistir com todos os seus “matizes” de temporalidade, com toda sua variedade de estilos de vida e idiossincrasias.

III – Comunidade Sempre

Com a crescente ampliação da influência das novas tecnologias em todas as áreas da nossa vida, o conceito de comunidade, que já tem mais de um século na Sociologia, parece, mais do que nunca, ser pequeno para abarcar as novas formas de sociabilidade que insurgem desta relação cada vez mais complexa entre homem e máquina, homem e tempo, homem e espaço.

É possível considerar os *chats*, as listas de discussão, os fotologs, em suma, os novos espaços de sociabilidade surgidos na Internet, verdadeiras comunidades na acepção sociológica clássica do termo? O elemento importante a ser ressaltado é o que nos permite afirmar a existência da "rede" como sustentação das novas sociabilidades.

Apesar destas novas formas de sociabilidade surgidas a partir da mediação dos computadores prescindirem da partilha de um espaço físico único e da longa duração dos laços entre os indivíduos – elementos presentes nas definições sociológicas clássicas de "comunidade" –, acreditamos que o desejo de estar-junto, de encontrar indivíduos "eleitos" por afinidade, ou pelo que chamamos de estilo de vida, faz destes grupamentos verdadeiras comunidades.

Com o propósito de observar quais características presentes na definição clássica de comunidade na Sociologia estariam presentes nas relações sociais mediadas pelo computador, basearemos nosso estudo, num primeiro momento, na análise de escritos de teóricos clássicos que se debruçaram sobre os temas sociabilidade e comunidade antes do surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, como Ferdinand Tönnies (1855-1936), Georg Simmel (1858-1918), Max Weber (1864-1920) e Louis Wirth (1897-1952).

É necessário frisar que a conjuntura política, cultural, econômica e, principalmente, tecnológica, da época em que estes textos clássicos foram produzidos era bastante diferente da que vivemos hoje.

Após uma análise das definições clássicas do termo "comunidade" é necessário verificar as idéias defendidas por pensadores contemporâneos, já influenciados pelos grandes avanços tecnológicos que marcaram as últimas décadas do século XX, como Michel Maffesoli (1944-), Richard Sennett (1943-) e Anthony Giddens (1938-).

Apesar de as obras “O tempo das tribos” (1987), de Maffesoli, e “O declínio do homem público – As tiranias da intimidade” (1988), de Sennett, terem sido escritas ainda na década de 80, antes do *boom* dos computadores pessoais, principalmente no Brasil, elas servem como marcos na tentativa de compreender as transformações na sociabilidade da contemporaneidade e serviram como influência para várias outras reflexões sobre o tema.

A intimidade e a afetividade são duas noções que servem como sustentáculos para a sociabilidade contemporânea, tanto nas relações que nascem fora da Rede como nas que surgem dentro da Internet (Maffesoli, 1987), pois que esta é apenas parte do ambiente cultural como um todo.

O que parece ser uma tendência no processo de formação das redes de sociabilidade na contemporaneidade é a construção da intimidade e da afetividade sobre a base de um estilo de vida comum, um liame que vai além dos laços de parentesco. A afinidade, a simpatia, a existência de hábitos, comportamentos, valores semelhantes, serve, cada vez mais, como força que atrai e une indivíduos em grupos eletivos.

Para Giddens, “a intimidade, ou a procura dela, está no centro das formas modernas de amizade e relações sexuais estabelecidas” (2002, p. 91).

Também é propósito deste trabalho investigar como as novas sociabilidades que se formam a partir da Internet são compreendidas por estudiosos da “cibercultura”, como Pierre Lévy, que foi um dos primeiros teóricos a se debruçar sobre o tema, e o pesquisador Francisco Rüdiger.

III.1 - O conceito clássico de comunidade

É um pensamento evolucionista que serve para nortear a construção da idéia de comunidade. É a evolução, o progresso sem regresso, a ida sem volta. Dentro deste cenário, uma forma de associação deveria, necessariamente, ceder lugar a uma outra, sem que fosse permitido a essas duas formas existirem concomitantemente. A idéia de sociedade toma o lugar da de comunidade para se falar de laços entre os indivíduos. Daí

o fato de que o conceito de comunidade é sempre construído em oposição ao conceito de sociedade.

A fim de tentarmos entender como estes conceitos foram construídos na sociologia clássica examinaremos alguns dos principais textos de Georg Simmel, Ferdinand Tönnies, Louis Wirth e Max Weber, reunidos no livro clássico de Florestan Fernandes sobre comunidade e sociedade (1973).

Nos apoiaremos no texto "Requisitos universais e axiomáticos da sociedade" de Georg Simmel (1973, p. 63-81), para pensarmos inicialmente sobre as condições necessárias ao processo de socialização, e que atuariam *a priori* na formação das relações sociais.

A primeira destas condições seria a categorização do outro, ou seja, o enquadramento da individualidade do outro em tipos determinados, não-coincidentes com suas individualidades fragmentadas. De acordo com Simmel, esse modo esquemático de enquadrar o outro em tipos sociais fixos funciona como *a priori* da sociabilidade e atua de modo automático.

> Dentro de um círculo ligado pela comunidade de profissão ou de interesses, cada membro vê o outro não de um modo puramente empírico, mas sobre o fundamento de um a priori que esse círculo impõe a todos os que dele participam. (...) Da base vital comum surgem certas suposições, através das quais os indivíduos vêem-se uns aos outros como através de um véu. Véu que não se limita a encobrir a peculiaridade pessoal, lhe confere nova forma, fundindo sua consistência individual com a do círculo. (p. 70)

Tal categorização seria uma forma de, numa sociedade bastante diferenciada socialmente, separar os indivíduos em grupos de acordo com o que têm em comum, como interesses, hábitos ou valores. Os relacionamentos seriam, assim, construídos a partir da enquadramento que um indivíduo faz de outro em um determinado tipo social fixo.

Simmel ainda ressalta o fato de que "cada elemento de um grupo não é só uma parte da sociedade, mas além disso algo fora dela" (p. 71). Ele cita como ilustração o estrangeiro, o inimigo e o pobre, que não existiriam enquanto tais caso pertencessem inteiramente àquela sociedade. "...a índole de sua 'sociabilidade' está determinada, ao menos em parte, pela índole de sua 'insociabilidade'". (p. 72)

Embora diversos sociólogos construam o termo comunidade apoiados em elementos diferentes, eles são unânimes em afirmar que uma comunidade é uma associação orgânica, real. No texto "Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais" (Tönnies, 1973, p. 96-116), Ferdinand Tönnies afirma: "Tudo o que é confiante, íntimo, que vive exclusivamente junto, é compreendido como a vida em *comunidade* (...) A *sociedade* é o que é público, é o mundo" (1973, p. 97).

Comunidade se identifica mais, conforme o pensamento de Tönnies, com a vida comum, com os grupos primitivos, e se firma sobre o querer profundo "inerente ao ser".

O autor acredita que, além da intimidade, a durabilidade dos laços sociais seria uma outra característica da comunidade. "A comunidade é a vida comum, verdadeira e durável; a sociedade é somente passageira e aparente. E, numa certa medida, pode-se compreender a comunidade como um organismo vivo, e a sociedade como um agregado mecânico e artificial (...)" (*Op. cit.*, p. 98).

Ainda de acordo com o texto de Tönnies, pensar em comunidade supõe pensar em relações íntimas e primárias, em controle social baseado amplamente em "*folkways*" – costumes populares que definem como o indivíduo se comportará em relação aos outros no cotidiano – e "mores" – costumes sociais que, por consenso geral, se consideram favoráveis à boa ordem social – mais do que nas leis.

É essa construção apoiada nos "mores" que solidifica as relações nas "redes". Esse elemento cria uma ordem própria e é um dos constituintes da sociabilidade que privilegia a amizade e a informalidade.

A sociedade, ao contrário, é entendida por Tönnies como uma criação artificial, produto da inteligência racional, associação voluntária e teleológica de indivíduos, que se desenvolve graças à vontade de escolha, o público, o mundo, o agregado mecânico. Um pensamento evolucionista onde necessariamente uma forma de associação cederia lugar a uma outra, sem a possibilidade de as duas – a comunidade e a sociedade – existirem concomitantemente.

Para o autor, a sociedade seria ainda uma associação compreendida como uma representação virtual e mecânica, como uma justaposição de indivíduos independentes uns dos outros. Daí a sociedade ser definida por ele como um agregado mecânico e artificial, passageiro e aparente.

No texto “Delineamento e problemas da comunidade” (Wirth, 1973, p. 82-95), publicado pela primeira vez em meados do século passado, Louis Wirth já aponta a relativização do aspecto espacial, territorial, no que se refere ao conceito de comunidade. Ele sustenta que os limites territoriais das comunidades devem ser mais extensos e não podem mais se basear em um único critério. O autor cita como características dos grupos nos tempos modernos a dispersão dos seus membros e o crescente número de laços de identificação.

Wirth defende que quando falamos em “comunidade” estamos nos referindo principalmente à vida grupal do ponto de vista de simbiose, de algo mais instintivo, natural. Ele explica que

> Os homens vivem numa comunidade em virtude das coisas que têm em comum; e comunicação é a forma pela qual passam a possuí-las em comum. Toda comunidade, portanto, tem sempre esses dois aspectos, o de viver-se juntos, de um lado, e o de participar-se de uma vida em comum, de outro. (*Ibid*., p. 85).

Para ele, a comunidade pressupõe a participação dos indivíduos em empreendimentos comuns e a comunhão das mesmas esperanças e ideais, além do mecanismo de comunicação e de interação social presentes na linguagem, nos símbolos coletivos, nas leis e costumes, ou seja, a vivência comum do que se convém chamar, em linhas gerais, de herança social.

Wirth destaca o novo sentido adquirido pela comunidade após a transição de uma organização social baseada principalmente no parentesco para uma organização social construída sobre os pilares do Estado, da tecnologia e da celeridade. Ele afirma que “à medida que a vida tradicional cede o lugar para a civilização tecnológica, novas bases para integração social deverão aparecer se os homens tiverem a capacidade de agir coletivamente em face de interesses divergentes e da crescente interdependência” (*Ibid*., p. 86).

Apesar de acreditar que novas formas de sociabilidade “devem aparecer” com uma maior tecnologização do mundo, Louis Wirth vê com ressalvas essa influência cada vez maior da tecnologia nas relações sociais. O autor deixa claro que os vínculos sociais, comunitários, estariam sendo artificializados pela técnica e que seria necessária uma “reconstrução da vida social numa base mais adequada” (*Ibid*., p. 94).

> Não pode haver retorno à comunidade auto-suficiente salvo renunciando-se às vantagens tecnológicas e culturais dessa vida de comunidade em constante mudança, insegura e interdependente, embora sobremodo interessante e espalhada, à qual poucos estariam propensos a renunciar (*Ibid*., p. 94).

Wirth entende que a mediação da técnica prejudica o caráter comunitário dos vínculos sociais, que estariam se tornando artificiais. Em outras palavras, teríamos a comunidade, caracterizada pela formação natural dos laços sociais, dando lugar à sociedade, marcada pela separação orgânica dos indivíduos que a compõem.

Com Max Weber temos a inclusão da afetividade entre as características da comunidade. Para ele, a sociabilidade comunitária supõe mais que a herança social compartilhada. No texto "Comunidade e sociedade como estruturas de socialização" (Weber, 1973, p. 140-143), ele acrescenta o elemento afetivo, emocional, como fator de agregação dos indivíduos que participam de uma comunidade.

Para o pensador alemão, fala-se em comunidade quando os indivíduos que formam um determinado grupo são unidos por laços inspirados no "sentimento subjetivo", ou seja, na afetividade e na emoção. Os laços sociais que marcam a comunidade não teriam uma finalidade específica ou interesse racional.

> A comunidade pode apoiar-se sobre toda espécie de fundamentos, afetivos, emotivos e tradicionais: uma confraria pneumática, uma relação erótica, uma relação de piedade, uma comunidade "nacional", uma tropa unida por sentimentos de camaradagem. (*Ibid*., p. 141)

Weber ressalta, no entanto, que o fato de vários indivíduos compartilharem um mesmo espaço geográfico ou características comuns, quer sejam, por exemplo, qualidades genéticas ou comportamentais, como raça e linguagem, não faz deles participantes de uma mesma comunidade, ainda que reajam de forma análoga face a estas situações. Weber explica que só se pode pensar em comunidade quando, embasadas sobre o sentimento de experimentarem situações comuns, as ações individuais estão reciprocamente referidas, "e na medida em que esta referência traduz o sentimento de formar um todo" (*Ibid*., p. 142).

Por outro lado, Weber vê a sociedade como uma relação social na qual a ação social é inspirada "numa compensação de interesses por motivos racionais (de fins ou

de valores) ou também numa união de interesses com idêntica motivação*"* (*Op. cit.*, p. 140).

Para Weber, uma relação social caracterizada por motivos racionais, como a que ele entende por sociedade, pode dar lugar a uma relação que tem por base valores afetivos, ou comunitários, em sua definição. Essas formas de relacionamento que se interpenetram permitiriam, portanto, que um grupo reunido originalmente sob fins racionais se transmutasse em um grupo social regido por sentimentos de afetividade, ou mesmo abrigasse tal característica em seu cerne, juntamente com os fins racionais.

Com este texto, Weber apresenta uma dimensão que antes não era levada em conta pelos demais teóricos da comunidade: o laço formado a partir de relações baseadas na afetividade. São estes laços que permitem aos indivíduos se sentirem como partes de um todo, como partes de uma comunidade.

III.2 - A comunidade nos tempos da Internet

O desenvolvimento de novas tecnologias na área da comunicação, sobretudo o aperfeiçoamento das tecnologias digitais e a disseminação das redes interativas, colocou-nos diante de inusitadas e importantes questões para se pensar o ambiente cultural na contemporaneidade. Praticamente todos os aspectos da vida são atravessados pela tecnologia que permitiu a formação de um novo espaço de comunicação, o ciberespaço[14].

Entendemos que o ciberespaço é um "lugar" criado, a partir da conexão entre servidores (bancos de dados) e redes de computadores, pela associação dos espaços vertical e horizontal, onde o tempo rápido da tecnologia, da verticalidade, da produção, encontra-se imbricado com o tempo lento, da horizontalidade, do banal.

[14]De acordo com Lévy (1999, p. 92), "a palavra 'ciberespaço' foi inventada por William Gibson em seu romance de ficção científica *Neuromante*. No livro, esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural". Lévy define o ciberespaço como "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (*Ibid.*, p. 92). Ver também Lemos (1996).

Podemos perceber a tensão entre estes dois tempos no ciberespaço ao observarmos com mais atenção o objeto deste nosso trabalho: o fotolog. O fotolog, por seu sistema de gerenciamento e, por pertencer ao "espaço" da Internet, é marcado pela hipervelocidade, entretanto, nele também está presente a lentidão, que se deixa ver no tempo que o flogger "investe" na produção de "posts" e na manutenção de sua rede de sociabilidade através da retribuição de visitas e comentários a outros floggers.

Dentro e fora da Internet, grupos sociais passam por transformações engendradas pela presença cada vez maior das novas tecnologias no cotidiano das pessoas. Daí a importância de se esquadrinhar quais características marcam as novas formas de sociabilidade que surgem a partir do aparecimento do ciberespaço.

Assim, convém investigarmos a relação entre as teorias defendidas pelos evolucionistas Tönnies e Wirth, passando pela definição de Weber, que acrescenta à definição sociológica clássica do termo comunidade a dimensão do sentimento subjetivo, e as teorias dos autores que irão tentar trabalhar com a "cibersociabilidade", ou seja, com as formas de sociabilidade engendradas pelas novas tecnologias da comunicação.

Queremos investigar se os autores que pensam o ciberespaço também entendem a afetividade que marca as redes de amizade como base dos relacionamentos mediados pelos computadores em rede.

Pierre Lévy é um dos primeiros autores a teorizar sobre o ciberespaço, que ele define, no livro "Cibercultura", escrito em 1997, como "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (1999, p. 92). Nesta definição, Lévy inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, como as redes telefônicas, por transmitirem informações digitais ou passíveis de digitalização.

O caráter digital, matemático, é, para o autor, a principal característica do ciberespaço, porque seria o responsável pelo "caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação..." (*Ibid*., p. 92-93)

Lévy afirma que "a cibercultura aponta para uma civilização da telepresença generalizada" (*Ibid.*, p. 127), onde todos os indivíduos estariam interconectados através da Internet. A comunicação universal, sem fronteiras, seria o horizonte técnico da

cibercultura, que teria como objetivo último a comunicação interativa entre os indivíduos e os artefatos tecnológicos.

Para Lévy, as "comunidades virtuais" – como ele chama os grupos de usuários que se formam no "mundo digital" e aí, ou a partir daí, constroem relações –, são construídas "sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais" (*Ibid.*, p. 127). Em outras palavras, temos aí novamente as características que Weber[15] imputa ao seu conceito clássico de comunidade: a afetividade e a emoção.

Lévy explica que, na verdade, as comunidades virtuais são a efetivação de grupos apenas potenciais antes do surgimento do ciberespaço como novo espaço comunicacional. (*Ibid.*, p. 130) Antes das novas formas de grupamento possibilitadas pela disseminação da Internet, indivíduos espacialmente distantes, mas que possuíssem em comum hábitos, comportamentos, ideologias, não teriam muitas chances de se conhecerem e de se reunirem em grupos de convivência. Ele acrescenta que o fato de tais encontros serem possíveis por intermédio de um meio digital não impede que amizades possam surgir nestes ambientes virtuais.

Podemos observar na Rede a existência de grupos com características tão diversas quanto as daqueles grupos que se formaram fora da Internet. Uma das diferenças mais marcantes, porém, é a larga distribuição espacial dos indivíduos que compõem os grupos do ciberespaço, que, teoricamente, podem estar em qualquer ponto do planeta.

Lévy (1999) profetiza o império hegemônico das relações mediadas por telas de computadores. Ele esquece, todavia, que esse tipo de interação social surge compondo um quadro plural para o ambiente cultural da contemporaneidade. Não existe hoje a possibilidade de se compreender a cultura de maneira totalitária. Na verdade, assistimos vários elementos oriundos de fontes diversas sugerindo a formação de uma cultura cada dia mais dinâmica em suas elaborações.

Totalmente diferente de Lévy, Francisco Rüdiger defende no livro "Elementos para a crítica da cibercultura" (2002) que a cibercultura teria nascido da crise das ideologias e da unificação planetária em torno do neoliberalismo, da globalização e da

[15] *Op. cit.*

Internet, e critica o uso da expressão “comunidade virtual”, por entender que os grupos sociais formados na Internet não possuem as características da definição clássica de comunidade na Sociologia, que incluiriam relações mais orgânicas e tradicionais.

> Os compromissos, afiliações e valores comuns que mesmo nesse período sempre foram também ideologia só podem ser vistos, em um meio marcado pela superficialidade, rapidez, oportunismo e irresponsabilidade dos contatos, como arremedo miserável, cujos elementos utópicos, um dia projetados, reduzem-se cada dia mais à eventualidade individual. (p. 123-124)

Ele se mostra céptico em relação à idéia defendida por entusiastas de que a Internet seria um novo mundo. Para Rüdiger, o ciberespaço praticamente reproduz as deficiências do mundo fora das redes de computadores e comportamentos e mesmo estereótipos terminam por serem reproduzidos nas relações on-line. Isto porque a cibercultura é apenas uma parte da cultura *lato senso*, e não uma cultura em separado, com características distintas do todo de que é parte.

De acordo com Rüdiger, “o ciberespaço é uma construção tecnológica e cultural, cujas bases foram surgindo em função de necessidades econômicas (mediatas) e militares (imediatas), mas convém não reduzi-lo à função dessas instâncias históricas” (Rüdiger, 2002, p. 9). Ele acrescenta que “o triunfo do imaginário tecnológico”, que, em poucas palavras, seria toda a rede de imagens e de idéias (a celeridade, corpos híbridos formados pela simbiose homem-máquina (ciborgues) etc.) – constituintes de um todo – que os homens e mulheres possuem acerca da tecnologia e de seu vínculo com ela, produz efeitos na maneira de pensar do homem e até mesmo na forma como experimentamos nossos corpos e nosso mundo.

Rüdiger vê a necessidade de redifinir, após o desenvolvimento das tecnologias de realidade virtual[16], conceitos como identidade, comunidade e realidade.

Para ele, “as tecnologias de comunicação possuem um sentido individualista muito mais do que comunitário” (*Ibid.*, p. 113). Por pensar assim, Rüdiger não vê com bons olhos o que chama de tendência atual da socialização, que, é claro, seria atravessada pelas novas tecnologias. “A tendência do século vindouro, por isso, parece que é uma socialização cada vez mais tecida de indiferença, distância, insularidade e

[16] A distinção entre realidade real e virtual não consta dos nossos propósitos neste trabalho. Para um aprofundamento nesta questão sugerimos ver Lévy (1996), Baudrillard (2001a e 2001b) e Heim (1999).

egoísmo, pontuada por relacionamentos breves e superficiais, ainda que eventualmente intensos" (*Ibid.*, p. 114).

O autor explica que as relações na rede são cópias das relações mais cotidianas. Mas poderia ser diferente? Respondemos que não, pois que a Internet é apenas uma parte da ambiência cultural como um todo. Entretanto, Rüdiger sustenta que a participação das pessoas na Internet tende a ser mais irresponsável.

> As pesquisas mostram que nela [Internet] os conflitos são tão comuns quanto no mundo real, porém tendem a ser menos intensos porque, é deixado subentendido, praticamente não há laços de fidelidade estáveis entre os integrantes das chamadas comunidades online, sobretudo as surgidas com a Internet. (*Ibid*., p. 122-123)

Rüdiger acrescenta que a interação permitida pelas novas tecnologias não passa de um "contato momentâneo e individualista" e diz ainda que "ninguém passa a fazer parte de uma comunidade merecedora do título ao subscrever uma lista de discussão ou se cadastrar em um servidor de Internet" (p. 124). Tais laços construídos no ciberespaço seriam flutuantes e as conexões temporárias, incapazes de produzir conseqüências tangíveis.

> A Internet não parece ser uma força capaz de provocar os abalos com que se pode passar a esperar uma reviravolta na vida de um grupo social, salvo é claro se se tornar mediação de um processo de mudança induzido a partir da ação social concreta, no âmbito de alguma instituição histórica concreta. (p. 126)

Mas, que tipo de reviravolta social Rüdiger espera?

Cada vez mais surgem na Internet espaços específicos de discussão que agregam milhares de pessoas de locais fisicamente próximos ou distantes, em torno de assuntos de interesse comum. Através da troca de informações, de idéias, de sentimentos, ou seja, através do estabelecimento de um tipo de convivência social que dispensa a presença física, são formadas novas redes de sociabilidade, verdadeiros grupamentos comunitários.

Estas comunidades que se formam no ciberespaço, a despeito de apresentarem características próprias, como a rapidez com que os laços são estabelecidos e a não exigência de contato físico, possuem, ainda assim, elementos marcantes que não podem deixar de serem vistos como aqueles mesmos com os quais foram formulados os

principais conceitos clássicos de comunidade, quais sejam: a comunhão de interesses comuns e o surgimento de laços afetivos e íntimos.

III.2.1 – Novas imagens de comunidade

A expressão “comunidade virtual” chama a atenção do mundo acadêmico. As discussões desenham um quadro polêmico em torno das possíveis interpretações para o conceito de comunidade. De um lado, há aqueles que afirmam a existência de “comunidades virtuais”, enquanto de outro, há teóricos que não acreditam sequer que ainda existam comunidades, mesmo fora do ciberespaço.

Rheingold, um dos primeiros autores a efetivamente utilizar o termo “comunidade virtual” para se referir aos grupos que mantinham relações sociais no ciberespaço, define “comunidades virtuais” como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações pessoais no ciberespaço” (Rheingold, 1996, p. 18).

A definição de comunidade virtual proposta por Rheingold valoriza a existência de elementos como a comunhão de temas, interesses e idéias comuns aos participantes dos grupos, e ainda – e o que para nós parece ser de suma importância –, a partilha de sentimentos.

Esses elementos, combinados no ciberespaço, serviriam como matérias-primas para a construção de redes de sociabilidade que formam um ecossistema de “microssociedades”, ou de pequenas tribos, diferenciadas a partir das práticas e interesses de cada grupo.

Não há como negar que os novos espaços de convivência surgidos com as novas tecnologias da comunicação, sobretudo com a Internet – salas de bate-papo (*chats*), listas de discussão (e-groups), entre outros –, geraram novas formas de interação social, de sociabilidade. Essas novas formas de relacionamento social vêm crescendo de forma acentuada e multiplicando as possibilidades de interação na contemporaneidade.

Assim, não afirmaremos que seria possível retomar o conceito de comunidade em sua magnitude moderna a partir de Tönnies ou Simmel, mas gostaríamos de redimensionar o uso do termo comunidade.

Softwares como o Irc, MSN Messenger, Skype, facilitaram a comunicação instantânea entre os freqüentadores do ciberespaço, que se transformou em um "espaço" contextual comum de construção de inusitadas formas de sociabilidade. Um dos pontos que ressaltamos neste cenário é a agregação cada vez mais apoiada e estruturada em rede.

Os grupos que se formam na Rede agregam usuários em torno dos mais diversos assuntos e intenções, formando redes de interesses. Alguns espaços de convivência oferecem ajuda mútua, preces, textos para reflexão, e têm como fim a disseminação de filosofias, religiões ou modos de vida; outros são dedicados à discussão de temas específicos e não têm outro fim senão a troca de idéias e a partilha de experiências; outros ainda são destinados à conversa sem tema específico e agregam usuários que têm em comum interesses ou características em comum, como o lugar onde se encontra fisicamente o usuário (cidades, instituições etc.), sua orientação sexual (homossexuais, bissexuais, pansexuais, transexuais etc.) e seu estilo de vida.

Listas de Discussão

Entre os exemplos de grupos da Internet que podem ser enquadrados como comunidades virtuais estão as listas de discussão.

O Santo Daime, uma doutrina religiosa que nasceu no Brasil, na Floresta Amazônica, nas primeiras décadas do séc. XX, mantém há alguns anos uma lista de discussão[17] freqüentada por fiéis e por pessoas interessadas em saber mais sobre a seita. Neste espaço, usuários de vários países do mundo trocam informações e conhecimentos sobre a doutrina e discutem temas de relevância para o grupo, como os processos de liberação da bebida Ayahuasca (elemento fundamental do culto daimista) para uso ritualístico.

[17] http://groups.yahoo.com/group/daime

Também através da lista de discussão, que, além do português, também recebe mensagens em inglês e espanhol, eles organizam eventos na sede do Santo Daime, na Floresta Amazônica, e divulgam novas diretrizes da seita.

Os freqüentadores da lista compartilham entre si assuntos pessoais (como estado de saúde, festas de aniversário, nascimentos, mortes) além dos assuntos próprios da doutrina (a realização de retiros espirituais, a divulgação da criação de novos hinos religiosos ou de novas igrejas daimistas, os feitos de membros da seita).

É curioso constatar que uma seita formada principalmente a partir de elementos culturais dos povos nativos da Floresta Amazônica, como o xamanismo e o catolicismo popular, e fortemente marcada pela ligação com a natureza, utiliza o espaço da Internet para disseminar sua doutrina e para agrupar seus fiéis espalhados pelo mundo.

Blogs (Weblog)

Criados em agosto de 1999 pelo norte-americano Evan Williams, os weblogs (junção de *Web*, "teia" ou "rede" (Internet), e *log*, "registro", ou , em outras palavras: "anotações na Internet"), que também são conhecidos como "diários virtuais", rapidamente se popularizaram e hoje já não podem ser contados.

Os Blogs são sítios pessoais da Internet, em sua maioria gratuitos, que permitem o arquivamento em ordem cronológica de textos e, muitas vezes, imagens – embora os sistemas de hospedagem e criação de blogs disponibilizem pouco espaço para elas.

Apesar de serem conhecidos como diários, os Blogs são usados por seus donos para expressar suas próprias idéias ou sentimentos, mas também informações subjetivas sobre acontecimentos, fatos sociais. Os conteúdos e temas dos blogs são variados, abrangendo desde assuntos relacionados à diversão até informações do universo do trabalho. Alguns são produzidos por mais de uma pessoa e reúnem piadas, poesias, textos filosóficos e/ou acadêmicos, notícias, "atalhos" (endereços) para outros sítios da Internet etc.

Os blogs permitem que grupos se comuniquem de forma mais simples e organizada do que através do e-mail ou grupos de discussão, por exemplo. A facilidade de criar e manter um blog permite que a mesma pessoa que produz os textos trabalhe na sua edição e seja responsável pela forma de visualização deles ("*template*" ou "*layout*").

No Brasil, algumas das ferramentas de criação, hospedagem e gerenciamento de blogs mais conhecidas são o Blig, o Blogger e o Weblogger. Quem quer criar um blog não precisa fazer um curso específico, nem sequer entender de design, de programação visual. Basta somente acessar o sítio de uma ferramenta gerenciadora de blogs e seguir as instruções, sem precisar escrever nenhum código ou se preocupar em instalar qualquer tipo de software para a criação.

Muitos Blogs se tornaram bastante conhecidos no "universo blogueiro", como o da escritora paulista Clarah Averbuck - um dos blogs pessoais mais visitados do Brasil. Em seu blog, que ela praticamente "abandonou" no final de 2003, Clarah escrevia quase que diariamente sobre fatos do cotidiano, como sua primeira gravidez, o apartamento novo, as tarefas de mãe e dona-de-casa e a atividade de escritora. Enfim, o cotidiano da mãe/escritora é supervalorizado, ou seja, o tempo lento que se estrutura no ritmo do "aqui e agora" que caracteriza as uniões em "rede".

Os textos que Clarah Averbuck publicava em seu blog, "Brazileira!Preta[18]", transformaram-se no segundo livro da escritora, "Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante", lançado pela Editora 7Letras em setembro de 2003.

É indiscutível que blogs pessoais, assim como os fotologs, servem como tentativas de seus autores mostrarem um "estilo próprio" e como "espaços" onde eles podem se expressar, podem expor suas idéias e sentimentos a um número indeterminado de pessoas de qualquer parte do mundo, servindo, desta maneira, como elementos sociabilizantes; cada "blogueiro" (dono de blog) atuando como um "agente de comunicação" (Maia, 2004), na medida em que geram novos fluxos comunicacionais na Internet, provocando a formação de novas redes de comunicação interpessoais no ciberespaço e servindo como mediadores, elos entre o tempo veloz dos microprocessadores e o tempo da banalidade, do cotidiano.

Consideramos que o fotolog – o objeto do nosso trabalho – é uma espécie de blog composto por imagens. Mas não apenas isto.

O fotologs não são, ao contrário do que se pode pensar, apenas álbuns de fotografias na Internet. Os "*links*" ("atalhos" com endereços de outras páginas) para sítios ou outros fotologs – quer destacados nos comentários dos "visitantes" ou na lista dos "favoritos" – funcionam, mais do que para revelar as afinidades e o estilo de vida de

[18] www.brazileirapreta.blogspot.com

seus donos, como elos, pontes no estabelecimento de novos contatos interpessoais e novas redes de amizade.

IV – Cultura do sentimento

Há algumas décadas está em gestação um processo de reconfiguração social que já é claramente perceptível atualmente. De acordo com Maffesoli, esta "metamorfose" acontece a partir de elementos que já existiam e que ele identifica como "tribalização, cultura do sentimento, estetização da vida, predominância do cotidiano" (1995, p. 25).

Para compreender as características desta "cultura do sentimento", que já marcava a sociabilidade das últimas décadas do séc. XX, é importante tomar como base duas importantes obras de Maffesoli e Sennett, nas quais os dois autores defendem diferentes pontos de vista. O primeiro, que enxerga uma tendência gregária na contemporaneidade, acredita que, entre outras coisas, a afetividade faz com que as pessoas procurem o estar-junto, independentemente de serem essas relações construídas dentro ou fora do círculo íntimo dos indivíduos. Sennett, por sua vez, entende que a tendência fratricida inerente aos indivíduos, sobretudo aqueles mantidos sob os auspícios do capitalismo, inibiria a participação em grupos impessoais, que têm lugar no espaço público. As pessoas, numa constante busca do conhecimento de si mesmas e dos outros, estariam mais propensas a formar grupos restritos, onde se desenvolveriam relações mais íntimas e face a face.

Michel Maffesoli, em "O tempo das Tribos", escrito ainda na década de 80, ressalta o aspecto afetivo ou "afetual" dos grupos sociais. Ele afirma que estaríamos vivendo o deslocamento da estrutura mecânica (Modernidade) para a estrutura complexa ou orgânica (Pós-modernidade). Esta mudança marcaria, segundo Maffesoli, a passagem da era dos "grupos contratuais" para as "tribos afetuais", que podemos entender como uma retribalização, ou a volta das comunidades. É aí que entra o conceito de "socialidade eletiva", o que quer dizer que, atualmente, "os processos de atração e de repulsão se farão por escolha" (Maffesoli, 1987, p. 121).

Ele aponta a existência de uma "lógica da rede", que implica em "algo que dá precedência do calor afetivo, ou que, pelo menos, demonstra que este tem um lugar privilegiado na estruturação ou no objetivo social" (*Ibid*., p. 122).

De acordo com Maffesoli, o "tribalismo" "está impregnando cada vez mais os modos de vida". (*Ibid.*, p. 138)

> Eis aí a lógica das redes que está se impondo nas massas contemporâneas. A impessoalização, melhor seria dizer a desindividualização, assim induzida é, aliás, perceptível no fato de que cada vez mais as situações são analisadas a partir da noção de atmosfera. Prevalece menos a identidade, a precisão do traço, do que a suavidade, a ambigüidade, a qualificação em termos de "meta..." ou de "trans...". E isso em inúmeros domínios: modas, ideologias, sexualidade, etc... (*Ibid*., p. 127)

Em outra obra sua, "A contemplação do mundo", Maffesoli retoma a idéia de que vivemos uma nova "*reliance*", um retorno à comunidade, um reencantamento do mundo. "(...) o que prevalece não é mais o indivíduo, isolado na fortaleza de sua razão, mas o conjunto tribal, que se comunica ao redor de um conjunto de imagens que consome com voracidade" (*Id.*, 1995, p. 145).

De acordo com o pensamento de Maffesoli, vivemos uma ambiência tribal que se desenvolve cada vez mais. A afetividade e o processo de identificação com um determinado grupo, em lugar da lógica da identidade – étnica, sexual, política, profissional –, estaria concorrendo para a formação de pequenos grupos, a que ele denomina "tribos". Estes grupos efêmeros e fluidos formam, para o sociólogo, uma verdadeira "rede" no âmbito da sociedade de massa.

Este "neotribalismo" seria, na concepção de Maffesoli, dinamizado a partir de valores arcaicos, como o localismo, a "proxenia", ou seja, a hospitalidade, a religiosidade (*reliance*) e o desenvolvimento tecnológico.

Defendendo uma tese radicalmente oposta, Richard Sennett afirma em seu livro "O declínio do homem público - As tiranias da intimidade" (1988), que a vida comunitária tornou-se uma espécie de perversão, de anomalia, e critica os que vêem com bons olhos a "comunidade".

> A comunidade moderna no que diz respeito à fraternidade parece estar num mundo morto e hostil; é, na verdade, muito freqüentemente, uma experiência de fratricídio. Além disso, é provável que esses termos da personalidade, que governam as relações face a face na comunidade, façam diminuir o desejo que as pessoas têm de experimentar aqueles solavancos que podem ocorrer num terreno menos familiar. (*Ibid*., p. 360)

Para Sennett, o domínio público foi substituído pela preocupação com a vida privada, resultando em que as relações impessoais foram mais e mais parecendo aos

indivíduos algo frustrante, e, a personalidade algo a ser buscado nas relações pessoais, de maior intimidade. Esta mudança acarretaria, conforme o pensamento do autor, prejuízos tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. O narcisismo e a permuta de auto-revelações tornariam a convivência íntima destrutiva, além do próprio eu não permitir a gratificação pessoal.

> Ironicamente, esta visão psicológica também inibe o desenvolvimento de forças básicas da personalidade, tais como o respeito pela privacidade dos outros ou a compreensão de que, uma vez que cada indivíduo é em certa medida uma câmara de horrores, as relações civilizadas entre os indivíduos só podem ter continuidade na medida em que os desagradáveis segredos do desejo, da cobiça ou inveja forem mantidos a sete chaves. (*Ibid*., p. 17)

Sennett afirma que atualmente faz-se confusão entre vida pública e vida íntima devido a esta mudança de um modo de vida voltado para o outro em direção à preocupação com a interioridade. Não se trata de individualismo, o autor explica, mas sim de "ansiedade a respeito de sentimento individual" (*Ibid.*, p. 18).

Conforme Sennett, o problema da troca da experiência na vida pública pela busca da personalidade nos foros de intimidade ("projeto reflexivo do eu") faz com que as pessoas percam o desejo de atuarem juntas se não se considerarem conhecedores uns dos outros. Isto não é um problema psicológico, na opinião do autor, mas, o resultado da visão intimista, que é, em sua concepção, "impulsionada na proporção em que o domínio público é abandonado, por estar esvaziado. No mais físico dos níveis, o ambiente incita a pensar no domínio público como desprovido de sentido" (*Ibid.*, p. 26).

Sennett explica que o público e o privado, que no Iluminismo criaram juntos um "universo de relações sociais", entraram em desequilíbrio devido às grandes revoluções no final do século e à ascensão de um capitalismo nacional posteriormente, que provocaram profundas mudanças no ambiente cultural. Temendo os choques desta nova ordem econômica, as pessoas teriam buscado refúgio nas relações íntimas, na família, que passou a ser idealizada e, seus valores morais vistos como mais elevados que os que formavam a vida pública.

Sennett introduz uma "ideologia da intimidade", que, em seu entendimento, seria resultante da soma de três fatores: a crença de que a aproximação entre pessoas é um bem moral; a aspiração de desenvolver a personalidade individual através de experiências de intimidade; o mito de que os males da sociedade são resultantes da

impessoalidade, alienação e frieza. “A soma desses três constitui uma ideologia da intimidade: relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa”. (*Ibid.*, p. 317)

Para Sennett, as pessoas sobrecarregam suas relações de intimidade com cobranças de segurança, repouso e permanência (*Ibid.*, p. 318). O autor questiona, então, qual a virtude de uma intimidade nestes termos. Por estas características, o “reinado da intimidade” é visto por Sennett como um trauma da vida moderna.

> O próprio medo da impessoalidade, que governa a sociedade moderna, prepara as pessoas para verem a comunidade numa escala cada vez mais restrita. Se o eu ficara reduzido a intenções, o compartilhar desse eu fica também reduzido a excluir aqueles que são muito diferentes em termos de classe, de política, ou de estilo. (*Ibid*., p. 322)

A supremacia da vida privada teria, ainda segundo o pensamento de Richard Sennett, despojado a sociedade de sua civilidade, que ele define como “a atividade que protege as pessoas umas das outras e ainda assim permite que elas tirem proveito da companhia umas das outras” (*Ibid.*, p. 323). Sennett acrescenta que “a sociedade intimista faz do indivíduo um *ator privado de sua arte*” (idem) e que “usar máscara é a essência da civilidade”. Ele afirma que “uma sociedade intimista encoraja o comportamento incivilizado entre as pessoas e desencoraja um senso de jogo no indivíduo” (p. 328).

Sennett traz à baila o mito que se formou em torno da comunidade no meio urbanista. Com o intuito de “humanizar” a cidade, e de minimizar a impessoalidade – “enfermidade” básica do capitalismo –, os projetistas da cidade contemporânea, que concebem a comunidade contra a cidade, sacralizam o gueto. “...tenta-se tornar a escala da experiência humana íntima e local: ou seja, torna-se o território local moralmente sagrado. É a celebração do gueto.” (*Ibid.*, p. 359)

Todavia, o autor alerta para o fato de que mesmo as ações desenvolvidas no sentido de “reparar” ou “minimizar” as chagas do sistema capitalista – no caso específico da cidade, a impessoalidade, a distância entre as pessoas – servem para validar ainda mais tal sistema.

> ...a celebração da comunidade territorial contra os males do urbanismo capitalista impessoal se coaduna quase confortavelmente com um sistema mais amplo, porque leva a uma lógica da defesa local contra o mundo exterior, mais do que a um desafio contra as atividades desse mundo. (...) A destruição de uma cidade feita de guetos é uma necessidade tanto política quanto psicológica. (*Ibid*., p. 360)

Temos, por um lado, a vida cada dia mais afirmada por uma experiência individual, trancada em impossibilidades comunicacionais. Por outro prisma, uma atitude desvinculada radicalmente de processos individualizantes. Duas visões radicais.

Sennet privilegia o espaço da verticalidade, do tempo da produção, e dá pouca importância ao espaço onde resiste a horizontalidade, onde se configura, segundo Maffesoli, a socialidade em lugar da sociabilidade.

Conforme Sennett, a destruição do espaço público e a criação da esfera psicológica reforçam a idéia de comunidade, que teria se transformado em algo compulsivamente buscado. As pessoas desejariam estar imersas em relações mais pessoais, face a face, num mesmo território. (*Ibid.*, p. 363)

Sennett atribui à comunidade a dupla paradoxal vigilância e liberdade. Seria esta contradição a responsável pelos papéis que as pessoas que vivem em comunidade desempenham, quais sejam: o papel de vigilante e de defensor da liberdade e da abertura das emoções. Como resultado deste contra-senso, Sennett afirma que a convivência comunal freqüentemente termina em fratricídio, tanto entre os que convivem em comunidade quanto entre a comunidade, "o território dos cálidos sentimentos", e o mundo lá fora, "o território da indiferença impessoal" (*Ibid.*, p. 366).

O autor explica que os grupos comunitários que se pretendem tomadores de decisões estão incorrendo na falácia de pensarem que questões que afetam diretamente o nível local, podem, dentro do tipo de sistema econômico e social em que vivem os países ocidentais, ser decididas neste mesmo nível, ou seja, localmente. Estas comunidades estariam desprezando o caráter globalmente vinculante das decisões tomadas por aqueles que realmente "ditam as regras", que mantêm o *status quo*.

> ...quanto mais as pessoas estão mergulhadas nessas paixões de comunidade, tanto mais as instituições de base da ordem social permanecem intocadas. (...) A maioria dos assim chamados planos urbanos progressistas conseguiu chegar a um tipo muito especial de descentralização.(...) O objetivo são os poderes locais de controle, mas não há poder real que essas comunidades

> tenham, de fato. Numa economia altamente interdependente, decisões locais a respeito de questões locais são uma ilusão. (*Ibid.*, p. 377)

Sennett acrescenta que “algum grau de fantasia” é uma característica comum a qualquer comunidade e que, atualmente, “a fantasia compartilhada pelas pessoas é o terem uma mesma vida impulsiva, a mesma estrutura motivacional” (*Ibid.*, p. 378). Porém, consoante o pensamento de Sennett, tal fantasia comum não tem força suficiente para evitar a tendência ao fratricídio na comunidade. Ele explica que as pessoas só são sociáveis quando há entre elas a distância da impessoalidade, que evita que elas se destruam. Segundo Sennett, esta tendência fratricida é um fruto da cultura capitalista observável quando as relações sociais são embasadas em relações intimistas.

Esta tendência fratricida da comunidade, que faria dela uma comunidade perversa, e a morte da vida pública, levam Sennett a considerar a sociedade ocidental afligida por uma grave anomalia.

Diversamente de Richard Sennett, Maffesoli exalta a formação destes novos pequenos grupos a que ele denomina de “tribos”. Este “neotribalismo” seria fruto de uma “nebulosa afetual”, de uma tendência orgiástica ou dionisíaca, que teria como principais características a inconstância, a fluidez, a dispersão – contrariamente à estabilidade observada no tribalismo clássico. Ao invés da adesão a um só grupo, a tendência atual, na opinião de Michel Maffesoli, é a constante circulação das pessoas entre grupos diversos. O autor também ressalta a superação do princípio de individualização.

Maffesoli vê no calor humano – o que nos remete à “subjetividade afetiva” de Weber (1973) – o principal responsável pela tecitura do tecido social, e, que a potência da “socialidade”, que ele define como um conjunto de práticas cotidianas que escapam ao controle social rígido e, ao mesmo tempo, um verdadeiro substrato de toda vida em sociedade, opõe-se ao poder econômico e político.

Para Maffesoli, a socialidade é uma espécie de centralidade subterrânea informal que assegura a perdurância da vida em sociedade para aquém e para além das formas econômicas e políticas instituídas.

Atualmente, esta socialidade se caracterizaria por uma tensão entre a massificação e a formação de microgrupos, as “tribos”. “A metáfora da tribo, por sua vez, permite dar conta do processo de desindividualização, da saturação da função que

lhe é inerente, e da valorização do papel que cada pessoa (persona) é chamada a representar dentro dela". (Maffesoli, 1987, p. 8 e 9)

Na concepção de Maffesoli, a noção do tribalismo é precedida pelas noções de comunidade emocional, de potência e de socialidade, que a fundamentam.

Maffesoli critica os estudiosos que difundem "pensamentos catastrofistas" sobre o ensimesmamento, sobre o fim do espaço público. Ao conjunto formado pela multiplicidade do eu e pela ambiência comunitária, Maffesoli chama de "paradigma estético", no sentido de vivenciar ou de sentir em comum. "...enquanto a lógica individualista se apóia numa identidade separada e fechada sobre si mesma, a pessoa (persona) só existe na relação com o outro" (*Ibid.*, p. 15)

Podemos observar uma aproximação entre o pensamento de Maffesoli e a linha aberta por Weber ao tratar desses reagrupamentos sociais, em pelo menos um ponto: a dimensão do afetivo. Maffesoli defende a existência de uma "comunidade emocional", a que ele destaca as características de efemeridade, "composição cambiante", inscrição local, "a ausência de uma organização" e da estrutura cotidiana.

> De toda maneira, sob qualquer denominação que se lhe dê (emoção, sentimento, mitologia, ideologia) a sensibilidade coletiva, ultrapassando a atomização individual, suscita as condições de possibilidade para uma espécie de "aura" que vai particularizar tal ou qual época (...) É possível que se assista agora, à elaboração de uma "aura estética" onde se reencontrarão, em proporções diversas, os elementos que remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou à perspectiva ecológica. (*Ibid*., p. 20)

Conforme Maffesoli, há um certo "clima 'holista' que sustenta o ressurgimento do solidarismo ou da organicidade de todas as coisas" (*Ibid.*, p. 20) e essa tendência comunitária pode caminhar lado a lado com o desenvolvimento tecnológico ou econômico.

Maffesoli explica que, no final do séc. XX, a comunidade se caracteriza mais pelo próprio estar-junto do que por um projeto comum voltado para o futuro. A "ética comunitária" estaria presente em expressões simples do cotidiano, como a solidariedade, a união e o cuidado com o outro.

> ...é por fora das circunstâncias, é porque existe proximidade (promiscuidade), é porque existe a partilha de um mesmo 'território' (seja ele

> real ou simbólico), que vemos nascer a idéia comunitária e a ética que é o seu corolário. (*Ibid*., p. 24)

Maffesoli defende que o que une esses agrupamentos humanos é o sentimento de comunidade de destino, uma solidariedade oriunda de um sentimento partilhado, de um segredo partilhado. Ele acrescenta ainda que, "depois da *estética* (o sentir em comum), e da *ética* (o laço coletivo), o *costume* é, seguramente, uma boa maneira de caracterizar a vida quotidiana dos grupos contemporâneos" (*Ibid.*, p. 31).

Maffesoli também designa a energia que cimenta os pequenos grupos e as comunidades como "transcendência imanente" (p. 84), que seria "aquilo que ao mesmo tempo ultrapassa os indivíduos e brota da continuidade do grupo" (p. 96). Igualmente a memória coletiva seria, na opinião do autor, causa e efeito da comunidade (p. 98).

Ao contrário de Richard Sennett, Maffesoli não acredita no fim do espaço público e salienta ainda que "a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de *pertença*, em função de uma *ética* específica e no quadro de uma rede de comunicação" (p. 194).

> ...as redes, que pontuam nossas megalópoles, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional e, às vezes, até mesmo de ritos culturais que caracterizavam o espírito da "gens" romana. Seja qual for o nome que se dê a esses reagrupamentos: grupos de parentesco, grupos familiares, grupos secundários, "peer-groups", trata-se de um tribalismo que sempre existiu, mas que, conforme as épocas, é mais ou menos valorizado. A verdade é que, atualmente, ele está bem vivo, mandando e desmandando... (*Ibid*., p. 98)

Entendemos que a Internet é um espaço fértil para a formação de redes de sociabilidade, assim como a cidade contemporânea. Essas novas forças de tribalização, somadas aos sentimentos de afetividade, intimidade e pertença, apresentados por Maffesoli como elementos responsáveis pelo número crescente de grupos em formação, também atuam no ciberespaço e são responsáveis pelo surgimento de novos modelos de comunidade que independem da proximidade física dos indivíduos que a constituem.

IV.1 - Estilo de Vida e a Busca do Estar-junto

Comunidades, tribos, clãs, microgrupos. O importante é pertencer, é comungar do "poder inebriante da pertença". Aquecer-se no toque do outro e com ele se fundir numa "nebulosa afetual" com tendências "dionisíacas"[19].

Tudo que se refere à sociabilidade contemporânea parece corroborar com a hipótese defendida por Maffesoli de que vivemos numa época em que mais do que agrupamentos racionais, contratuais, podemos observar a busca de um estar-junto desordenado e versátil fundado sobre o terreno movediço da afetividade e da identificação[20].

Um estar-junto que prescinde de propósitos claros e de qualquer compromisso com o futuro ou com o mito do "progresso" que marcou a Modernidade e que, mais do que qualquer laço relacional mais "forte" ou mais "estreito", privilegia, sobretudo, o sentimento de perten(cimento) e não reclama estabilidade nem longa duração. É um querer desfrutar da companhia de outros, um querer se sentir parte de um grupo, que, por já ser o fim em si, não reivindica a estabilidade, tampouco promessas de vínculos eternos. São grupos fragmentários "cujo único objetivo é se manter aquecidos" (Maffesoli, 1987, p. 139).

A organização da sociabilidade contemporânea, como aponta Maffesoli (1987, 1995, 1996, 1997 e 2004) e Castells (1999) tem forma reticular, funciona numa lógica de rede que, ao contrário do que se pode pensar, não é uma invenção contemporânea, mas, é um modelo de organização social que volta a se manifestar com mais intensidade atualmente.

Esta sociabilidade reticular escapa a qualquer espécie de centralidade, de racionalidade, o que permite que os grupos se formem não a partir de um pólo unificado que lhes sirva de caule, mas de modo que as diversas tribos possam se tocar mutuamente da mesma maneira que se tocam os indivíduos que as compõem. Uma troca do "vitalismo" de que nos fala Maffesoli (1987 e 1996).

---

[19] Relativo a "Dioniso", deus grego dos ciclos vitais, da alegria e do vinho, conhecido como Baco entre os romanos. Maffesoli utiliza o temo para se remeter à agitação, ao arrebatamento, ao comportamento desinibido, estusiasmado e, ao mesmo tempo, tumultuário, confuso e desordenado das relações sociais contemporâneas.

[20] Em oposição à lógica da "identidade" que marcou a Modernidade.

O relacionismo que predomina no estilo contemporâneo acha-se fortemente impregnado do que se convencionou chamar de “sentimento de pertença”, responsável, de acordo com Maffesoli, pela “maneira de trajar e de outros mimetismos corporais, gestuais e de linguagem, que são bem a marca das sociedades contemporâneas” (1995, p. 57).

De acordo com o autor, vivemos um momento de (re)nascimento de um ideal comunitário, ou tribal, no qual a imagem, o presenteísmo, o hedonismo, a valorização da forma e da estética desempenham um papel determinante no campo da sociabilidade.

Assim, esta forma de estar-junto que vem sendo resgatada não está voltada para projetos futuros nem grandes realizações. É um estar-junto que “se basta a si mesmo” e que não carece de objetivos para se justificar. Esse sentimento comunitário, insuflado pela partilha de emoções e sentimentos, sem qualquer finalidade, seriam os vetores da sociabilidade contemporânea. Sociabilidade esta marcada pelo conceito de estilo de vida e pela busca incansável do estar-junto.

Conforme Maffesoli (1997), a saturação do político, que ao nosso ver poderia denotar a falta de importância dada ao espaço da verticalidade e a valorização da horizontalidade para a compreensão da coesão social contemporânea, destaca uma nova forma de sociabilidade, que não possui objetivos precisos, não repousa na busca de soluções, mas funciona como um “sentimento trágico”, para o qual pouco importa o objetivo a atingir, a finalidade, somente tendo sentido o momento oportuno partilhado “aqui e agora”, o presente, o *hic et nunc*.

Esta sociabilidade estaria fundamentada, de acordo com o autor, em uma estética, entendida como o experimentar emoções, sentimentos, paixões comuns, nos mais diversos domínios da vida social. Trata-se de um estar-junto que privilegia a comunhão, o todo, o grupo, em lugar de seus componentes individuais. “a própria ‘realiança’ é mais importante do que os elementos que são ligados” (1987, p. 121).

O indivíduo não é mais o “eu todo poderoso”, de acordo com Maffesoli (1997), mas um objeto entre outros, intercambiável, que, a partir da comunhão com a alteridade cede lugar a um nós arcaico, que na verdade faria parte da realidade pré-individual do homem. O “eu” está agora envolvido em um projeto de elaboração do “nós”, do grupo, e é no estar-junto que ele obtém novas forças para viver a comunidade. Esta nova ordem

se revelaria, para Maffesoli, nas pequenas tribos afetuais, na revivificação dos movimentos étnicos e religiosos (a exemplo do fundamentalismo).

Maffesoli defende a tese de que o individualismo, o racionalismo, a técnica e o poder econômico, ou seja, os mitos sobre os quais foi fundada a Modernidade, estão saturados, e cedem lugar na contemporaneidade ao ideal comunitário, a um novo estilo de existência que favorece as ligações afetivas de caráter eletivo. O autor cita como matrizes da sociabilidade nascente "o retorno das imagens, a importância do contágio emocional, o recurso a esses múltiplos simbolismos que são a afirmação da identificação religiosa, a efervescência étnica, a busca do 'território'" (1995, p. 24).

Estes elementos responsáveis pela irresistível "atração social", remeteriam, segundo o autor, a arcaísmos que ele identifica como tribalização, cultura do sentimento, estetização da vida e predominância do cotidiano. Estes "resíduos" estariam emergindo de eras passadas da humanidade e configurariam a contemporaneidade, delimitando o estilo da época em que vivemos.

O entendimento de que há retornos cíclicos, "contemporaneidade" de eventos e fenômenos ocorridos em momentos distintos da História, e sobreposição de estilos, permitem-nos compreender que existe um amálgama de elementos de ontem e de hoje na base do estilo contemporâneo. Elementos sincréticos que caracterizam toda a vida contemporânea e delimitam os contornos, o "clima", da sociedade de uma época, formando, deste modo, um fio condutor que atravessa e une a diversidade de elementos partilhados por todas as esferas culturais de um período histórico. No entendimento de Maffesoli, que também é o nosso, o estilo é o que "liga 'em pontilhado' os diversos elementos da realidade social" (1995, p. 30).

Mudanças na maneira de sentir seriam, ao mesmo tempo, causa e efeito da mudança de estilo de vida, entendido por Maffesoli como

> ...o caráter essencial de um sentimento coletivo. Ele [o estilo] é sua marca específica. No sentido estrito do termo, torna-se uma forma englobante, uma "forma formante", que dá origem a todas as maneiras de ser, costumes, representações, modas diversas pelas quais se exprime a vida em sociedade. (1995, p. 26)

Utilizando-se de uma outra conotação para a expressão "estilo de vida" que não a adotada pelo capitalismo para se referir às populações-alvo, Maffesoli afirma que o

estilo de uma pessoa em particular, ou de um determinado grupo, nada mais é do que a cristalização da época em que ela vive. É a partir de tal concepção que propomos aqui aplicar a expressão “estilo de vida” para nos referir a um dos elementos que compõem o cimento que está na base do surgimento de microcomunidades na contemporaneidade.

Para Maffesoli, da mesma forma como existiram estilos de vida distintos na Idade Média e no início da Modernidade, também agora nos vemos diante da elaboração de um novo estilo de vida, que privilegiaria a estética.

> À civilização enlanguescedora de uma Modernidade econômico-utilitária está em vias de suceder uma nova cultura, onde o sentido do supérfluo, a preocupação com o inútil, a busca do qualitativo assumiriam o primeiro lugar. A pulsão estilística, enquanto maneira de pensar, de agir, de sentir, é seu mais nítido indicador. (1995, p. 33)

A revalorização do local, do banal, do hedonismo, da solidariedade comunitária, das emoções e sentimentos vividos em comum, da forma e das imagens, seriam as marcas mais visíveis deste novo estilo estético, que já vem modelando o conjunto da vida cotidiana.

Este estilo estético provoca o ressurgimento de uma solidariedade orgânica que valoriza a vivência da pessoa no quadro comunitário e favorece a partilha de emoções e sentimentos e, conseqüentemente o vínculo comunitário. Também é introduzido um novo tipo de relação com a alteridade, marcada pelo estar-junto sem qualquer finalidade que não a do contato, a de sentir-se parte integrante de um todo, ainda que o grupo seja de tamanho extremamente reduzido se comparado às definições sociológicas clássicas do início da Modernidade, como a de grupo social.

> ...os valores estéticos nada mais são do que as condições de possibilidade de um novo vínculo social. Nesse sentido, a busca do prazer, a epifanização do corpo, a valorização do tempo livre, a preocupação com a qualidade de vida e outras formas de “cuidado de si” só adquirem valor à medida que favorecem o desejo do outro, o prazer de estar com o outro. (1995, p. 56 e 57)

A solidariedade orgânica seria, para Maffesoli, a causa e o efeito do surgimento de um “estilo tátil”, assinalado pela necessidade de “tocar” o outro, de estar em relação com o outro – não necessariamente verbal –, que pode estar geograficamente próximo

ou, apesar da distância física, aproximado pelas novas tecnologias na área da comunicação, como os recursos oferecidos pela Internet.

De acordo com o autor, o que ele chama de “tactilidade contemporânea” seria “esse horror ao vácuo que leva à agregação indiferenciada, que faz com que, sem o menor sentido, as pessoas se reúnam” (1996, p. 35).

Constatamos esta “necessidade do toque”, esta característica da coesão social que justificaria a “inevitável” atração que os “locais” da Internet especialmente desenvolvidos para o “toque”, para o encontro com o outro – ou que foram para isso adaptados –, exercem sobre o homem contemporâneo. É suficiente atentar para a presença constante e crescente de pessoas nas praças, shoppings centers, bares, grupos de apoio (Alcoólicos e Neuróticos Anônimos, Mulheres que Amam Demais Anônimas).

A mesma “força centrípeta” age na atração de fiéis pelos pastores (em grande parte com pouca instrução e conhecimento teológico) de pequenas comunidades religiosas/igrejas (sem vinculação com correntes religiosas institucionalizadas a exemplo da Igreja Católica, Betel, Igreja Universal) de bairros com menor poder aquisitivo; situação onde o que agrega é a empatia entre o pastor e seus seguidores, a identificação/encantamento com aquele estilo de vida e o desejo de tomar parte em um grupo no qual se pode compartilhar bem mais do que conhecimentos bíblicos, orações e testemunhos de vida.

Como característica marcante desta época há ainda a valorização cada vez maior das imagens, quer no sentido de “mundo imaginal”, aí incluídos mitos, arquétipos, memória coletiva, ou no sentido das imagens banais do cotidiano, que agora podem ser mais facilmente partilhadas através da popularização de novas tecnologias da comunicação, e do surgimento, na Internet, de gerenciadores de e-mails e páginas de fotologs – ferramentas que são muito mais do que apenas “álbuns digitais”. “O retorno da imagem e do sensível, em nossas sociedades, remete certamente a uma lógica do tocar” (Maffesoli, 1987, p. 108) e, para nós, as fotos “postadas” nos fotologs possuem essa finalidade de toque, de apalpar a sensibilidade do outro.

Por privilegiar a aparência, a forma, os estilos de vida que tomam lugar na contemporaneidade favorecem, de acordo com Maffesoli, um “reencantamento” do mundo contemporâneo através das imagens, “que encontram no estilo sua expressão acabada” (1995, p. 76).

As imagens estão impregnadas em todos os cantos da vida social e servem como vetor de agregação, de religação (*religare*), que favorece o transe da vibração comum, a experimentação comum das penas e dos prazeres, o apego ao outro e o gozo do presente, valorizado pelo tempo que elas "congelam".

Essa nova valorização da imagem tem origem no atual enaltecimento da forma (formismo), da sensibilidade, do relativismo e do gozo do presente (*carpe diem*). A ênfase posta nos adereços, nos detalhes, na aparência, no culto ao corpo são sintomas dessa volta da forma ao palco da sociabilidade contemporânea.

De acordo com Maffesoli, "o valor, a admiração, o 'hobby', o gosto que são partilhados tornam-se cimento, são vetores de ética" (1996, p. 37), o que pode ser resumido numa "atração de sensibilidades".

O que se compartilha, o que une e funciona como signos formadores de comunidade são, especialmente, os estilos (e suas maneiras de sentir, de se emocionar, de agir e de sonhar), bem como as imagens, as formas, os elementos que servem para "tocar" o outro.

> Essa função signo, ou a emoção coletiva em relação a um signo, pode-se exprimir graças a uma vestimenta, um hábito, um gosto, e, certamente, uma literatura, uma música, etc. A admiração suscitada, por um ou outro desses elementos, e muitos outros ainda, é vetor de organização específica. É, de fato, muito delicado dizer se a Associação dos amadores de Lingüiças Autênticas (em fr. A.A.A.A.) é menos importante que a que preside aos destinos culturais de Cérisy-la-Salle. Cada uma, a seu modo, tem uma função estética no sentido indicado acima: o de atração de sensibilidades. (1996, p. 40)

Quer nos espaços de convivialidade tradicionais ou nas recém-criadas "praças" que surgiram junto com o ciberespaço, grupos se formam e se desmancham com a tranqüilidade e a rapidez com que as nuvens fazem desenhos no céu claro. Nenhum grupo almeja a permanência, nem se preocupa com o momento em que seus integrantes se dispersarão. Há apenas o presente, o "aqui e agora" (*hic et nunc*) sem espaço para elucubrações sobre o que há por vir.

O que importa é o estar-junto, o sentir-se em ligação com o outro, tocando o outro de alguma maneira, desde uma conversa no mesmo botequim de esquina até as mensagens que são deixadas por quem visita um "fotolog amigo".

Da identidade à identificação

Segundo Maffesoli, em lugar do indivíduo com identidade estável da aurora da Modernidade estaríamos contemplando agora o nascimento de um novo paradigma, que traz como traço predominante um sujeito que se constrói a cada dia e que, ao invés de ser dotado de uma identidade fixa (bancário, casado, branco...) tem que aprender a cada vez mais se metamorfosear para se adaptar às mudanças constantes em todos os campos da vida.

> Essa teoria da identificação, essa saída extática de si está em perfeita congruência com o desenvolvimento da imagem, com o desenvolvimento do espetáculo (desde o espetáculo "stricto senso" até as demonstrações políticas) e, naturalmente, com o desenvolvimento das multidões esportivas, das multidões turísticas ou, simplesmente, das multidões de basbaques. Em todos esses casos assistimos a uma ultrapassagem do "principium individuationis", que era o número de ouro de toda organização e teorização sociais. (Maffesoli, 1987, p. 106)

Uma atitude camaleônica é, então, exigida do sujeito (persona) contemporâneo que não é mais o "sujeito produtivo" do início do século XIX e já não tem o controle de si mesmo e do mundo. Na incessante construção de si o sujeito se vê atraído, não importa o número de vezes, nem por quanto tempo, por uma infinidade de microgrupos/tribos com os quais pode se confundir à vontade. Não há estatutos formais. Apenas a afinidade, enquanto esta persistir, e a conveniência – não podemos deixar de ressaltar – de pertencer àquele grupo interferem no tempo durante o qual o vínculo é mantido.

> O indivíduo é causa e efeito da lógica da identidade. Senhor de sua história, capaz, com outros indivíduos autônomos, de fazer a história do mundo, ele é educado para exercer uma função nas instituições programadas pela sociedade. A pessoa, em contrapartida, tem identificações múltiplas, suas máscaras (persona). Estruturalmente dependente dos outros (heteronomia), ela se limita a desempenhar papéis nesses conjuntos de afetos que são as tribos. (Maffesoli, 2004, p. 95 e 96)

Substituindo a lógica da identidade, haveria, de acordo de Maffesoli, uma tendência cada vez maior à lógica da identificação, o que poderia ser observado,

conforme o autor, na maneira como acontecem as aproximações entre os integrantes de um grupo eletivo.

A identificação com determinadas características, estilos de vida, seria a grande responsável pelo surgimento de comunidades baseadas em afinidades. Os processos de atração e de repulsão dão-se, desta forma, por escolhas, o que dá o caráter eletivo às comunidades contemporâneas (Maffesoli, 1987).

Não há necessidade de se "conhecer" pessoalmente ou profundamente para se "reconhecer" no outro, identificar-se com o outro e descobrir nele afinidades, "pontos de contato", interesses mútuos, ligação propícia à troca de símbolos, emoções, sentimentos e outros elementos que compõem o estilo de vida. É suficiente que na relação com o outro se tenha "a impressão de pertencer a uma espécie comum" (Maffesoli, 1987, p. 139).

Coincidências no gosto musical (mesmo estilo de música, admiração por uma banda), literário ou na área de artes plásticas, a freqüência nos mesmos ambientes sociais (bares, festas, teatros, cinemas), o mesmo estilo de roupa, a ideologia compartilhada, a formatura na mesma escola de Ensino Fundamental, a identidade de hábitos (uso de drogas – das mais leves às pesadas –, dormir com o celular do lado da cama, tomar a mesma bebida), possuir o mesmo nome ou o mesmo signo no horóscopo chinês, qualquer tipo de igualdade com o outro já é suficiente para fundar uma nova tribo, uma nova comunidade[21]. O solo da sociabilidade contemporânea é por demais fértil e qualquer semente tem amplas possibilidades de germinar e de se tornar um arbusto ou uma árvore frondosa.

> As "tribos" pós-modernas são legiões. Seu denominador comum é a participação mágica num "gosto" específico. (...) De fato, a adesão a esta ou àquela tribo não é exclusiva, podendo a mesma pessoa pertencer a várias delas. Sua característica é um fortíssimo "sentimento de vinculação" que faz com que, num dado momento, qualquer um comungue com um "fundo" coletivo. (Maffesoli, 2004, p. 150)

[21] Para se ter uma idéia dos elementos de identificação que servem de cimento às tribos contemporâneas é interessante visitar ferramentas como o Orkut e o Gazzag e pesquisar as comunidades. Tribos "curiosas" podem ser encontradas, como "Eu uso pingente no celular!" (com 4972 membros em 29-07-05), "Eu amo Calça Branca" (com 909 membros em 29-07-05), Eu tenho um OI 31 ANOS!!! (487 membros em 29-07-05), "Quase morri com uma bala SOFT" (com 23.978 membros em 29-07-05), "Meu Celular Caiu Na Privada!" (com 18.270 membros em 29-07-05) e "Eu tive um Pirocoptero!" (com 134.002 membros em 29-07-05).

Em um mundo marcado pela tensão entre a velocidade e a lentidão, o estilo de vida partilhado pelas tribos, que podem se formar com a mesma rapidez com a qual se esfacelam, deve ser rapidamente "detectável", facilmente identificado e interpretado.

É cada vez mais rápido o acesso ao outro, o "toque", o "esfregar" na intimidade, porém, a forma como o mundo imaginal é construído é lenta e comunitária.

Sevcenko (2001) pede uma atenção especial a prováveis mudanças nas formas de aproximação e de constituição das "teias" de relacionamento a partir da identificação.

> ...agora os indivíduos não serão mais avaliados pelas suas qualidades mais pessoais ou pelas diferenças que tornam única a sua personalidade. Não há tempo nem espaço para isso. Nessas grandes metrópoles em rápido crescimento, todos vieram de algum outro lugar; portanto, praticamente ninguém conhece ninguém, cada qual tem uma história à parte, e são tantos e estão todos o tempo todo tão ocupados, que a forma prática de identificar e conhecer os outros é a mais rápida e direta: pela maneira como se vestem, pelos objetos simbólicos que exibem, pelo modo e pelo tom com que falam, pelo seu jeito de se comportar. (p. 63 e 64)

Muitas vezes, o desejo de encontrar no outro denominadores comuns faz com que alguns relacionamentos se iniciem após o que poderíamos considerar como um "questionário".

Essa estrutura de banco de dados, muito cara à Modernidade, também parece estar na base das redes de sociabilidade contemporânea. Basta atentar para a existência de perfis em ferramentas como Fotolog (seção "*About*") e Orkut ("*profile*"), os quais contêm informações como "cidade", "estado civil", "*hobbies*", "filmes favoritos", "cozinha favorita". E ainda os espaços "fotologs favoritos" e "*links* favoritos" (endereços de sítios), nos fotologs; e comunidades a que se está "filiado", no Orkut; servem como "pistas" pelas quais as pessoas podem "descobrir" pontos de contato com outras.

Dados cada vez mais facilmente visualizados, perceptíveis para servir de ponte por onde serão partilhadas as emoções, as dores, as impressões sobre a vida, ou seja, para facilitar o vínculo, o estar-junto.

Eternamente conectados

Telefones celulares que permitem a troca de SMS (Short Message Service), e-mails e fotos[22], pagers, programas como o MSN Messenger, os fotologs e as redes de relacionamento como o Orkut e o Gazaag – os mais popularizados no Brasil – nos levam a crer que tudo favorece um constante estar-junto, uma sensação de estar conectado sempre, de pertencer a uma Sociedade em Rede (Castells, 1999).

A tecnologia aplicada para uso pessoal segue uma tendência de diminuição, iniciada pelo desenvolvimento do transistor, em 1947, que substituiu com ganhos em velocidade, tamanho e eficiência as válvulas. A maior portabilidade alcançada com a miniaturização do *hardware* permitiu que as tecnologias passassem a estar sempre acopladas ao corpo ou à indumentária, como mais um acessório[23] e cada vez mais integradas ao cotidiano das pessoas, potencializando o estabelecimento e a manutenção de contatos sociais e favorecendo um contato permanente com o mundo.

É sobretudo esta simbiose homem-máquina que permite que se tenha a sensação de se estar conectado (*on-line*) a qualquer hora e em qualquer lugar com as redes de relacionamento e fortalece o sentimento de "pertença", mesmo de "existência", seja através dos pioneiros Bips e dos aparelhos celulares de última geração ou através da diminuição cada vez maior dos computadores pessoais que culminou (até agora) com o desenvolvimento dos *notebooks* e dos *palmtops*.

Lemos (2004) defende a tese de que a cibercultura se desenvolve de forma onipresente, "fazendo com que não seja mais o usuário que se desloca até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada".

> O atual sonho da cibercultura é a existência de uma nuvem de conexão pairando sobre nossas cabeças, podendo ser acessada de qualquer lugar, andando, sentado na praça ou dentro do ônibus. (...) O sistema reforça a tendência mundial da informática nômade.

[22] Em alguns países, como o Japão, já se pode usar celulares como "carteira eletrônica" na hora de pagar o supermercado, por exemplo.
[23] Como não podemos aqui ampliar as discussões sobre "tecnologia e corpo" sugerimos ver Sibilia, 2002.

A possibilidade de se estar conectado o tempo inteiro chama à baila a discussão sobre a "mobilidade" ambiente que estaria sendo acelerada nessa "Era da conexão", de acordo com Lemos (2004).

> Trata-se, efetivamente, de uma fusão, do surgimento de práticas híbridas entre o espaço físico e o espaço eletrônico. Essa nova configuração vai disseminar práticas de nomadismo tecnológico onde as tecnologias tornam-se cada vez mais pervasivas, transparentes e ubíquas. A era da conexão configura a cultura da mobilidade contemporânea.

A mobilidade, o fluxo de dados possível graças à conexão generalizada está entre as principais características da sociedade contemporânea, marcada por uma "sociabilidade fluxa"[24], tão quanto o são agora os conceitos, as verdades, as aplicações financeiras, a moral, as recomendações de uma medicina que constantemente precisa rever seus princípios éticos.

> As novas tecnologias de comunicação e informação são os vetores principais desse fluxo generalizado e dessa circulação virótica de informação, dinheiro, pessoas, produtos e processos - o que é uma radicalização do processo de globalização que se inicia com as grandes navegações do século XVI. (Lemos, 2004)

É a necessidade de mobilidade "redescoberta" pelo homem da Sociedade em Rede (Castells) e a inexorável força que impele à conexão permanente que impulsionam a venda de aparelhos celulares de última geração e de palmtops, com acesso à Internet e diversos dispositivos acoplados, como câmeras fotográficas, gravadores de sons e filmadoras digitais. Tudo aquilo que favorece a conexão deve estar sempre à mão (ou ao alcance dela).

Os mesmos motivos, ou seja, mobilidade e conexão, no nosso entendimento, são responsáveis pelo "povoamento", pelo uso massivo dos espaços de sociabilidade existentes no ciberespaço, como as salas de bate-papo, as listas de discussão, o MSN Messenger, os fotologs e o Orkut.

> Você permanece "conectado" – mesmo estando em constante movimento, e ainda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens

[24] Expressão nossa para assinalar o caráter fluido, fugidio, transitório, mutável, das relações sociais na contemporaneidade.

> recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo suas próprias trajetórias. (Bauman, 2004, p. 78)

O tempo para a conexão com o outro se altera na contemporaneidade. O indivíduo com acesso às novas tecnologias da comunicação pode viver como um nômade, mudar de cidade ou país todos os meses e, ainda assim, não deixar de ser fácil e rapidamente "encontrado", ou ser "visto", pelos integrantes de sua rede de sociabilidade, quer através do telefone celular, do seu correio eletrônico (e-mail)[25], do seu fotolog, página do Orkut, MSN Messenger ou Skype.

Abraços frouxos

> Não se deixe apanhar. Evite abraços muito apertados. Lembre-se de que, quanto mais profundas e densas suas ligações, compromissos e engajamentos, maiores os seus riscos. Não confunda a rede – um turbilhão de caminhos sobre os quais se pode deslizar – com uma malha, essa coisa traiçoeira que, vista de dentro, parece uma gaiola. (Bauman, 2004, p. 78)

Este parágrafo do livro "Amor Líquido" (2004), de Zygmunt Bauman, parece traduzir bem o que chamamos neste trabalho de "abraços frouxos".

Apesar da necessidade de estar-junto, de se sentir conectado ao outro e ao mundo, parece existir no sujeito contemporâneo uma tendência crescente a uma fragilização das relações sociais, algo que pode parecer, a uma primeira vista, paradoxal. Mas, apenas à primeira vista. Vamos deixar claro.

Ao lado do desejo de pertencer a uma tribo, de estabelecer e conservar uma rede social, com a "necessidade" de se manter "alinhavados" os "nós" (liames) que lhe é intrínseca, o homem contemporâneo, ao mesmo tempo, acha-se impelido a defender a "frouxidão" dos laços que o ligam a outros sujeitos.

Deve-se estar permanentemente disponível, com janelas e portas escancaradas para novos relacionamentos, daí a importância de não se fechar em relacionamentos únicos, em laços estreitos e duráveis.

Para manter uma malha social em franca expansão em uma era marcada pela mobilidade, pela fluidez, fragilidade e imprevisibilidade das relações sociais, nada poderia ser mais natural do que a tendência a se "proteger" sob o manto leve da

[25] Campo que já se tornou de preenchimento obrigatório em qualquer questionário/fichamento.

vinculação sem promessas de “até que a morte nos separe”. Os liames devem ser passíveis de “revogação” a qualquer momento.

> Desligados, precisam conectar-se... Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam ser outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na Modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes. (Bauman, 2004, p. 7)

Para se referir a estes relacionamentos que têm como principais atributos a evitação do compromisso a longo prazo e a manutenção do laço tênue que une os sujeitos, Bauman parodia a expressão “livro de bolso”[26] para introduzir o neologismo “relacionamentos de bolso” – o que nos parece refletir bem a especificidade desta sociabilidade que vem ganhando força nas últimas décadas.

De acordo com Bauman, à semelhança de uma mercadoria qualquer, os sujeitos podem dispor dos “relacionamentos de bolso” a qualquer momento e depois guardá-los para quando novamente achar necessário. “Uma relação de bolso é a encarnação da instantaneidade[27] e da disponibilidade” (2004, p. 36).

Da mesma maneira que na linguagem do mundo digitalizado, composta por combinações de 0’s (zeros) e 1’s (uns), os sujeitos da sociabilidade em rede (Castells, 1999) podem se conectar ou se desconectar por escolha própria e a qualquer tempo. Para Bauman, esta característica é mais presente nos “relacionamentos virtuais”, ou seja, naqueles que são mediados pelo computador. Porém, acreditamos que, em se tratando das relações sociais, uma premissa vale para os dois campos – dentro e fora da Internet –, que, na verdade, fazem parte do mesmo universo cultural contemporâneo.

Em um mundo fluido e marcado pela insegurança (Giddens, 1991) as relações sociais não pretendem ser duradouras “por obrigação”, como no espaço da verticalidade, da produtividade. A longa ou a curta duração dos relacionamentos é determinada de dentro da “tribo” para o todo social. Daí apreciarmos a socialidade com o seu próprio tecer do tempo.

---

[26] Expressão utilizada para se referir a “livro de tamanho reduzido e, em geral, de preço módico”, segundo o Aurélio.

[27] Não é interesse nosso neste trabalho tratarmos do conceito de “tempo real”.

A conveniência dos relacionamentos parece ser a única coisa que conta. Não queremos aqui usar a palavra “conveniência” em sentido pejorativo, mas, para nos referir ao fato de que os relacionamentos só perduram pelo tempo em que são prazerosos e, em certo sentido, trazem “benefícios” de alguma ordem para os envolvidos, seja no campo emocional ou financeiro.

> Quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto às flutuações do mercado imobiliário futuro; quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras. (Bauman, 2004, p. 37)

Não há por que perder tempo! As relações são então “cultivadas” através de “estratagemas” variados até quando estas “servirem” ao sujeito e não impedirem ou dificultarem o estabelecimento de novas relações.

Entretanto, com a mesma facilidade com que os laços são estabelecidos, eles são cortados quando os “fios” que ligam aquele “nó” (o outro) à rede de sociabilidade já não se apresentam tão fortes.

> A afinidade nasce da escolha, e nunca se corta esse cordão umbilical. A menos que a escolha seja reafirmada diariamente e novas ações continuem a ser empreendidas para confirmá-la, a afinidade vai definhando, murchando e se deteriorando até se desintegrar. A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância. Para nós, os habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha. (Bauman, 2004, p. 46)

Cada grupo, cada comunidade, tribo, faz seu próprio tempo. O compromisso estável e duradouro, o “abraço apertado” das relações sociais, parece ter sucumbido à força da constante mutabilidade, da fluidez que tocou todas as áreas da vida humana.

Como prever constituições sociais estáveis? A sociedade está entregue a si mesma. As formas de socialidade se auto-regulam.

> Nos compromissos duradouros a líquida razão moderna enxerga a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência incapacitante. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam “impuras” as relações

> humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido. (Bauman, 2004, p. 65)

E nós, "consumidores" relacionamentos fluidos, não precisamos nos preocupar excessivamente com um ou outro laço que se rompeu. Bauman ensina que sempre existem conexões disponíveis para todos os gostos e afinidades e que não será a escassez de contatos o ponto fraco das nossas redes de sociabilidade.

> Há sempre mais conexões para serem usadas – e assim não tem grande importância quantas delas se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura. O ritmo e a velocidade do uso e do desgaste tampouco importam. Cada conexão pode ter vida curta, mas seu excesso é indestrutível. Em meio à eternidade dessa rede imperecível, você pode se sentir seguro diante da fragilidade irreparável de cada conexão singular e transitória. (Bauman, 2004, p. 79)

Bauman desconfia da possibilidade de serem criados laços a partir da "proximidade virtual". Para ele, embora essas conexões tendam a ser mais freqüentes e mais intensas, elas são mais breves e banais do que as que têm a "proximidade não-virtual" como característica. Usando este argumento, o autor afirma que tais conexões não podem "condensar-se em laços" e que elas "estão protegidas da possibilidade de extrapolar e engajar os parceiros além do tempo e do tópico da mensagem digitada e lida – ao contrário daquilo que os relacionamentos humanos, notoriamente difusos e vorazes, são conhecidos por perpetrar" (2004, p. 82).

Mas, por que motivo não poderíamos crer que "relações à distância" não podem almejar laços mais consistentes? O que o autor chama de engajamento?

Para nós, a existência de engajamento, que parece ser, para Bauman, a condição necessária para a consecução de objetivos-fins não é uma característica da sociabilidade contemporânea, que tem no estar-junto sem finalidades bem-delimitadas sua marca principal. Defendemos sim a possibilidade da existência de engajamento nas relações sem proximidade física. O engajamento nestas relações pode ter outro rosto, mas não deixa de envolver os integrantes do grupo, se for o caso, em pelo menos uma causa comum: a manutenção do grupo, da chama que "aquece" em conjunto.

IV.2 – O cotidiano fantástico

A sociabilidade contemporânea (ou socialidade, para Maffesoli) insiste na valorização do presente (presenteísmo) e da vida cotidiana, características que parecem estar no cerne deste estilo estético que, segundo Maffesoli, marca as atuais formas de estar-junto, de sentir em comum.

A dimensão do banal, da história miúda, das práticas sociais vividas no dia-a-dia, das experiências particulares de vida, do doméstico e do próximo adquire atualmente novo vigor juntamente com uma nova sociabilidade que se esboça já há algumas décadas e que valoriza o gozo do presente e do "aqui e agora" sem a persecução necessária de objetivos bem definidos.

A viagem do final de semana, o churrasco com os amigos, a *rave* do último sábado, o ônibus que quebrou a caminho da escola, a crise depressiva, tudo que a uma primeira vista pode sugerir banalidade e assunto de pouca importância parece ganhar um novo brilho na contemporaneidade.

Entendemos que a participação na vida cotidiana favorece a partilha afetiva e reforça os laços de identificação entre os participantes de um determinado grupo e o sentimento de pertença.

De acordo com Heller (2000), o cotidiano é a vida "comum", que se torna habitual, mas sem a qual não reconheceríamos o mundo, os outros, e, principalmente, nós mesmos.

A vida cotidiana está contida na história, que é permeada pelos acontecimentos do cotidiano, como afirma Agnes Heller quando escreve que "a vida cotidiana não está 'fora' da história, mas no 'centro' do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social" (*Ibid.*, p. 20). Em alguns momentos históricos o cotidiano parece ganhar ainda mais importância, como na contemporaneidade.

Na esteira de uma temporalidade marcada pela insegurança (Giddens, 1991 e 2002), pela velocidade e pela lentidão da valorização do presenteísmo fundado, sobretudo, a partir de eventos pontuais, e não mais sobre estruturas que funcionam na lógica da longa duração, as atenções são atraídas para a história que acontece em períodos cada vez mais curtos, de pequena duração, como os pequenos acontecimentos do cotidiano.

> ...o fim das grandes narrativas de referência, a saturação das diversas certezas que tinham orientado a vida social, fazem com que a atenção se volte para as seqüências de tempo reduzidas. É isso o presente, é isso o objeto ou a imagem enquanto tempo que se contrai no espaço. Donde a atenção ao minúsculo, ao anódino, ao pormenor, ao quotidiano... (Maffesoli, 1995, p. 132)

O contágio coletivo, o experimentar em conjunto, a partilha das paixões e das dores, a sensibilidade coletiva que caracterizariam o estilo estético (*Ibid.*), que é um dos traços distintivos da sociabilidade contemporânea, tem como grande palco o cotidiano, suas atividades, toda sua espontaneidade e banalidade, seu caráter imprevisível, seu pragmatismo e suas pequenas catástrofes.

Segundo Maffesoli, esta sociabilidade que desponta na contemporaneidade investe na "valorização do vivenciado no que tem de próximo e de concreto" (*Ibid.*, p. 85). Daí a "curiosidade" pelo cotidiano banal, trivial, apartado do tempo veloz da produtividade; pelo que se faz no tempo "livre", que parece ser o da ociosidade e da futilidade.

Acreditamos que a valorização do doméstico, do "proxêmico", não implica que os sujeitos se fechem na esfera do privado. Com a atual retomada do estilo estético, uma solidariedade orgânica ressurge, revalorizando os saberes cotidianos, os minúsculos fatos da vida corrente, as vivências pessoais no seio da comunidade, ou seja, "a vida como ela é", com tudo o que nela há de belo ou trágico, autêntico ou repetitivo, simples e corriqueiro.

Esta revisitação ao "espaço" do cotidiano favorece a troca afetiva e, conseqüentemente, o vínculo comunitário, como destaca Maffesoli ao afirmar que "o insignificante da vida cotidiana (...) não deixa de fortalecer importantes relações significativas entre os indivíduos". (*Id.*, 1996, p. 100)

A experiência banal, a vida sem qualidades, ganha, na contemporaneidade, uma força poderosa de atração, que funda e mantém em crescimento redes de sociabilidade.

É no cotidiano que construímos a nossa existência como percepção da nossa humanidade, da nossa existência enquanto ser único e da diferença que estabelecemos com o outro. Para Milton Santos, o cotidiano é o local do conflito e da cooperação, onde a vida social é individualizada, mas, onde a contigüidade cria a comunhão (Santos, 2002, p. 322).

Maffesoli (2004) defende a existência de uma "surrealidade" do cotidiano que tem como base o politeísmo de valores, ícones e deuses, e que provoca a intensificação da vida contemporânea. De acordo com ele, é dentro deste "universo surreal" que os sujeitos teriam a possibilidade de "atuar", de desempenhar papéis plurais, a partir de máscaras de si mesmos[28], o que configuraria uma verdadeira "teatralidade cotidiana", ou, o que Maffesoli chama de "*Theatrum Mundi*" (1987).

Conforme o autor, a socialidade pós-moderna, por colocar ênfase no presente, funciona acima da lógica do "dever ser", que é então substituída pela lógica do "*savoir-faire*" ("saber fazer"), pela vida assim "como ela é". Desta forma, em nosso tempo, o cotidiano é valorizado não por aquilo que ele poderia ser "em potência", mas, pelo que ele tem de real, de visível, pelo que escapa à racionalização moderna e o faz fantástico, mágico e rico.

É a partir da vida de todos os dias que se revelam as idiossincrasias, os estilos de vida, a relação com a alteridade, as identificações particulares, as relações de trabalho. E mesmo os atos coletivos, como os atos públicos, a vida social, as decisões políticas e os acontecimentos econômicos, são concebidos no "tempo mole" do cotidiano, que lhes servem como raiz. O território do cotidiano é ainda o território do contraditório, do relativo e do confuso, e também, um território multiforme e dinâmico onde qualquer coisa pode acontecer a qualquer tempo.

Maffesoli afirma que a vida cotidiana "é um bom revelador do estilo de época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido do coletivo" (1995, p. 65). Segundo ele, a vida cotidiana, à semelhança da sociabilidade contemporânea, é um sistema reticular e complexo no qual cada elemento apenas funciona enquanto pertencente a uma rede mais vasta e global.

> Rede sutil, complexa, na qual cada elemento, objeto, assunto, situações anódinas, eventos importantes, pensamento, ação, relações, etc., só funciona enquanto ligado ao todo e só faz sentido dentro e pela globalidade. (...) Sente-se em correspondência com os outros, participa-se, com os outros, de um conjunto mais vasto. Todas as diversas massificações, as emoções coletivas, as diversas efervescências festivas, as atrações tribais e outras modas de vestir, de linguagem e de gestos nada mais fazem do que indicar, no quotidiano, a pregnância de um estilo de vida ao qual a pessoa não pode escapar. (Op. cit., p. 65 e 66)

[28] Uma exposição mais detalhada sobre o tema pode ser encontrada em Goffman (1985) e em Heller (2000).

A vida cotidiana contemporânea parece, então, ser construída enquanto "obra de arte". E, enquanto obra humana "em construção", o cotidiano atrai os olhares indiscretos da alteridade, que se vê seduzida pelo que reflete este cotidiano, ou seja, pelas ações, pelas relações de pertença e pela sua teatralidade e frivolidade, e procura as referências do cotidiano nos "espaços" de sociabilidade mediados ou não por computador. É o caso do nosso objeto de estudo neste trabalho: o fotolog. Muitas das imagens "postadas" nos fotologs retratam fatos do dia-a-dia, como o beijo da noite passada, o último corte de cabelo, a briga com os pais ou a comida que está sendo feita no fogão de casa[29].

As histórias de vida, as pequenas narrativas sobre os acontecimentos triviais do cotidiano parecem interessar, e mesmo servir como pauta, para os "contatos" com as redes de sociabilidade.

A "notícia" importante não se restringe apenas ao que aconteceu na última CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do Congresso Nacional ou ao último atentado numa das metrópoles ocidentais. O "proxêmico", o local, o acontecimento estritamente personalizado e sem reflexos no mundo econômico ou político readquire o *status* de evento que interessa aos sujeitos com os quais se compartilham afinidades, emoções, sentimentos em uma tribo, ou comunidade. Desta forma, estes pequenos eventos do cotidiano são capazes de mobilizar sentimentos de identificação e de pertencimento a um grupo.

É interessante notar, com relação a este ponto, que os comentários feitos às fotos que são "postadas" nos fotologs ressaltam a sensação de participação na vida do outro como fator de ligação, como liame social. Quem comenta uma foto publicada em um fotolog dá palpites, sugere modos de ação, participa e interfere na vida cotidiana do dono da página. Parece haver um desejo de aproximar o outro "do seu mundo", de compartilhar com o outro particularidades que, muitas vezes, não possuem qualquer significação para aquele que "visita" o fotolog, a não ser a impressão de intimidade.

[29] Um exemplo interessante desta valorização da vida simples do cotidiano pode ser visto através das fotos "publicadas" no fotolog de Dona Arlinda (www.fotolog.net/donaarlinda), "personagem" que integra nossos comentários sobre o universo dos fotologs no capítulo "IV.2 – O cotidiano fantástico".

Uma intimidade que liga os sujeitos, que os faz se sentirem pertencentes a um mesmo grupo de pessoas que se aquecem em conjunto.

V - Comunidade dos Floggers

A tensão entre o tempo acelerado e o tempo da lentidão e resistência comunitária é um dos elementos que formam as tribos que surgem dentro e fora do "ambiente" da Internet, como as "comunidades de floggers" que nascem a partir das redes formadas por fotologs.

O passeio do *flâneur* contemporâneo não se restringe mais às ruas das metrópoles. O deambular encontrou um novo campo com o surgimento do "espaço volátil da Rede", que, não custa relembrar, não se trata de um universo à parte, de um universo outro que não aquele da vida *off line*, mas que, como criação humana, está inserido no mundo da cultura.

As salas de bate-papo, as listas de discussão e, mais recentemente, ferramentas como o fotolog, o Orkut e o Gazzag, oferecem uma nova ágora, um outro "espaço" para esse caminhar "sem pressa" e, nestes tempos de aumento nos números da violência nas ruas das grandes cidades, para o encontro "relativamente seguro" com outros sujeitos para compartilhar emoções e prazeres, dividir as penas, "tocar" e ser "tocado".

No Brasil, o sistema de fotolog mais popular é o fotolog.net[30], mas há muitos outros, como o camlog.net[31], o flogbrasil[32], o flogs[33], o Buzznet[34].

Devido à grande procura, atualmente é difícil um usuário brasileiro conseguir um registro de fotolog no sistema fotolog.net, que já hospeda cerca de 1625.453 fotologs, sendo 460 mil fotologs apenas do Brasil[35] - embora se saiba que muitos brasileiros mudam o país onde seus fotologs se acham cadastrados[36].

Apenas no fotolog.net são criados diariamente mais de 5 mil fotologs. Para atender a demanda, o fotolog.net disponibiliza para cada país mil novos registros gratuitos por dia. Destes, 500 são disponibilizados à meia-noite e os outros 500 às 8h00 da manhã.

---

[30] www.fotolog.net
[31] www.camlog.net
[32] www.flogbrasil.terra.com.br
[33] www.flogs.com.br
[34] www.buzznet.com
[35] Informação referente ao dia 13 de agosto de 2005, às 11h43.
[36] É comum encontrar brasileiros registrados em países diferentes, muitos com intenção de fazer piadas com o nome de outros países. "Vem aki em casa e tira a minha, Bermuda".

A mesma diversidade que enche as ruas das grandes e pequenas cidades ocupa os espaços da Internet. Encontra-se de tudo no "universo dos fotologs".

Há desde fotologs criados para exibir imagens de cunho nitidamente artístico[37] até fotologs que reúnem fotos de cachorros[38]; fotologs com fotos de beijos[39], de olhos[40], de cabelos[41]; fotologs que reúnem fotos das floggers mais bonitas[42], de cidades[43], de bairros[44], de comida[45] e até mesmo de grupos inteiros, os coletivos[46]. Alguns fotologs funcionam como vitrines para verdadeiras fotonovelas[47]. Outros reúnem fotos de pessoas "feias" que possuem fotolog[48] e o /*deadfotologs*[49] reúne fotos e "*links*" para fotologs e/ou páginas no Orkut de pessoas que já morreram, seja por suicídio, acidentes ou que foram assassinados.

Embora haja vários sistemas que permitem a criação, a manutenção e a divulgação de fotologs, de funcionamento tão simples quanto os sistemas que gerenciam os blogs, os "*layouts*" da maioria dos fotologs possuem os mesmos elementos básicos.

Na parte mais alta da tela geralmente é colocada uma frase relacionada ou não com a imagem mais recente, que aparece em destaque. A imagem pode ser seguida por um texto que lhe serve de legenda, compondo o que é chamado de "post" (verbo que significa "publicar").

Já é comum encontrar em muitos fotologs, após a legenda da imagem, uma referência ao que o dono do fotolog estava fazendo no momento em que publicou determinado "post", como a música que ele estava ouvindo.

Abaixo da legenda de cada imagem "postada" há um espaço reservado para os visitantes deixarem seus comentários ("*comments*"), que podem conter no lugar da assinatura da mensagem um "atalho" para o fotolog do visitante.

---

[37] www.fotolog.net/loba_mah
[38] www.fotolog.net/fotodogs
[39] www.fotolog.net/kisses
[40] www.fotolog.net/eye
[41] www.fotolog.net/hair
[42] www.fotolog.net/maisgatas
[43] www.fotolog.net/rio (da cidade do Rio de Janeiro-RJ); www.fotolog.net/olinda (da cidade de Olinda-PE) e www.fotolog.net/novayork (da cidade de Nova Iorque, EUA)
[44] www.fotolog.net/tijuca (com fotos do bairro Tijuca, no Rio de Janeiro-RJ)
[45] www.fotolog.net/cypher. Fotolog mantido pelo criador do Fotolog.net, Adam Seifer, onde ele "posta" fotos de "tudo o foi para a barriga" dele, ou seja, apenas o que ele comeu.
[46] www.fotolog.net/my_room
[47] www.fotolog.net/sinistra ("Flognovela", ou seja, espécie de fotonovela dividida em capítulos, subdivididos em cenas e com textos em inglês e português)
[48] www.fotolog.net/feiosos
[49] www.fotolog.net/deadfotologs

Os usuários que não pagam pelo serviço do sistema fotolog.net só podem "postar" uma vez por dia e têm um espaço restrito para 10 comentários em cada foto; geralmente permite-se apenas 10. Quem é "*gold camera*", ou seja, é assinante do fotolog.net e paga uma mensalidade mensal de 15 reais pelo serviço, possui um limite de 100 comentários para cada foto e pode "postar" até seis vezes por dia. De acordo com o sítio do fotolog.net[50], apenas cerca 0.50% dos floggers brasileiros que utilizam este sistema são assinantes.

Há sempre uma lista onde aparecem, em miniatura, as fotos publicadas mais recentemente naquele fotolog, com a indicação da data da "postagem". Existe também um espaço para que o dono do fotolog coloque os "*links*" de outros fotologs conhecidos ("favoritos"), que aparecem acompanhados pelas miniaturas das fotos de publicação mais recente destes fotologs. Todo fotolog possui ainda uma seção "*About*", que contém informações sobre o dono daquele fotolog.

São os "*links*" para outros fotologs que aparecem como assinatura dos comentários feitos às fotos e os "*links*" dos "fotologs favoritos" que permitem a circulação do visitante por fotologs de pessoas amigas do dono do fotolog que foi inicialmente visitado. E, através destes novos fotologs, que, por sua vez, já possuem listas de "fotologs favoritos" diferentes do primeiro fotolog visitado, o visitante pode chegar a fotologs de pessoas completamente desconhecidas, permitindo o surgimento de novas redes de sociabilidade.

O nosso visitante pode então passar a visitar com regularidade esses fotologs antes desconhecidos e deixar mensagens, de modo a estabelecer um laço entre ele e o novo "amigo".

Um outro "hábito" – ou mesmo dever – de quem faz parte do universo do fotolog, e que favorece o surgimento e a manutenção de novas amizades e laços comunitários, é a visita aos fotologs daquelas pessoas que deixaram comentários. Desta maneira, novos fotologs podem passar a ser visitados, a fazer parte do itinerário de "visitas" de um flogger, e os demais fotologs que figurem nas listas de favoritos mantidas por esses novos fotologs também podem ser descobertos.

É uma rede infinita de fotologs, que oferece uma complexa trama de possibilidades de contato social. É desta maneira que se formam verdadeiras

[50] www.fotolot.net/; acessado em 13 de agosto de 2005; às 11h25.

comunidades que reúnem floggers de diversos pontos do país ou do planeta, unidos, sobretudo, pela existência de características comuns, estilos de vida, orientação sexual, amigos comuns ou interesses partilhados.

Além de características marcantes ou curiosas, a presença constante do "*link*" de um mesmo fotolog entre os comentários de diversos fotologs ou, principalmente, em listas de fotologs favoritos, termina por tirar alguns floggers do anonimato e transformá-los em "cibercelebridades".

Este é o caso de "Dona Arlinda"[51], que, segundo a descrição na seção "*About*" de seu fotolog, na verdade se chama Arlinda Marques Machado, tem 79 anos e mora em João Pessoa, na Paraíba. Como "Dona Arlinda" não tem qualquer familiaridade com o computador, o fotolog é mantido por sua neta, Cristina Machado, que criou o fotolog e o atualiza, ou seja, "posta" novas fotos, diariamente. A neta de "Dona Arlinda" também é responsável pelo canal *#donaarlinda* do servidor Brasnet.

Pertencer e "tocar"

A publicação ("postagem") de fotos pelos floggers produz significados que contribuem para um tipo de afirmação da noção coletiva e reafirmam seu caráter motivador: a necessidade da sensação de pertencimento. Cada "post" funciona como um novo "tentáculo" lançado em direção ao outro, à sua sensibilidade, com o intuito de atrair a atenção, e de alcançar a retribuição do "olhar" e do "toque".

Em um sentido mais amplo, as imagens "postadas" nos fotologs evidenciam o novo valor que assume a sensibilidade na contemporaneidade. Mais do que um álbum digital, o fotolog se firmou como um espaço para a partilha, a troca de "calor", o "toque".

> ...a imagem é antes de tudo um vetor de comunhão, ela interessa menos pela mensagem que deve transportar do que pela emoção que faz compartilhar. Nesse sentido, a imagem é, de parte a parte, orgíaca, stricto sensu passional (orge), ou ainda estética: seja qual for seu conteúdo, ela favorece o sentir coletivo (aisthesis). (Maffesoli, 1995, p. 93 e 94)

[51] www.fotolog.net/donaarlinda

A cena que toca, que deixa transparecer as emoções, os sentimentos, ou o estilo de vida, com tudo o que o faz atraente e visível, como o gel no cabelo, as tatuagens que intimidam ou que mostram a paixão pelo mundo dos quadrinhos ou pelo universo gótico, tudo está ali, nas fotos ou imagens, nas legendas escritas para elas e nos comentários que as seguem.

A partir das imagens "postadas" nos Fotologs – sem nos determos, todavia, a um estudo teórico das imagens, nem a suas características artísticas – podemos observar traços do que discutimos ao longo deste trabalho, ou seja, a identificação com estilos de vida, a partilha de sentimentos, a necessidade de se manter conectado e de se sentir participante de um grupo, e a valorização de situações típicas do cotidiano banal.

Investimento de tempo

Manter um fotolog ativo, em funcionamento, com um número considerável de freqüentadores, formando uma rede de sociabilidade, demanda tempo. Tempo que é aplicado na produção das fotos, que pode envolver cenários, maquiagem e cabelo especialmente produzidos, ou contar com os retoques luxuosos de programas de edição de imagens, como o Photoshop. Também é preciso dispor de tempo para "retribuir" as visitas feitas ao fotolog; um tempo que precisa ser lento, embora o fotolog esteja intimamente ligado à celeridade tecnológica.

A retribuição das "visitas" feitas por outros fotologs também parece ser fundamental para a manutenção da rede de sociabilidade. Quem não "visita" um fotolog amigo, não deixa comentários a fotos "postadas" nos outros fotologs, possivelmente também não terá seu fotolog "visitado".

Entendemos que não são os comentários deixados nos fotologs, por seus conteúdos, o que importa na manutenção das redes de sociabilidade. O que merece consideração é a ação de "perder tempo", ou melhor, de "investir tempo" visitando e deixando um comentário no "fotolog amigo". O "toque", a troca de "calor" é uma ação que deve ser repetida outras tantas vezes caso se deseje manter aquele "nó" em sua rede de amizade.

> ...não são as mensagens em si, mas seu ir e vir, sua 'circulação', que constitui a 'mensagem' – não importa o conteúdo. Nós pertencemos ao fluxo

> constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação). Pertencemos à conversa, não àquilo sobre o que se conversa. (...) Estas [as uniões] não têm nada em que se apoiar senão nossos papos e textos; a união só se mantém na medida em que sintonizamos, conversamos, enviamos mensagens. (Bauman, 2004, p. 52)

Para se manter uma rede de amizades, tanto fora quanto dentro do ciberespaço, é necessário estar em contato (conexão), marcar presença de alguma maneira. No universo dos floggers a atualização constante das imagens, o movimento, é o que fideliza os visitantes/amigos dos fotologs e o que atrai "visitantes" para as páginas.

A presença do outro é conquistada através da atualização constante das imagens por parte do dono do fotolog, bem como das legendas, cores e títulos da página.

As imagens não precisam ser inéditas. Vale a repetição. O que não se permite, neste mundo da transitoriedade, da hipervelocidade, é que não haja atualização, que não haja algo novo a ser partilhado com o outro.

E cada atualização feita em um fotolog é prontamente notada por quem está "loggado" (conectado ao sistema do fotolog), já que na coluna destinada aos "fotologs favoritos" geralmente ficam visíveis apenas os fotologs que foram atualizados mais recentemente. Os demais fotologs cadastrados só são vizualizados caso o flogger ou o visitante cliquem no "*link*" que possibilita o acesso à lista completa de "fotologs favoritos".

O flogger que não mantém o hábito de "postar" regularmente novas fotografias ou imagens não deve conseguir manter atrativo seu fotolog. Sua página, caso seja dificilmente atualizada, deixará de pertencer ao "itinerário" daqueles amigos que, às vezes diariamente, percorrem os fotologs conhecidos para ver as novidades (imagens, textos-legendas, comentários), isto é, tudo o que há de novo na vida dos floggers com quem ele mantém contato.

Estilo de vida, partilha de sentimentos e cotidiano em imagens

"Que imagem e que texto resumiriam o que sinto agora no momento em que estou postando? Que música estou ouvindo agora ("Ouvindo - Suffer in Silence (Apoptygma Berzek))?" Perguntam-se os floggers a cada vez em que "investem" tempo para criar novos "posts", atualizar seus fotologs.

Todos os elementos de um fotolog parecem exalar estilo de vida, sentimento. Basta ver os títulos, a ambientação e as cores das imagens, os textos que funcionam como legendas para as fotos, o próprio endereço escolhido para o fotolog e os “fotologs favoritos”.

Cabe tudo em um fotolog. Fragmentos dos corpos dos floggers (olhos, caras e bocas em todos os ângulos; tórax, pernas, e o que mais houver para se mostrar), ou a história miúda do cotidiano (a tentativa de assalto, os sucessos culinários, a pneumonia, a avó que morre, o suicídio, o início, apogeu e fim de um relacionamento amoroso ou fraternal, a balada da noite que passou e o “*flyer*” da de logo mais), pequenos prazeres, desgraças, grandes ou pequenas conquistas, qualquer coisa é motivo para um novo “post”, mesmo o dia que se passou trancado em um apartamento. A vida, o cotidiano cabe ali, em flashes.

> Ela [a imagem] permite, além ou aquém das mediações, aceder a uma espécie de conhecimento direto, conhecimento vindo da partilha, da colocação em comum das idéias, evidentemente, mas também das experiências, dos modos de vida e das maneiras de ser. (Bauman, 2004, p. 102)

Quer seja nas fotos, nas legendas a elas, nos fotologs “favoritados” ou nos comentários de quem visitou o fotolog, o estilo de vida está evidência. Os detalhes, as formas, falam por si e contam muito de quem é aquela pessoa, dos lugares que freqüenta, de seus amigos e das comunidades das quais faz, ou se considera, parte.

As fotos denotam uma exposição deliberada da vida pessoal, uma (re)valorização da intimidade, da vida privada. Alguns “posts” parecem mesmo “forçar” uma intimidade, como os de “Dona Arlinda”, que parecem ter a pretensão de criar uma ponte entre a idosa e os visitantes de seu fotolog. Nas imagens a avó aparece recebendo a aposentadoria no banco, cozinhando, esperando visitas no sofá de casa, arrumando os armários, regando as plantas do jardim, passeando com a neta.

Cria-se então um sentimento de intimidade, de pertença naquele mundo de “Dona Arlinda”, de quem só sabemos inicialmente o nick e vamos nos habituando a lhe acompanhar a vida, mesmo que não costumemos deixar comentários. Ela alcançou notoriedade no ciberespaço e sua fama não durou apenas 15 minutos como vaticinava Andy Wahrol tempos atrás.

Mas não só o cotidiano salta da tela para nossos olhos a partir das imagens.

Muitas vezes, o que encontramos em certos endereços é uma espécie de "templo de Dionísio" erguido para o próprio flogger, explorando valores hedonísticos, sua beleza física, a presença em festas ("o popular"), as relações de amizade, o corpo "sarado", a noite urbana.

Quiséramos ter o direito de reescrever o velho ditado do senso comum, que assim ficaria parodiado: "Mostra-me os fotologs daqueles com quem te confraternizas, divide sentimentos, emoções, que eu te direi quem és". Afinal, uma imagem há muito tempo já vale mais do que mil palavras!

A criatividade das imagens, o inusitado, também atrai "visitantes" para os fotologs. Em alguns grupos parece mesmo haver uma "competição" para ver quem possui imagens mais atraentes em seus fotologs. A imagem incomum ou que se enquadra em padrões estéticos específicos funcionam como chamariz quando figuram na lista dos "favoritos" de um outro fotolog, atraindo novos "visitantes" e amigos em potencial.

Fama dentro e fora do ciberespaço. Agentes comunicacionais.

Alguns floggers, como a estudante paulistana de moda Mariana (/*marimoon*)[52] e a holandesa Tessa Colauto (/*skylar*), que mora no Rio e faz graduação em Cinema, também são reconhecidos fora do ciberespaço.

"Skylar", "nick" (apelido) pelo qual é conhecida na Internet, conta que diversas vezes já foi abordada em festas por pessoas que perguntaram: "Você tem fotolog? Você é a 'Skylar'?"

Floggers como "Marimoon", "Skylar" e "Dona Arlinda" são reconhecidos fora da Internet pelos mesmos apelidos com que "trafegam" pelo ciberespaço.

Entendemos que eles atuam como novos agentes comunicacionais (Maia, 2004), como atores sociais que funcionam como elementos agrupadores dentro do ciberespaço, como "liga" responsável pela formação de redes de sociabilidade. São mediadores que

[52] O fotolog www.fotolog.net/marimoon conquistou centenas de fãs e inimigos no ciberespaço desde que foi criado em março de 2003. O fotolog /*antimarimoon*, criado em setembro de 2003 pelo flogger Diogo, de Florianópolis, é uma sátira ao fotolog de /*marimoon*, que também possui "opositores" no Orkut, reunidos na comunidade "Eu odeio a Marimoon" (*http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=248408*), com 108 membros em agosto de 2005.

fazem a “negociação” entre o tempo veloz e o tempo lento, e possibilitam a existência da lentidão, do espaço da horizontalidade, na sociabilidade contemporânea.

Em torno destes agentes de comunicação que agregam através de seus fotologs é construída todo um sentido de grupo e desenvolvido um sentimento de pertença e de troca de “calor” que une e atrai novos floggers.

“Amigos-trampolins”

Como uma espécie de trampolim, os nós de uma rede de sociabilidade podem ajudar a conquistar novos pontos de vinculação, novas amizades.

Pertencer à lista de favoritos de um flogger “famoso”, de uma “cibercelebridade”, facilita o estabelecimento de laços futuros, o aumento da rede de sociabilidade. Ter seu fotolog registrado como “favorito” de floggers como “Dona Arlinda”, “Garoto Saco”[53] e “Sinistra”[54] confere uma espécie de *status* ao flogger no universo dos fotologs.

Além de marcar presença, de ter o endereço de seu fotolog e a última foto que foi “postada” divulgados, o flogger que está listado como “favorito” em fotologs bem-visitados, que alcançaram fama dentro e fora da Internet, recebe como que um aval do flogger “famoso” que o “credencia” para o estabelecimento de novos laços.

Os floggers sentem uma espécie de atração, de curiosidade em saber quais fotologs pertencem à seção “Favoritos” de “Dona Arlinda”, do “Garoto Saco”, de “Sinistra”. “Se este flog pertence aos favoritos de Sinistra ele pode ser interessante”.

Transitoriedade e novas ferramentas

Com a mesma velocidade com que são criadas, as ferramentas desenvolvidas sobre o solo instável e mutante das novas tecnologias são postas de lado pelos internautas, trocadas pelo que houver de mais recente.

Novas ferramentas que são concebidas com a intenção de servir de suporte para as redes de sociabilidade, ou que podem ser adaptadas para este fim, surgem com freqüência no ciberespaço. Esta constante introdução de interfaces diferentes, com

[53] www.fotolog.net/garoto_saco
[54] www.fotolog.net/sinistra

características diversas, faz com que as "novidades" na Internet "já nasçam velhas", com seus dias contados (ou quase!). Com o fotolog não poderia ser diferente.

Criado em 2002, o Fotolog alcançou o apogeu no Brasil em 2004 e já parece apresentar sinais de declínio.

Algumas páginas já foram abandonadas, como a do "Garoto Saco", que, apesar de ter se tornado uma "cibercelebridade", e de chegar a receber 100 comentários em pouco mais de 10 minutos, teve sua última foto "postada" em 27 de dezembro de 2004.

A vigilância que os sistemas de "gerenciamento" de fotologs exerce sobre as páginas que hospeda também é responsável pelo caráter transitório dos endereços de fotologs. Desde o início da feitura deste trabalho muitas páginas de fotolog já foram desativadas[55] pelos sistemas que as hospedavam, como os fotolog que reuniam fotos de mãos[56] e de pés[57].

É interessante constatar a cada vez mais alta velocidade com que os programas que servem de ferramentas de sociabilidade na Internet interessam e desinteressam os internautas.

Novas "modas" já podem há algum tempo ser reconhecidas, como o Orkut e o Gazzag. Estas ferramentas parecem evidenciar ainda mais claramente a tendência neo-tribalizante (Maffesoli) que acreditamos marcar a contemporaneidade.

Dos pioneiros Mood's, passando pelos *chats* (salas de bate-papo), fotologs, e mais recentemente chegando ao Orkut, Gazaag e programas como o MSN Messenger, as ferramentas de sociabilidade na Internet aparentemente participam de uma tendência a oferecer mecanismos cada vez mais simplificados, e evidentes, de exposição dos usuários, de seus estilos de vida, hábitos, preferências, comunidades a que pertence e rede de sociabilidade.

No Orkut e no Gazzag, por exemplo, além de os gostos, preferências e outros detalhes íntimos estarem expostos no perfil ("*profile*"), a participação em comunidades, que têm suas imagens e "*links*" listados na seção "Minhas comunidades", já revela outras particularidades do estilo de vida e da personalidade do dono da página.

---

[55] A desativação de um fotolog é feita pelos próprios moderadores de cada sistema de fotolog e geralmente ocorre após denúncia feita via Internet de que a página em questão apresenta conteúdo inapropriado ou de que o flogger responsável não apresentava "bom comportamento". O não pagamento da taxa cobrada aos assinantes, também pode ser motivo para a desativação de um fotolog.

[56] www.fotolog.net/hands

[57] www.fotolog.net/foot

Atualmente, para conquistar mais gente para sua rede de sociabilidade através de ferramentas como o Orkut e o Gazzag é necessário mostrar cada vez mais de si, participar de tantas comunidades quanto o internauta considerar necessário para mostrar um pouco de quem ele é e/ou para atrair pessoas que, assim como ele, gostam da música de Cartola[58], ligam para alguém quando está bêbado[59] ou possui tendências suicidas[60].

V.1 - "Dona Arlinda" e "Garoto Saco": gente da Rede

Impossível empreender um mapeamento detalhado acerca dos "habitantes" do "universo dos fotologs". O intento seria tão absurdo quanto seria elencar os tipos que povoam as ruas das metrópoles contemporâneas.

Optamos, pois, por observar as características de fotologs sob categorias previamente definidas para este trabalho, levando em conta a temática e a finalidade com a qual o objeto fotolog é usado pelos floggers, quais sejam: corpo, arte, eventos e cidades, curiosidades (a morte) e "cibercelebridades".

Como amostragem viável e válida para os objetivos deste trabalho, e a fim de delimitar nossa pesquisa, observamos quatro fotologs de cada categoria, durante o período de agosto de 2004 a agosto de 2005, sendo a grande maioria deles pertencente ao Fotolog.net – sistema que hospeda o maior número de usuários brasileiros.

O corpo em evidência (Anexo A – Pág. 123)

Partes do corpo (olhos, cabelos, pés, mãos, bocas) ou o corpo inteiro em evidência. Muitos fotologs são "um prato cheio" para os fetichistas de plantão. Outros refletem as tendências contemporâneas de exaltação do hedonismo e do culto às formas.

Incluímos nesta categoria os fotologs www.fotolog.net/eye, www.fotolog.net/hair, www.fotolog.net/maucouti e www.fotolog.net/maisgatas.

---

[58] Ver a comunidade "Cartola" no endereço www.orkut.com/Community.aspx?cmm=57194
[59] Ver a comunidade "Eu bebo e ligo pras pessoas" no endereço www.orkut.com/Community.aspx?cmm=580590
[60] Ver a comunidade "Suicidas Anônimos" no endereço www.orkut.com/Community.aspx?cmm=195776

- *www.fotolog.net/eye*

Para quem gosta de olhos e vê neles "a janela da alma" é interessante visitar o endereço www.fotolog.net/eye, que é um endereço com pretensões artísticas que já publicou desde agosto de 2003 cerca de 19.000 fotos de olhos[61].

O */eye* é um fotolog comunitário, ou seja, "posta" imagens enviadas via e-mail por qualquer pessoa, desde que elas sigam regras predeterminadas pelos mantenedores do fotolog. Os endereços dos fotologs das pessoas que enviam as fotos publicadas são divulgados no texto que acompanha a imagem.

> *Foque e dê-me seus olhos*
> *Grande, pequeno, azul, verde, castanho, preto...*
> *Somente a area ao redor do olho e NADA mais, por favor!*
> *Estamos sempre no aguardo para ver as fotos que aparecerão.*[62]

Na seção "*About*" do fotolog seus moderadores apresentam uma série de restrições e dicas para a produção das imagens. Os olhos não podem ser fotografados com flash e as fotos não podem estar desfocadas nem aumentadas digitalmente. Fotos repetidas ou copiadas de outros meios não são aceitas. Os moderadores pedem que os comentários do fotolog sejam feitos em inglês para conferir à página um alcance internacional. "*Seja feliz fotografando olhos!!*"[63]

- *www.fotolog.net/hair*

Cabelos azuis, verdes, *pink*, amarelos, curtos ou longos. O fotolog */hair* publica fotos nas quais os cabelos estão em evidência, principalmente os tingidos com cores extravagentes – algumas que até brilham no escuro. Cerca de 75 fotos de cabelos de todas as cores e tamanhos já foram "postadas" desde maio de 2003[64].

A seção "*About*" e o único "*link*" apontado pelo fotolog, que leva o internauta para uma página da empresa estrangeira de tinturas especiais para cabelos Special

[61] Informação do dia 15 de agosto de 2005.
[62] Texto da seção "*About*" do fotolog www.fotolog.net/eye
[63] Idem.
[64] Fotos postadas até 15 de agosto de 2005.

Effects, deixam a intenção comercial do fotolog, mais do que um possível interesse artístico, evidente.

No "*About*" os moderadores do fotolog explicam, além das regras para a publicação de fotos enviadas pelos internautas, como tingir os cabelos com cores intensas e alertam para o risco de se usar produtos caseiros e, portanto, mais baratos.

Muitos dos floggers que comentam no fotolog possuem cabelos tingidos com cores fantasia, como são chamadas as tintas em cores rosa, azul, roxo, amarelo. Eles trocam experiências sobre as cores e as marcas que já usaram e opinam sobre "os cabelos" publicados pelo fotolog. Há comentários em português, inglês e espanhol.

- *www.fotolog.net/maucouti*

O corpo é um só e as poses parecem se repetir. "Maucouti", carioca de meia idade, mas com "pinta" de "menino do Rio", mantém o fotolog desde janeiro de 2004 e já "postou" cerca de 400 fotos[65] que ressaltam seus músculos definidos em academia de ginástica.

Além dos detalhes do corpo, da tatuagem, as fotos de "Maucouti" contam sobre a última "balada", a conquista da noite anterior. A frase que serve como título do fotolog de "Maucouti" já diz tudo: "Só tem um jeito de se livrar de uma tentação: Entregando-se a ela". Assim como o "*About*": "Carioca da gema... Afim de conhecer gente legal aqui...Meu msn e email é maucouti@hotmail.com".

Homens e mulheres comentam no fotolog – ou seria "egolog"? – com a mesma assiduidade e ressaltam o "calor" e o erotismo das imagens "postadas" na vitrine criada por, e para, /*maucouti*.

> *rick @ 2005-08-02 09:35 said:*
> *na boa, vc é gatissimo, olho seu fotolog a quase um ano.. nunca deixei mensagem pq sempre namorava.. sei que moramos longe, mas se quiseres contato, meu msn eh rickborborema@hotmail.com ... entra nem pra que sejamos amigos, eu vou mto à tua cidade. Bjao.* [66]

[65] Até 15 de agosto de 2005.
[66] Comentário feito à foto postada em 31 de julho de 2005.

Encontros são marcados através do fotolog e /*maucouti* “faz questão” de revelar sua intenção de “conquistar fãs” com fotos explícitas de seu corpo, inclusive em poses sensuais onde aparece deitado na cama ou no sofá vestindo apenas uma cueca.

O texto escrito no “post” do dia 9 de junho de 2005 deixa evidente esta intenção de /*maucouti*: “*Putz... repetir mais essa, pq se nao por carne ninguem visita....Que sem vergonha vcs...*”

- *www.flickr.com/groups/35237093347@N01/ (Body Parts)*

A página já “postou” mais de 2.880 fotos de diversas partes do corpo humano de julho de 2004 até março de 2005. Há fotos de pés, mãos, dedos, joelhos, barrigas, e até nus artísticos. Muitas fotos recebem tratamento gráfico e são compartilhadas por outras páginas do mesmo sistema.

O sistema “Flickr” tem funcionamento bastante diferente dos demais sistemas de gerenciamento de fotologs, mas, a partilha de fotos e texto e a possibilidade de escrever comentários para elas permite-nos enquadrá-lo no “universo dos fotologs”.

O “Flickr” possui algumas vantagens sobre seus concorrentes, como a possibilidade de conhecer o número de vezes que qualquer das fotos publicadas foi visualizada e a relação de outras páginas que publicaram uma mesma imagem. Os comentários são restritos a pessoas cadastradas no sistema, enquanto nos demais sistemas de fotolog está nas mãos do proprietário a decisão sobre permitir ou não que pessoas que não possuem fotolog possam comentar.

Tudo é arte (Anexo B – Pág. 125)

“Flognovelas”, ou seja, fotonovelas no fotolog, tatuagens e trabalhos na área de artes plásticas. Os fotologs funcionam como bons divulgadores da arte, seja ela eletrônica ou criada a partir de técnicas tradicionais, como as colagens de papel.

Nesta categoria apresentamos os fotologs www.fotolog.net/sinistra, www.fotolog.net/helenbar, http://fotolog.terra.com.br/malugallegos e www.fotolog.net/tatooland.

- *www.fotolog.net/sinistra*

O fotolog /*sinistra*, criado em abril de 2003, é um ótimo exemplo de como os fotologs são usados para a difusão de produtos artísticos. Mais do que um fotolog onde a personagem "Sinistra" e outros coadjuvantes – a maioria interpretados por Singoalla Lagerblad – encenam "flognovelas", o endereço serve como meio de divulgação para o trabalho do artista gráfico Sean Christian Graham (/*lokithorn*), companheiro de Singoalla e responsável pela produção e tratamento gráfico das imagens do fotolog.

A primeira imagem da Parte 1 da "flognovela" "Mansão Maliciosa", que possui mais de 100 cenas, foi publicada no fotolog /*sinistra* em maio de 2003 e sua última imagem em outubro de 2004.

A "flognovela", que pode virar livro, narra em imagens e roteiro elaborados pelo casal /*sinistra* e /*lokithorn* a história de uma empregada doméstica que é contratada por uma família muito "esquisita", à semelhança da "Família Adams". Tudo é bem cuidado: a qualidade das imagens, o figurino, a maquiagem, os efeitos especiais no tratamento das imagens.

As cenas que acontecem na casa da família onde trabalha a doméstica "Sinistra" foram criadas a partir de uma locação real, a mansão da família Lage, no Parque Lage, no Rio de Janeiro.

A "fama" de "sinistra" já rendeu a Singoalla, além de ela ter se tornado uma "cibercelebridade" reconhecida principalmente na cena *underground* do Rio de Janeiro, entrevistas em revistas impressas e a criação de uma grife de roupas alternativas, a "Santa Sinistra"[67], que, entre outras coisas, vende camisetas com estampas referentes à personagem "Sinistra" e à "flognovela" "Mansão Maliciosa".

- *www.fotolog.net/helenbar*

Com um tratamento de imagens tão bem elaborado quanto o do fotolog /*sinistra*, o fotolog /*helenbar*, criado em julho de 2003, apresenta a personagem "Helenbar", interpretada pela flogger Helena de Barros, que é designer e fotógrafa, na "flognovela" "Helenbar in Wonderland" ("Helenbar no país das Maravilhas").

[67] A loja virtual da "Santa Sinistra" funciona no endereço http://santasinistra.fiendfatale.com/index.htm

As ilustrações são inspiradas na estória original “Alice no País das Maravilhas” de Lewis Carroll. As imagens, que são produzidas em câmera digital e trabalhadas no Photoshop, apresentam a personagem, que tem cabelos vermelhos e usa um figurino similar ao vestido azul e branco usado por “alice”, em cenas que fazem parte do enredo de “Alice no País das Maravilhas”, como “Chave Dourada”, “A Casa do Coelho Branco” e “O Chá Maluco”.

Assim como /*sinistra*, /*helenbar* também ganhou notoriedade dentro e fora da Internet e já foi tema de reportagens nas revistas Web Design (em agosto de 2005) e Revista Vizoo (Nº 36).

Devido à popularidade que conquistaram no ciberespaço, as floggers /*sinistra* e /*helenbar* foram participaram, a convite, da “4ª Cúpula Mundial de Mídia para Crianças e Adolescentes”, que aconteceu no Rio de Janeiro, no espaço de exposição Tecnomídia, na Casa França Brasil, em abril de 2004.

- *http://fotolog.terra.com.br/malugallegos*

A artista plástica Marilu Gallegos, de Três Corações, Minas Gerais, mantém desde janeiro de 2005 um fotolog onde expõe fotografias das obras feitas por ele a partir de colagens de papel sobre madeira.

Cada foto é seguida por especificações técnicas da peça, isto é, medidas e técnica utilizada.

A maior parte das pessoas que comentam em seu fotolog e que fazem parte da sua lista de “favoritos” são ligadas ao mundo das artes plásticas, o que favorece a troca de contatos e a divulgação do trabalho de Marilu no meio artístico.

- *www.fotolog.net/tatooland*

O /*tattooland* é um fotolog coletivo, criado em julho de 2003, que divulga fotografias de tatuagens de todos os tamanhos e temas, e feitas em qualquer parte do corpo. Até agosto de 2005 mais de 29.500 imagens já foram “postadas”.

A maior parte dos “freqüentadores” do fotolog são pessoas que já possuem ou pretendem fazer tatuagens.

Nos comentários há elogios e críticas para os desenhos, a qualidade e a técnica empregadas na feitura das tatuagens.

A alma das cidades e dos eventos (Anexo C – Pág. 127)

Cidades, bairros, festas. O local é revalorizado e se reafirma enquanto força de agregação. A proliferação de fotologs cujos temas são as metrópoles, os metrôs e os eventos que agregam pessoas que compartilham um mesmo estilo de vida é um sinal evidente desta tendência.

Como bons exemplos desta categoria, citamos os fotologs www.fotolog.net/rio, www.fotolog.net/metro, www.fotolog.net/d_d_k e www.fotolog.net/ploc80s.

- *www.fotolog.net/rio*

O /*rio* é um fotolog que reúne mais de 530 imagens da cidade do Rio de Janeiro "postadas" entre janeiro de 2003 e agosto de 2005.

O fotolog é coletivo, ou seja, qualquer pessoa pode enviar fotos da "cidade maravilhosa" para o e-mail do flogger que mantém o fotolog.

A seção "*About*" explica a intenção do fotolog /*rio*:

> O Rio é hoje uma cidade violenta. Degradada, sem oportunidades, com injustiça social. Todos os dias enumeramos boas razões para não mais viver na cidade. Sabemos de cor os seus problemas.
>
> Este é um fotolog feito para lembrarmos porque o Rio é uma cidade maravilhosa. Seu objetivo é fazer o carioca e os amantes do Rio reencontrarem forças todos os dias, para encarar os problemas da cidade e lutar para que ela volte a se tornar um lugar maravilhoso para se viver.
>
> Este é um tributo coletivo com as mais belas imagens da Cidade Maravilhosa, feito com a contribuição da lente dos amantes do Rio.

Não só os cariocas deixam comentários no fotolog. Há mensagens em inglês, espanhol e italiano elogiando a beleza das fotos e reafirmando o orgulho em morar no Rio de Janeiro ou já ter visitado a cidade.

- *www.fotolog.net/metro*

O fotolog /*metro* é, segundo a descrição no "*About*", "uma comunidade dedicada a todos os tipos de fotos de metrô".

Desde detalhes do interior dos vagões, da arquitetura das estações, passando pelos "tipos" que utilizam o metrô, até interações com publicidade. As fotos podem enfocar aspectos do metrô de qualquer cidade do mundo.

Cerca de 9.580 fotos foram "postadas" de janeiro de 2004 a agosto de 2005.

- *www.fotolog.net/d_d_k* e *www.fotolog.net/ploc80s*

O /*d_d_k* é o fotolog oficial da festa DDK (Deutschland Dancefloor Klub), ou seja, "(clube da) Pista de Dança Alemã", que é realizada desde 2003 no Rio de Janeiro. A festa leva ao público as últimas tendências da cena alternativa/*underground* alemã, dando ênfase ao som eletrônico não convencional, além de reviver gêneros consagrados nos anos 80, como o gothic rock, synthpop, new romantic, darkwave.

Desde suas primeiras edições, quando ainda nem possuía fotolog próprio, a DDK se caracterizava como uma festa onde vários floggers se reuniam. O público da DDK se expandiu junto com o fotolog e hoje a festa é uma das maiores reuniões de floggers do país.

A lista de fotologs favoritos do /*d_d_k*, com mais de 550 fotologs em agosto de 2005, só lista endereços de floggers que já foram pelo menos uma vez à festa.

As imagens "postadas" no fotolog mostram os *flyers* ("panfletos-desconto") das próximas edições da DDK, *flashes* da ambientação das festas e dos freqüentadores que se destacam.

Entre comentários elogiosos, há também críticas e sugestões para a produção da festa, que conta através do fotolog os detalhes e as dificuldades da produção de cada edição da DDK.

A partir dos comentários pode-se perceber que muitos dos novos freqüentadores da festa tomaram conhecimento de sua existência através do fotolog /*d_d_k*.

O fotolog /*ploc80s* existe desde janeiro de 2004 e foi criado, assim como o /*d_d_k*, com a intenção de divulgar a festa Ploc 80s, que também acontece no Rio de Janeiro e revive não só a música, mas parte do ambiente cultural da década de 80.

Diferentemente do fotolog /*d_d_k*, o /*ploc80s* possui poucos fotologs cadastrados como favoritos e parece integrar menos seus freqüentadores, que "visitam" pouco o fotolog e são em número bem menor que aqueles que freqüentam o fotolog da festa alemã.

Curiosidades: a morte e o "universo dos fotologs" (Anexo D – Pág. 129)

Um dos fatos que mais nos chamou a atenção durante este nosso deambular pelo ciberespaço foi a atenção que é dada à morte, tema ou atmosfera de alguns fotologs que encontramos.

A morte é a protagonista do www.fotolog.net/deadfotologs, que foi criado com o objetivo de reunir fotos de internautas que já morreram, mas ela também está presente, embora de forma não tão explícita, no "ar pesado" dos fotologs www.fotologbr.com.br/luizinho e www.fotolog.net*/irish_girl*, bem como na lenta morte de Elena, acompanhada pelas lentes de seu fotolog www.fotolog.net/lekakerr.

Os comentários nos fotologs e nas páginas no Orkut de quem morreu mostram que a Internet é vista por alguns como um meio de comunicação, um elo entre os vivos e os mortos.

Mensagens que parecem saídas de um livro de condolências ou, em outro extremo, recados agressivos, com xingamentos e piadas sobre a nova condição do ex-flogger são frequentemente encontrados nas páginas de quem já "viveu" no ciberespaço.

Acrescentamos a esta categoria um quinto fotolog, www.fotolog.net/esperanca, dedicado a Sabrina, que, até onde sabemos, continuava em coma até meados de julho de 2005 após ter tentado se suicidar em abril.

Com uma forte carga cristã, o fotolog /*esperanca* foi criado pela família de Sabrina com a intenção de reunir parentes e amigos em torno da recuperação da adolescente de 14 anos. Junto com a primeira foto "postada" um texto explica o propósito do fotolog:

> Este fotolog será exclusivo para Sabrina...Vamos postar diariamente fotos dela e orações, mensagens positivas! Sabrina vai sair dessa, com certeza! Hoje meu irmão colocou para ela escutar no discman a música que ela estava aprendendo a tocar no teclado (não sei qual é, ele não entrou nos detalhes) e ela

> reagiu! Gente, ela está acordando do coma! Nossas orações e pedidos a Deus estão sendo atendidos! Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

- *www.fotolog.net/deadfotologs*

Criado em abril de 2005, o /*deadfotologs* publicou apenas 12 imagens. O pequeno número de "posts" é compreensível, pois nem sempre é fácil descobrir endereços de fotologs ou perfis de Orkut cujos donos já morreram.

Todos os internautas citados pelo /*deadfotologs* eram jovens e morreram de forma trágica, seja por atropelamento (Lorena), assassinato (Hermes, Caroline, Rafael, Paola, Weber e Vanessa), afogamento (Melq Firmino), leucemia (Elena), suicídio (Luiz Henrique, Nilson, Daniel e Bruna) ou acidente automobilístico (Aline).

Talvez por se tratar de um assunto delicado, ou simplesmente pelo pouco tempo de "vida" ou por falta de "divulgação" do fotolog, o /*deadfotologs* ainda não conquistou muitos freqüentadores.

Comentários em português e em espanhol traduzem a indignação com a violência e o medo da morte.

- *www.fotologbr.com.br/luizinho*

Suicídio anunciado. Foi o que fez o flogger /*luizinho*, Luiz Henrique, 15 anos, que "postou" uma foto em seu fotolog poucos minutos antes de pular do 17º andar do edifício onde morava com a família, em São Paulo, capital, em 13 de março de 2005.

O motivo do suicídio fica claro ao visitarmos seu fotolog. Luiz Henrique se matou por não sentir correspondido seu amor por "Ka", uma amiga com quem havia namorado.

Dias antes de se matar, /*luizinho* já deixava claro em alguns "posts" a possibilidade de cometer suicídio. Em um dos "posts", dois dias antes de se matar, o adolescente aparecia desenhando com uma faca a frase "Ka, eu te amo" em seu braço.

A frase que definia seu fotolog, "merda de vida", escrita em letras vermelhas, corria pela tela como um letreiro digital, como que anunciando uma morte premeditada.

Abaixo da última foto de /*luizinho* segue a frase, quase incompreensível: “ai vcs tão vendo a ultima fotu de um mlk qera fmx mais q se mato por amor ka nunca vo te esquece lembra sempre de mim adeus”.

A ex-namorada, apontada por /*luizinho* como a responsável pelo seu suicídio, e “difamada” pelos visitantes mais agressivos do fotolog, deixou o seguinte comentário:

> Por: kah | Data: 1/8/2005 00:46:53 |
> viu por sua causa tem um monte de gente q fica me enchendo saco pqp. eu quero viver minha vida droga nao tenho culpa se vc fez isso .. isso foi problema seu ta....e vc tbm parem de me encher bando de fdp q nao tem oq fazer....ass- kah

Devido à grande quantidade de comentários agressivos, alguns amigos sugeriram que alguém tirasse do ar o fotolog de /*luizinho*, mas uma amiga se negou a apagar uma parte da história do adolescente que era “contada” ali.

> Por: kausinhaaa | Data: 18/3/2005 20:05:19 |
> Oie Galeris...
> Poxa! naum posso desativar u fotolog dele
> pois todos os momentos dele esta aki ...
> tanto os bons cm os ruins ... acho que eu naum tenhu esse direito ....
> me desculpa naum posso e naum vou fazer isso !!!

- *www.fotolog.net/lekakerr*

Os fotologs resistem à morte de seus donos e continuam atraindo visitantes e mantendo e estabelecendo novos laços entre seus freqüentadores.

Elena Kerr tinha 18 anos quando morreu, vítima de leucemia, em setembro de 2004. Entretanto, o fotolog que ela mantinha, */lekakerr*, continuou “vivo” e é periodicamente atualizado pela sua mãe.

Os amigos e parentes de Elena não deixaram de freqüentar seu fotolog, que se transformou em uma espécie de instrumento para se manter “em contato” com ela.

No fotolog não há fotos que denotam tristeza ou que revelam mais da doença de Elena do que os lenços que ela usava para esconder a queda dos cabelos. Após sua morte, a mãe de Elena, Eloísa Kerr, continuou “postando” fotos da filha quando ainda era criança e já com leucemia.

Além de servir como uma catarse coletiva, uma forma de compartilhar os sentimentos sobre a morte de Elena, o fotolog é usado por seus parentes para avisar os amigos sobre missas e outras homenagens em memória da jovem.

> eloisa kerr @ 2005-03-01 23:09 said:
> oi queridos, dia 6/3 seria o 19º aniversario da Lele; estamos marcando uma missa às 17 hs no Colegio Sta Marcelina e depois marcamos uma pizza na Pizzaria da Vinci da rua Cardoso de Almeida 1046 para encontrar os seus amigos, e distribuir para todos uma lembrança que foi dela. até lá com um abraço.
>
> eloisa kerr @ 2005-03-01 23:13 said:
> oi gente,estamos programando algumas atividades em memoria da minha filha Elena Kerr durante este ano,através da comunidade "Saudades da Elena" para que todo seu exemplo de luta, carinho dos amigos e amor pela vida sejam sempre celebrados pelos que a conheceram.
> Aguardamos a sua adesão:
> http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=630396
> Bjinhos, Eloisa Kerr”

- *www.fotolog.net/irish_girl*

Desde que criou seu fotolg, em outubro de 2003, a estudante de jornalismo Bruna, */irish_girl*, parecia pedir socorro a cada “post”. Imagens e desenhos que ela mesmo fazia, além de suas confissões sobre a depressão e as várias tentativas de suicídio, deixavam evidente que a qualquer momento */irish_girl* iria conseguir se matar. Aconteceu em 13 de abril de 2005.

Pelos menos em dois de seus “posts” Bruna conta como tentou se suicidar.

No dia 5 de junho de 2004 */irish_girl* “postou” uma foto na qual havia vários comprimidos de tamanhos e cores diferentes em uma língua estirada e o seguinte texto:

> Essa boca não é minha, mas eu fiz o mesmo só que com 33 remedios diferentes, Alcadil 2mg / remerom 30 mg / stilnox / arcaliom .....todos misturados com uma mini garrafa de vodca. tomei tudo e bebi tudo, foi a primeira vez q bebi, acho que fiquei falando merda demais e minha mãe se ligou que eu tinha feito algo. Fui para emergencia e terminei na UTI, me fizeram uma lagajem estomacal, colocaram 750 ml de soro elo meno nariz e depois 1l de carvão tbm pela mesma sonda q passava pelo nariz e dava no estomago, sai no fim da tarde do dia seguinte e agora estou em casa "bem". queria que tivesse dado certo, queria que nao, so sei que to mais confusa do que estava antes....Bru

Em 16 de setembro de 2004, juntamente com uma foto onde aparece um pulso cortado cercado de sangue e ao lado de uma navalha, foto novamente “postada” em 27 de março de 2005, ela escreveu:

> tentei de novo, por que? nem eu sei, resultado: 4 pontos no braço direito, e 2 no esquerdo:(

Dois meses antes, em julho de 2004, dia de seu aniversário, */irish_girl* “postou” uma foto em que aparecia em preto e branco enquanto a paisagem ao fundo estava com suas cores preservadas. No texto ela desabafou:

> Hoje 04 de julho de 2004 faz exatamente 22 anos que vim parar nisso, que chamamos de mundo. Nesse país de miseráveis, nessa cidade que mais parece uma província. Sei que dizer que, eu não pedi para nascer é um dos maiores clichês que há, mas fazer o que?!
> Não pedi mesmo, não suporto minha vida.....22 de que? me pergunto? Comemorar o que?
> O mundo pode ate ser colorido la fora mas eu estou morrendo por dentro.

A foto de publicação mais recente no fotolog de */irish_girl* foi “postada” por sua irmã no dia seguinte à sua morte, acompanhada do texto abaixo:

> Em nome da família de Bruna, estou aqui para agradecer a todos aqueles, próximos ou não, que a ajudaram neste último ano. Bruna vinha passando por momentos difíceis, como todos sabem. Ela sempre tentava ser livre, mas nunca conseguia. Ontem, 13/04/2005, a IRISH GIRL OU IRISH SOUL, se foi.
> Agradecemos o apoio e a atenção dada a ela.
> Esperamos que todos se cuidem da melhor forma possível.
> A IRISH SOUL sempre estará com a gente não importa onde.
> A Irish sempre será Irish e o Soul sempre será livre.
> Aqui fica a minha homenagem a minha irmã: Veita, eu sempre te amei do meu jeito. E te amarei para sempre. Estarás sempre em mim.

Antes de */irish_girl* se suicidar, floggers que ela nunca chegou a conhecer pessoalmente, mas que acompanharam sua luta contra a depressão, deixavam comentários em seu fotolog tentando convencê-la de que a morte não era a melhor saída.

“Cibercelebridades” – “Fama” na Internet chega às ruas (Anexo E – Pág. 133)

Não é preciso ser rico, nem magro, nem bonito, nem ter algum talento especial para se tornar conhecido no ciberespaço. Apesar de pertencer ao conjunto geral da cultura, o ciberespaço é como “um mundo paralelo”, com regras e linguagem próprias, e, o que é mais importante para o nosso estudo, também com suas próprias personalidades, gente que se torna famosa por caminhos diversos daqueles que trilham as “personalidades” do mundo *off-line* (fora da Internet).

Dois dos mais “badalados” floggers do Brasil, “Dona Arlinda” e “Garoto Saco”, fogem à fôrma em que geralmente se enquadram as personalidades que povoam as páginas de qualquer publicação impressa voltada para as “fofocas”.

Assim como eles, muitos floggers conquistam prestígio através de seus fotologs, como é o caso dos que ilustram as “capas” das “revistas” que parodiam no “universo dos fotologs” publicações impressas de prestígio, como as revistas “QUEM” (www.fotolog.net/2323) e “CARAS” (www.fotolog.net/revistacaras).

- *www.fotolog.net/donaarlinda*

Um dos fotologs mais conhecidos e, conseqüentemente, visitados do Brasil é o fotolog de uma senhora de 79 anos, conhecida na Internet como “Dona Arlinda”.

O fotolog de “Dona Arlinda”, que tem como frase principal “Ser idosa é ser feliz”, já foi tema de reportagens em diversos veículos de comunicação, como as revistas Capricho, Isto É Gente e Consumidor Moderno; os jornais Folha de São Paulo, O Dia, Extra, Diário de São Paulo, A Gazeta; os sítios da Brasnet, Idade Maior, Ramal Brasil do Japão, Último Segundo e Web News.

O espaço reservado para comentários no fotolog de “Dona Arlinda” sempre está cheio. Os milhares de fotologs que adicionaram a “vovó mais querida do mundo” como fotolog “favorito”[68], elogiam as fotos e a vitalidade da paraibana e deixam mensagens carinhosas, nas quais ela é tratada por “voinha” ou “vovó”. Muitos assinam como “seu

[68] No dia 13 de agosto de 2005 “Dona Arlinda” já havia sido adicionada como fotolog “favorito” por 22.001 floggers e possuía na sua lista de favoritos 6.320 fotologs.

netinho querido” e mostram interesse no cotidiano da avó. O comentário transcrito a seguir é um bom exemplo:

> uirah @ 2005-08-15 10:36 said:
> DOna AulinDA!!!!
>
> Nossa q linda!!!... como adoro te ver no seu dia a dia simples e cativante... eu adoro as suas fotos fazendo compras, são melhores, me fazem lembrar da epoca q eu ia ao supermercado c0om minha avó!
>
> pouxa eh dificil comentar q qdo comento bate ateh um nervosinho.... d naum saber direito o q dizer, uma oportunidade taum rara!!!
>
> enfim
>
> ... um boa semana pra vc tb dona arlinda!!
>
> ser idosa eh ser feliz!!!

As fotos apresentam a aposentada nordestina em atividades corriqueiras como a ida ao supermercado, os preparativos para o almoço do domingo ou os cuidados com as plantas do jardim de sua casa. O cotidiano da “vovó” é acompanhado geralmente por três fotos diárias. Há fotos de “Dona Arlinda” se preparando para ir à igreja, caminhando na praia, abrindo o guarda-roupas e até dando entrevistas para programas de televisão sobre o sucesso de seu fotolog.

De acordo com a matéria publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 18 de fevereiro de 2004, o fotolog de “Dona Arlinda” recebeu quase 50 mil visitantes em menos de 20 dias, sem nenhuma divulgação.

> O site de dona Arlinda (www.fotolog.net/donaarlinda) recebe por dia 600 comentários derretidos como "você é muito fofa" e "adoro a senhora" e foi adicionado como favorito em 5.000 outros álbuns virtuais.
>
> Arlinda não sabe usar o computador. Mas diz que já sente o gosto da fama. "Às vezes vou ao mercado e o povo me olha com uma cara estranha", cisma ela. [69]

A partir da observação dos comentários feitos à terceira foto “postada” no dia 17 de maio de 2004 no fotolog de “Dona Arlinda” é fácil perceber os costumes e/ou “deveres” de um “bom fotologger”. No caso de uma fotologger de “prestígio”, como a

[69] www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1802200409.htm

vovó paraibana, os visitantes de seu fotolog, após elogiarem as fotos e demonstrarem carinho pela “Dona Arlinda”, pedem para terem seus fotologs adicionados à lista de “favoritos” daquele fotolog “famoso” ou apenas que “Dona Arlinda” visite seus fotologs e deixe uma mensagem.

> larinharibeiro87 @ 2004-05-17 21:39 said:
> vóinhaaaaaaaa!!!
> me adiciona???
> beixooooosssss :*******
>
> taisinha_usa @ 2004-05-17 21:44 said:
> Legal seu floguim da uma passada no meu. Eh ta muito famosa ein, heheh:)
> Bjusss
> Taís
>
> alineb @ 2004-05-17 21:45 said:
> Lindah!
> Posta nu meu!
> Beijos
>
> larissaramalho @ 2004-05-17 21:45 said:
> OOOIEEEEEE ate q fim consegui postar aki =DD adorei a entrevista da senhora no jornal :) me adiciona por favor bjosssssss
>
> gigicabral @ 2004-05-17 21:46 said:
> Dona Arlinda!!!!!!
> Eu amúúúúú a senhora...
> Vc eh linda!!!
> Me adiciona,vai??!!!!
> Bxinhúú

- *www.fotolog.net/garoto_saco*

Ninguém conhece seu verdadeiro nome ou seu rosto, mas isso não impediu que o flogger paulistano que criou o /*garoto_saco* alcançasse “fama” no ciberespaço. Ele nunca “apareceu” no fotolog, porém, imprimia muita personalidade ao protagonista do /*garoto_saco*, que tinha corpo humano e cabeça feita com saco de papel.

A brincadeira durou apenas um ano. De janeiro a dezembro de 2004 foram “postadas” cerca de 540 imagens, a maioria mostrando o /*garoto_saco* em situações cotidianas, como a ida ao dentista, a hora do banho ou a inauguração do seu próprio *chat*.

O flogger fazia nos sacos de papel desenhos com diferentes expressões que imprimiam no “rosto” do /*garoto_saco* as emoções que ele vivenciava a cada situação, como raiva, medo, tristeza, fome, cansaço e sono.

No seu primeiro “post”, no final de janeiro de 2004, o /*garoto_saco* escreveu:

> oi. eu sou o garoto saco. eu quero ser seu amigo. eu sou muito interessante. me acompanhe...

A idéia funcionou e, já em abril de 2004, o fotolog /*garoto_saco* chegou a receber 100 comentários em apenas 11 minutos para a foto onde aparecia com um boneco do pinóquio e a seguinte frase:

> o pinocchio me disse que a fada do carvalho
> vai transformar a gente em menino de verdade!
> ueba![:)]

O /*garoto_saco* conquistou centenas de “fãs” e também o coração de uma flogger que, assim como ele, também não mostrava o rosto. Em julho de 2004 ela criou o www.fotolog.net/fandogarotosaco dedicado ao seu amor pelo /*garoto_saco*, que foi abandonado na mesma época em que o ídolo deixou o fotolog. O primeiro “post”, em julho de 2004, dizia:

> Nussa! Finalmente consegui fazer um fotolog! Valeu, Marla por me ajudar! Bem, este fotolog é pra fazer uma homenagem para o nosso tão querido Garoto-Saco! Garoto-Saco, WE LOVE YOU!!!

O /*garoto_saco* foi ainda “capa” da “Revista CARAS” voltada para os fotologs, porém, apesar da “fama” no ciberespaço, em 27 de dezembro de 2004, o personagem se despediu do fotolog dizendo que “nem ele acreditava mais e que era um menino de verdade”.

Os “posts” do /*garoto_saco* sempre terminavam com a frase “gosto de você! [:)]”, que se tornou a “marca” do fotolog e se transformou em slogan para camisetas[70].

[70] As camisetas do /*garoto_saco* eram vendidas no sítio www.trezetamusik.com.

- *www.fotolog.net/2323 (“Revista QUEM”) e*
  www.fotolog.net/revistacaras (“Revista Caras”)

Um demonstrativo do quão conhecidos e “famosos” se tornam alguns personagens do ciberespaço é o surgimento de fotologs que tentam reproduzir na Internet o mesmo ambiente de *glamour*, e, principalmente de diz-que-me-diz, que existe em torno de pessoas “famosas” fora da Rede.

Os fotologs “Revista Caras”[71] e “Revista QUEM”[72] – que imitam o título e o “layout” de revistas impressas que circulam fora do ciberespaço – “publicam” fotos de floggers que possuem algum destaque – embora diferente do que é exigido para se alcançar a “fama” fora da Internet –, seja pela beleza, pelo visual exótico, por suas ações (viagens, casamentos etc.), pela originalidade de seu fotolog ou simplesmente por, de alguma forma, terem se tornado conhecidos de muitos floggers.

Diferentemente das revistas verdadeiras, a “Revista QUEM” e a “Revista Caras” que “circulam” na Internet expõe detalhes da vida de pessoas aparentemente comuns, como o relacionamento com os pais, a viagem no final de semana para Angra dos Reis ou o início de um relacionamento amoroso entre dois floggers.

As fotos, que são seguidas de uma frase, e às vezes de uma entrevista da “personalidade” em destaque no formato pingue-pongue, são apresentadas como de fato apareceriam na capa das revistas “verdadeiras”, a “Caras” e a “Quem Acontece”.

O texto sobre o fotolog da “Revista Caras” traduz bem o espírito do site:

> Revista Caras
>
> Dedicada as pessoas bem sucedidas do Fotolog!
> Existe revista + comédia que CARAS!?
> Onde todo mundo é feliz, nosso país um paraíso hehe tinha que tirar uma dessa elite!
> Acreditamos em algo maior que os olhos não podem ver, pobre é o diabo, que ama a luxúria e a soberba; ser o melhor. Fazemos essas capas para demonstrar que as pessoas não precisam estar na mídia para ser alguém.
>
> "Eu Sou O Que Sou" Deus (êxodos 3:14)

[71] www.fotolog.net/revistacaras
[72] www.fotolog.net/2323

Quem figura em uma das capas da “Revista QUEM” ou da “Revista Caras” faz questão de mostrar que alcançou “fama” no “universo dos fotologs” e inclui “*links*” em seu fotolog para a edição da revista na qual foi destaque. Como um círculo vicioso, o fotolog fica cada vez mais conhecido, o que pode provocar uma nova “aparição” nas “revistas”.

É interessante constatar que o desejo de conquistar “assinaturas” de floggers “famosos” para as seções de comentários dos fotologs pode ser comparado ao esforço que os fãs de pessoas publicamente conhecidas fora da Internet fazem para obter um autógrafo do ídolo. *“Me add, por favor”*.

VI - Conclusão

Um tempo em tensão se configura na contemporaneidade. O tempo veloz das tecnologias, do espaço da verticalidade, da produção, coexiste com o tempo lento do espaço da verticalidade, do banal. Esta tensão interfere, sobremaneira, na nossa forma de perceber o tempo e o espaço e deixa uma marca indelével na sociabilidade contemporânea.

A observação do nosso objeto empírico neste trabalho, os fotologs, e da formação das redes de sociabilidade no "ambiente" do ciberespaço, veio corroborar com a nossa hipótese de que a coesão social na contemporaneidade é estruturada em redes e marcada pela tensão entre o tempo veloz das tecnologias e o tempo lento que se constrói na banalidade, no cotidiano.

O fotolog, que por pertencer ao "espaço" da Internet é permeado pelo tempo da hipervelocidade, dos microprocessadores, também é o "lugar" da lentidão, do "investimento lento do tempo" dos floggers na produção de "posts" e na manutenção de sua rede de sociabilidade através da retribuição de comentários aos que freqüentam seu fotolog.

A partir da observação dos fotologs, podemos confirmar a hipótese defendida por nós neste trabalho de que vivemos uma volta do ideal comunitário, o desejo de uma conexão permanente com o mundo e com o outro e de se sentir pertencente a um grupo afim.

Constatamos que a identificação com "estilos de vida", a partilha de emoções e intimidades e a valorização da "história miúda" são as principais características desta sociabilidade comunitária que ganha força em um mundo onde a comunicação é cada vez mais mediada por computadores.

O surgimento do que chamamos de tribos, ou de novas imagens de comunidade, levou-nos a rever a idéia defendida por alguns sociólogos, como Wirth, de que a comunidade, caracterizada pela formação natural dos laços sociais, estaria dando lugar à sociedade, marcada pela separação orgânica dos indivíduos que a compõem.

Em lugar desta tendência ao pensamento evolucionista, depreendemos um novo conceito para a comunidade na atualidade. Um conceito de tal espectro que pode

abarcar em seus limites as formas de sociabilidade que se afiguram na contemporaneidade e que, conseqüentemente, como não poderia deixar de ser, também "povoam" o ciberespaço.

Nossa reflexão foi apoiada nos trabalhos de teóricos que pensam a sociabilidade contemporânea, a exemplo de Maffesoli, Rheingold e Lemos, que entendem que os grupos que se utilizam da mediação do computador para se manter ou mesmo existir constituem verdadeiras comunidades. Acreditamos, assim como estes autores, que as "comunidades virtuais" possuem uma forte "dimensão afetual" e que, somados ao estilo de vida, ao cotidiano partilhado, encontramos no cerne de sua coesão a comunhão de temas, interesses e idéias comuns aos participantes dos grupos, e ainda – e o que para nós parece ser de suma importância –, a partilha de sentimentos.

Refutamos, portanto, o julgamento feito por Francisco Rüdiger, que critica o uso da expressão "comunidade virtual" por entender que os grupos sociais formados na Internet não possuem as características da definição clássica de comunidade na Sociologia, que incluiriam relações mais orgânicas e tradicionais.

Fundamentados principalmente pela obra de Maffesoli, entendemos, ao fim deste trabalho, que realmente vivemos agora uma volta da "*libido sentiendi*", ou seja, um retorno da empatia, do desejo comunitário, da emoção, da vibração em comum.

O que importa agora é estar conectado, pertencer, "aquecer-se" com o "toque" do outro e com ele compartilhar emoções, estilos de vida, em busca de um estar-junto que não prevê contratos, nem precisa perseguir objetivos precisos. E os fotologs se apresentam como "espaços" para esta "troca", para a formação e/ou manutenção destas redes de sociabilidade.

Corroboramos, neste nosso trabalho, com a idéia defendida por Maffesoli de que a sociabilidade contemporânea tem como subsolo um ideal comunitário, ou tribal, renascente, no qual a imagem, o presenteísmo, o hedonismo, a valorização da forma e da estética desempenham um papel fundamental, como podemos observar no exame dos 20 fotologs escolhidos para nossa análise.

Confirmamos ainda que surge na contemporaneidade um "estilo tátil", que nos leva a desejar o "toque" do (e no) outro, e que há ainda, uma revalorização da história pequena e do cotidiano que favorece a partilha afetiva e reforça os laços de identificação entre os participantes de um determinado grupo, bem como o sentimento de pertença.

Observamos, assim como Maffesoli, que uma tendência à lógica da identificação ganha força em lugar de uma lógica da identidade, conferindo um caráter cada vez mais eletivo às comunidades contemporâneas. Busca-se atualmente a sensação de pertença, o estar-junto por afinidades, o sentir-se em comunhão com grupos que partilham sentimentos, estilos de vida e, sobretudo, “calor”. Daí a proliferação de comunidades dentro e fora do ciberespaço.

Mas, por que manter “nós” tão apertados nas redes de sociabilidade? Não, não é necessário fechar portas e janelas para novos relacionamentos. Os “laços” são mantidos apenas enquanto capazes de oferecer bem-estar, de “aquecer”. O nó que está deslocado, que não serve mais à rede social não precisa, nem deve, ser mantido. O tempo de duração das redes de sociabilidade, o tempo de permanência nos grupos, não é imposto de fora para dentro, por regras socialmente aceitas. Cabe a cada grupo construir sua forma particular de percepção do tempo.

Com forma reticular, a sociabilidade contemporânea vale-se também do ciberespaço para expandir sua “teia” sobre o mundo inteiro, e os fotologs funcionam como “teares”, “agulhas”, na tecitura destas redes no “espaço” da Internet.

Na Internet, os floggers podem ser considerados como verdadeiros costureiros destas “redes”. Daí participarmos da idéia de Maia, que defende que surgem agora novos “agentes de comunicação”, a exemplo das “cibercelebridades”, como “Dona Arlinda”, “Garoto Saco” e “Sinistra”, que, através de seus fotologs, servem de mediadores entre o tempo veloz e o tempo lento e exercem um poder de atração, agregando milhares de pessoas em comunidades que se formam no (e através do) ciberespaço.

Dentro e fora da rede mundial de computadores, as novas tecnologias no campo da comunicação possuem um papel de destaque nas importantes mudanças que se esboçam atualmente na sociabilidade e nas formas de percepção das categorias tempo e espaço.

Reconhecemos que o surgimento e difusão de uma nova tecnologia provoca mudanças profundas em todos os níveis da sociedade – um fenômeno que pode ser observado desde o início da história da humanidade. Foi assim com a invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa, com a descoberta da eletricidade e com o

desenvolvimento das tecnologias no campo das comunicações que deram origem ao telefone, ao rádio, à televisão, aos satélites, aos computadores pessoais e à Internet.

O nosso intento não é eleger a tecnologia como principal motor das mudanças sociais, como força dominante que nos “aprisiona” e que nos tornaria, em um futuro não muito distante, escravos de nossas próprias criações.

As transformações sociais são muito complexas e sutis para serem explicadas apenas sob o prisma das mudanças nos meios de comunicação. Mudanças sociais envolvem interações entre forças culturais, econômicas e sociais, bem como influências científicas e tecnológicas, ou seja, há uma ação recíproca entre fatores técnicos e sociais.

Qualquer mudança tecnológica produz alguma transformação social. E algumas dessas transformações são muito difundidas. Contudo, a tecnologia é apenas um entre os numerosos fatores das mudanças nos campos social e individual. Em uma sociedade onde a forte interação entre o campo social e fatores econômicos está evidentemente presente, é impossível justificar uma insistência na tecnologia ou na mídia como fatores determinantes das transformações sociais.

VII – Bibliografia

BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Senhas*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização*: as conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Comunidade* : a busca por segurança no mundo atual. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Amor líquido:* sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*: a era da informação: economia, sociedade e cultura. 7. ed. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.

DUARTE, Emeide Nóbrega; NEVES, Dulce Amélia de B.; SANTOS, Bernadete de L. O. dos. *Manual técnico para realização de trabalhos monográficos*: dissertações e teses. 4. ed. atual. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 2001.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. v. 2.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v.1.

_____. *Sobre o tempo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. Rio de Janeiro: Britannica do Brasil, 1986. v. 18.

FRIDMAN, Luís Carlos. *Vertigens pós-modernas*: configurações institucionais contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HEIM, Michael. Virtual realism. In: LARRETA, Enrique Rodriguez. *Media and social perception*. Rio de Janeiro: UNESCO/ISSC/EDUCAM, 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JAGUARIBE, Hélio. Tempo e história. In: DOCTORS, M. (org.). *Tempo dos tempos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (Orgs.). *Janelas do Ciberespaço - Comunicação e Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2000.

LEMOS, André. *Cibersocialidade* : tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/artigos.html>. Acesso em: 22 jul. 2003.

_____. *As estruturas antropológicas do ciberespaço*. Textos de Cultura e Comunicação. n. 35, jul.1996. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/estrcy1.html>. Acesso em: 20 jun. 2004.

_____. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. *Revista Razón y Palabra*, México, N. 41, out.-nov. 2004. Disponível em: <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html >. Acesso em: 27 jul. 2005.

LÉVY, Pierre. *Que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos* : O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. *No fundo das aparências*. Tradução: Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis,RJ: Vozes, 1996.

_____. *A transfiguração do político*: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. *A parte do diabo. Resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

MAIA, João. Comunicação e comunidade na cidade do Rio de Janeiro: as costureiras da Mangueira. In: LUSOCOM – CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO EM CONGRESSO NA COVILHÃ, 2004, Covilhã-Portugal. *Anais*... Covilhã-Portugal, 2004.

_____. Deslocamentos e circulações nas cidades: a história dos deslocamentos modernos e da mobilidade e circulação abertas na contemporaneidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte (MG). *Anais*... Belo Horizonte (MG): INTERCOM, 2003.

MANUAL de normas para apresentação de monografia. . 2 ed. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social, 2003. 50 p.

MAZLISH, Bruce. *The fourth discontinuity*: the co-evolution of humans and machines. New Haven: Hardcover, 1993

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. *Na malha da rede*: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

PAMPANELLI, Giovana. A evolução do telefone e uma nova forma de sociabilidade: o Flash Mob. *Revista Razón y Palabra*, México, n. 41, out.-nov. 2004. Disponível em: <http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/gazevedo.html>. Acesso em: 27 jul. 2005.

RHEINGOLD, Howard. *A comunidade virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

RÜDIGER, Francisco. *Elementos para a crítica da cibercultura*: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação. São Paulo: Hacker, 2002.

SÁ, Simone Pereira de; ENNE, Ana Lúcia (orgs.). *Prazeres digitais*: computadores, entretenimento e sociabilidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

_____. *Subjetividade e novas tecnologias de comunicação*: elementos para a crítica do pensamento contemporâneo. Disponível em: <http://members.fortunecity.com/franrudiger/Mat8.htm>. Acesso em: 29 jul. 2003.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *A natureza do espaço*: técnica e tempo; razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI*: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem púbico*: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico*: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SIMMEL, Georg. Requisitos universais e axiomáticos da sociedade. In: FERNANDES, Florestan. *Comunidade e sociedade*: Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Ed. Nacional : EdUSP, 1973.

_____. A metrópole e a vida mental, In: VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, Florestan. *Comunidade e sociedade*: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Ed. Nacional : EdUSP, 1973.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. *Comunidade e sociedade*: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Ed. Nacional : EdUSP, 1973.

WHITROW, G. J. *O tempo na história*: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

WIRTH, Louis. Delineamento e problemas da comunidade. In: FERNANDES, Florestan. *Comunidade e sociedade*: Leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Ed. Nacional : EdUSP, 1973.

Sites na Internet

Santo Daime. Lista de discussão aberta a fardados (fiéis "batizados") e não-fardados. Disponível em: http://groups.yahoo.com/group/daime. Acesso em: 20 jul.2004.

www.brazileirapreta.blogspot.com. Acesso em: 13 jun.2004.

http://www.observatorio.ufmg.br/pas39.htm. Acesso em: 5 ago. 2005.

HTTP://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1802200409.htm. Acesso em: jun. 2004.

www.trezetamusik.com.

www.fotolog.net>./ Acesso em: 13 ago. 2005.

<www.camlog.net>.

www.flogbrasil.terra.com.br

www.flogs.com.br

www.buzznet.com

http://www.fotolog.com.br/sabrina

http://www.fotolog.com.br/donaarlinda

www.fotolog.net/hands

www.fotolog.net/foot

www.fotolog.net/eye

www.fotolog.net/maucouti

http://www.fotolog.com.br/lekakerr

www.fotolog.net/irish_girl

www.fotolog.net/garoto_saco

www.fotolog.net/sinistra

www.fotolog.net/2323

www.fotolog.net/revistacaras

www.fotolog.net/loba_mah

www.fotolog.net/fotodogs

www.fotolog.net/kisses

www.flickr.com/groups/35237093347@N01/

www.fotolog.net/helenbar

www.fotolog.terra.com.br/malugallegos

www.fotolog.net/tatooland

www.fotolog.net/rio

www.fotolog.net/metro

www.fotolog.net/d_d_k

www.fotolog.net/ploc80s

www.fotolog.net/esperanca

www.fotolog.net/deadfotologs

www.fotologbr.com.br/luizinho

www.fotolog.net/hair

www.fotolog.net/maisgatas

www.fotolog.net/rio

www.fotolog.net/olinda

www.fotolog.net/novayork

www.fotolog.net/tijuca

www.fotolog.net/cypher

www.fotolog.net/my_room

www.fotolog.net/feiosos

www.fotolog.net/deadfotologs

www.fotolog.net/marimoon